

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
ICHI- Instituto de Ciências Humanas e da Informação  
Programa de Pós-Graduação em Geografia

Paula Florencio Ramires

**Dimensão Humana da Qualidade Ambiental:**

**Balneário Cassino, Rio Grande-RS.**

RIO GRANDE

2011

Paula Florencio Ramires

**Dimensão Humana da Qualidade Ambiental:**

**Balneário Cassino, Rio Grande-RS.**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para a obtenção do título de mestre na área de Análise Ambiental sob a orientação do Prof. Dr. Pedro de Souza Quevedo Neto.

RIO GRANDE

2011

Paula Florencio Ramires

**Dimensão Humana da Qualidade Ambiental:**

**Balneário Cassino, Rio Grande-RS.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para a obtenção do título de mestre na área de Análise Ambiental.

Rio Grande, 13 de setembro 2011.

À comissão Examinadora:

---

Prof. D<sup>f</sup>. Pedro de Souza Quevedo Neto (FURG/Rio Grande)  
(Presidente-Orientador)

---

Prof<sup>a</sup>. D<sup>ra</sup>. Magda Adelaide Lombardo (UNESP/Rio Claro)

---

Prof<sup>a</sup>. D<sup>ra</sup>. Rosa Elena Noal (UFPEL/ Pelotas)

---

Prof<sup>a</sup>. D<sup>ra</sup>. Daniela Coswig Kalikoski (FURG/Rio Grande)

## **Agradecimentos**

Agradeço ...

À minha fé que sempre me moveu e me move, pois sem ela com certeza não teria continuado minha caminhada na busca pelos meus ideais;

À minha amada família, aos meus pais; irmãos e sobrinhos pela compreensão e pelo apoio que sempre me deram, que junto da minha fé foram minha base para conquistar meus ideais e ir sempre em busca daquilo em que acredito;

Aos meus amigos pelo carinho e solidariedade durante estes anos, pelo ombro nas horas difíceis em que a caminhada parecia ser insuportável, pelos risos, gargalhadas que me fortaleciam e me faziam seguir em frente;

Ao meu amado orientador que na relação de amor e ódio muito me ensinou, por me acalmar nos momentos de aflição e angústia pelas dificuldades encontradas durante o processo de pesquisa, pela paciência de Jó que teve comigo;

À receptividade, ao carinho e contribuição dos moradores entrevistados do Cassino;

Aos Órgãos Públicos, Secretaria Especial do Cassino; Corpo de Bombeiros do Cassino, e Entidades do Cassino, Núcleo de Educação Monitoramento e Ambiental - NEMA; Sociedade Amigos do Cassino – SAC, pela atenção, disposição em me receber e me conceder entrevista;

À Chefe da Agência Rio Grande do IBGE pela atenção prestada;

Ao Laboratório de Monitoramento da Criosfera – LACRIO, por disponibilizar o software ArcGis 10;

À Capes pela Bolsa de mestrado, contribuindo para a realização da pesquisa e pela disseminação das informações desta;

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia que sempre foram solícitos;

Aos professores do PPGeo pelas discussões em sala de aula que muito contribuíram na minha pesquisa e

À minha Banca Examinadora, composta pelas Prof<sup>as</sup> Magda A. Lombardo, Daniela C. Kalikoski e Rosa E. Noal e pelo Prof. Pedro Quevedo Neto.

A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores...

Yi-Fu Tuan (1980)

## **Resumo**

Visando contribuir com o planejamento ambiental esta pesquisa teve como objetivo avaliar a qualidade ambiental urbana percebida do Balneário Cassino. Fundado no final do século XIX com a finalidade de ser um espaço de lazer da aristocracia local o balneário passou por várias transformações ao longo do tempo, o que repercutiu na qualidade ambiental e de vida da população. Atualmente a implementação/estabelecimento do pólo naval traz novos desafios para a população local e para o poder público no sentido de reverter as repercussões negativas resultantes das transformações da paisagem ocorridas até então e manter a qualidade ambiental diante das novas mudanças em curso. Ao revelar a dimensão humana da qualidade ambiental do Balneário Cassino e o seu comportamento espacial, esta pesquisa traz informações que podem ser utilizadas pelos tomadores de decisão para atender aos diferentes anseios e demandas dos grupos sociais (unidades espaciais) constituindo subsídios ao planejamento e gestão do Balneário Cassino. Para alcançar estes objetivos esta pesquisa recorreu às teorias e metodologias do planejamento ambiental e da percepção ambiental, bem como às geotecnologias.

**Palavras-chave:** qualidade ambiental urbana; percepção ambiental; planejamento ambiental; geotecnologias

## **Abstract**

To contribute to the environmental planning this study was to evaluate the perceived urban environmental quality of the Balneário Cassino. Founded in the late nineteenth century in order to be a leisure resort of the aristocracy, has undergone several transformations over time, which had repercussions on the environment and quality of life. Currently the implementation / establishment of the naval center brings new challenges for the local population and for the government to reverse the negative effects arising from changes in the landscape that have occurred so far and maintain environmental quality in the face of new changes taking place. By revealing the human dimension of environmental quality of the Balneário Cassino and its spatial behavior, this research provides information that can be used by decision makers to meet the desires and demands of different social groups (spatial units) are subsidies to the planning and management of the Balneário Cassino. To achieve these objectives this study drew on theories and methodologies of environmental planning and environmental perception, as well as geotechnology.

**Keywords:** urban environmental quality, environmental perception, environmental planning, geotechnology.



## Lista de Figuras

Figura 1 – Esquema dos Sistemas deposicionais da Planície Costeira do Rio Grande do Sul.....	36
Figura 2 – Praça Xavier Ferreira .....	40
Figura 3 – Bonde de tração animal.....	42
Figura 4 – Linha Férrea Rio Grande-Bagé e Rio Grande-Vila Sequeira.....	43
Figura 5 – Visitantes rumo ao Balneário. ....	44
Figura 6 – Mapa com a linha Férrea Rio Grande-Villa Sequeira e o projeto do Balneário.....	46
Figura 7 – Primeiros Chalés e ao fundo observamos o trem que conduzia os passageiros. ....	47
Figura 8 – Salão de jogos do hotel Casino. ....	48
Figura 9 – Camarotes à beira mar.....	49
Figura 10 – Restaurante chalet-buffet .....	50
Figura 11– loteamentos (área em hachura) e expansão (área em preto) do balneário nas décadas de 40 e 50 respectivamente. ....	51
Figura 12 – loteamentos (área em hachura) e expansão na década de 60 e expansão na década de 70 no balneário.....	52
Figura 13 – Expansão do balneário na década de 1980.....	54
Figura 14 – Qualidade Ambiental Urbana: Sub-componentes Espaciais.....	87
Figura 15 – Qualidade Ambiental Urbana: Sub-componente Biológicos. ....	89
Figura 16 – Qualidade Ambiental Urbana: Sub-componentes Sociais. ....	91
Figura 17 – Qualidade Ambiental Urbana: Sub-componente Econômicos.....	92

## Lista de Mapas

Mapa 1 – Localização do Balneário Cassino.....	35
Mapa 2 – Unidades Espaciais e Espacialização dos moradores entrevistados.....	56
Mapa 3 – Localidades do Balneário Cassino.....	59
Mapa 4 – Aspectos positivos do local, Balneário Cassino. ....	61
Mapa 5 – Aspectos Negativos do local, Balneário Cassino. ....	62
Mapa 6 – Aspectos Negativos da Acessibilidade sobre o Balneário Cassino. ....	63
Mapa 7 – Aspectos positivos da Acessibilidade do local.....	64
Mapa 8 – Aspectos Negativos da Acessibilidade das ruas.....	65
Mapa 9 – Aspectos Positivos dos Referenciais das ruas. ....	67
Mapa 10 – Aspectos Negativos de Uso e Ocupação do Solo.....	68
Mapa 11 – Aspectos Negativos de Saúde Física das Casas. ....	69
Mapa 12 – Aspectos Negativos do trânsito no verão. ....	70
Mapa 13 – Aspectos Negativos da Segurança do Lugar. ....	72
Mapa 14 – Aspectos Positivos de Realização Pessoal dos Moradores.....	73
Mapa 15 – Aspectos Positivos de Realização Pessoal entre os turistas/veranistas e moradores. ....	74
Mapa 16 – Aspectos Positivos de identificação dos entrevistados com o lugar.....	75
Mapa 17 – Aspectos Positivos de Contato entre os moradores. ....	76
Mapa 18 – Aspectos Positivos das Atividades (lazer e os eventos culturais). ....	77

Mapa 19 – Aspectos Negativos das Atividades - Lazer e Eventos Culturais.....	78
Mapa 20 – Aspectos Positivos de Acesso e Opções de Transporte.....	79
Mapa 21 – Aspectos Negativos de Acesso e Opções de Transporte. ....	80
Mapa 22 – Aspectos Negativos de Acesso e Opções dos Serviços Sociais. ....	81
Mapa 23 – Aspectos Negativos de Acesso e Opções dos Serviços Urbanos. ....	82
Mapa 24 – Aspectos Positivos de Acesso e Opções do lugar. ....	83
Mapa 25 – Aspectos Positivos de Produtividade dos serviços.....	84
Mapa 26 – Aspectos Positivos de Diversidade dos serviços. ....	85

### **Lista de Quadros**

Quadro 1 – Componentes da Qualidade Ambiental Urbana. ....	32
--	----

### **Lista de Tabelas**

Tabela 1 – Características dos entrevistados da Unidade Espacial BB. ....	57
Tabela 2 – Características dos entrevistados da Unidade Espacial MB. ....	57
Tabela 3 – Características dos entrevistados da Unidade Espacial MM. ....	58
Tabela 4 – Avaliação das residências pelos entrevistados. ....	66
Tabela 5 – Percentual da Rede de Esgoto e coleta de lixo. ....	97

## Sumário

Resumo .....	i
Abstract.....	ii
Introdução.....	13
CAPÍTULO I.....	16
Referencial Teórico-Conceitual .....	16
1.1 Paisagem .....	16
1.2 Percepção Ambiental .....	19
1.3 Qualidade Ambiental e de vida.....	21
1.4 Qualidade ambiental percebida.....	24
1.5 Planejamento e Gestão Ambiental .....	25
CAPÍTULO II.....	29
Metodologia .....	29
2.1 Definição das Unidades Espaciais .....	29
2.2 Qualidade Ambiental Urbana Percebida e Comportamento Espacial .....	30
2.3 Sujeitos Incluídos.....	33
2.4 Análise de Dados .....	34
CAPÍTULO III .....	35
Área de Estudo.....	35
3.1 Contexto Histórico de Rio Grande no século XIX .....	38
3.2 Construção da linha férrea e sua ampliação.....	42
3.3 Fundação da Estação Balnear .....	44
3.4 Expansão do Balneário .....	51
CAPÍTULO IV .....	56
4.1 Análise dos Resultados .....	56
4.2 Caracterização dos entrevistados .....	56
4.3 Caracterização das Unidades Espaciais .....	58
4.4 Análise dos componentes da qualidade ambiental urbana.....	60

4.4.1 Sub-Componentes espaciais da qualidade ambiental urbana.....	60
4.4.2 Sub-Componentes biológicos da qualidade ambiental urbana.....	68
4.4.3 Sub-Componentes sociais da qualidade ambiental urbana .....	72
4.4.4 Sub-Componentes econômicos da qualidade ambiental urbana.....	83
4.5 Qualidade Ambiental Urbana Percebida: Análise da Percepção dos moradores entrevistados .....	86
4.5.1 Sub-Componentes Espaciais da Qualidade Ambiental Urbana.....	86
4.5.2 Sub-Componentes Biológicos da Qualidade Ambiental Urbana .....	89
4.5.3 Sub-Componentes Sociais da Qualidade Ambiental Urbana.....	90
4.5.4 Sub-Componentes Econômicos da Qualidade Ambiental Urbana.....	92
4.6 Discussões dos Resultados.....	93
4.6.1 Discussão dos componentes da qualidade ambiental urbana.....	93
4.6.1.1 Sub-Componentes espaciais da qualidade ambiental urbana.....	94
4.6.1.2 Sub-Componentes biológicos da qualidade ambiental urbana.....	97
4.6.1.3 Sub-Componentes sociais da qualidade ambiental urbana .....	98
4.6.1.4 Sub-Componentes econômicos da qualidade ambiental urbana.....	101
4.7 Discussão sobre a Análise dos Componentes da Qualidade Ambiental Urbana e suas relações.....	102
Considerações Finais .....	106
Referências .....	109

## **Introdução**

Esta pesquisa visa avaliar a qualidade ambiental com ênfase na análise de percepção da população do Balneário Cassino e contribuir para o planejamento ambiental. A partir da percepção dos moradores permanentes do Balneário Cassino pretende-se avaliar a qualidade ambiental e de vida, que são conceitos intrínsecos visto que para ter qualidade de vida é preciso ter qualidade do meio ambiente. Segundo Lombardo (1985, p. 16) “a qualidade da vida está diretamente relacionada com a interferência da obra do homem no meio natural urbano. A natureza humanizada, através das modificações no ambiente alcança maior expressão nos espaços ocupados pelas cidades, criando um ambiente artificial”.

Outra questão da maior importância de acordo com Nahas (2009, p.135) é que o envolvimento da população pode atender à necessidade de que se estabeleça vínculo entre as condições de vida medidas pelos indicadores objetivos e pela percepção da população acerca dessas mesmas condições. Guimarães apud Nahas (2009, p.135-136), diz que “não se pode esquecer que uma melhoria acentuada na oferta, distribuição e acesso a determinados recursos/serviços urbanos só irá significar uma melhoria na qualidade de vida da população na medida em que os indivíduos atribuam valor a tais melhorias”.

O planejamento ambiental tem como meta direcionar o ordenamento territorial visando à qualidade ambiental e de vida da população, Santos (2004, p. 25) lembra ainda que embora grande parte do planejamento seja baseado em fases técnicas, as decisões a serem tomadas dependem daqueles que sofrem ou deverão sofrer as alternativas propostas, dos gerenciadores locais e de todos aqueles que se preocupam com os destinos da região. Enfim, é necessária a participação da comunidade para que seja um processo válido.

Santos (2004) afirma que: “o planejamento ambiental implica na necessidade de informações para a elaboração de diagnósticos e constitui-se num procedimento preponderantemente espacial”. Então, é preciso espacializar a informação do

diagnóstico a fim de identificar as áreas onde há ou não determinados atributos que contribuam para a qualidade ambiental, sendo necessários recursos humanos capazes de utilizar os recursos técnicos para realizar tal procedimento.

Como o objetivo do planejamento é o ordenamento do território, visando a melhoria da qualidade ambiental é fundamental a inserção da percepção dos moradores. Visto que cada sujeito atribui valor distinto ao ambiente em que mora, mostrando como cada um se relaciona com este lugar (MACHADO, 1996).

Para Machado apud Rossato (2006, p.20), a qualidade de meio ambiente, é em parte, objeto da percepção humana, portanto subjetiva, pois a organização dos elementos naturais e artificiais possibilita, através do arranjo de diferentes concepções paisagísticas, o gosto ou repúdio ao meio ambiente. Logo, a qualidade ambiental vai além da questão subjetiva, do gosto ou do repúdio pela paisagem, envolve a organização do espaço, das relações de produção desse espaço.

O Balneário Cassino fundado no final do século XIX com a finalidade de ser um espaço de lazer da aristocracia local, da época, foi idealizado em estilo europeu. A partir de 1940 houve a oferta de loteamentos residenciais, chamados Vilas, para suprir da demanda habitacional ocasionada pelo fluxo migratório de outros municípios do Rio Grande do Sul atraídos pela oferta de empregos. Parte dessa mão-de-obra foi assentada em terrenos próximos ao núcleo original do Balneário, descaracterizando a sua função, lazer da elite local.

Observa-se, portanto um reflexo na paisagem do Balneário Cassino dos fatores econômicos que ocorrem no município de Rio Grande como o que está acontecendo agora, no início do século XXI, em virtude do pólo naval, com a construção de edifícios e fracionamento do terreno com deixando expresso no espaço as relações sociais.

A pesquisa teve como **objetivo geral analisar** a dimensão humana da qualidade ambiental do Balneário Cassino como subsídio para o planejamento ambiental. Os **objetivos específicos** foram: **estabelecer** unidades espaciais a fim de avaliar a

qualidade ambiental por grupos sociais distintos; **identificar** a percepção dos moradores do Balneário Cassino sobre a qualidade ambiental; **espacializar** as informações sobre a percepção ambiental das unidades espaciais. Espera-se que os resultados da pesquisa sirvam de subsídio ao planejamento e gestão do Balneário Cassino. No primeiro capítulo foi exposta a discussão teórico-conceitual, no segundo a metodologia, no terceiro foi caracterizada o processo de ocupação e as transformações da paisagem da área de estudo. O quarto capítulo traz as análises e as discussões dos resultados.



## **CAPÍTULO I**

### **Referencial Teórico-Conceptual**

Na revisão bibliográfica foram analisados referenciais teóricos e conceituais (paisagem, percepção ambiental, qualidade ambiental e de vida, qualidade ambiental percebida, planejamento e gestão ambiental) a fim de embasar a pesquisa e consultar metodologia de outros estudos sobre a avaliação da qualidade ambiental urbana, tais como Bonaiuto et.al, (2002) ; Guimarães (2004) e Vargas; Ribeiro (2001).

#### ***1.1 Paisagem***

Para avaliar a qualidade ambiental tem-se como ponto de partida a paisagem, termo que é constantemente reelaborado conforme os diferentes significados atribuídos pelo contexto histórico a qual se insere. Embora os significados de paisagem variem de acordo com o contexto histórico entende-se a paisagem da mesma forma que Ugeda Júnior como “a expressão das relações sociais com o meio, onde as características ambientais de cada localidade a influenciam.” Por isso, o estudo da paisagem é um valioso instrumento utilizado para entender determinado tempo e espaço.

Para Alves (2001, p.69) a noção tradicional de paisagem esteve associada ao belo, mas até serem “transformados” em paisagem os espaços das montanhas, das florestas, dos desertos ou do mar eram espaços penosos e repulsivos. Segundo a autora a repulsa por esses espaços estavam associadas, no caso das montanhas e dos desertos, ao rigor do clima, às dificuldades de circulação e ao medo do desconhecido, no caso do mar ao facto de ter havido, até determinado momento, uma certa fobia à água – a generalidade das pessoas não via o banho como algo de agradável – reforçada por razões religiosas: o pecado da exibição da nudez.

Parafrazeando Tuan (1980, p.129) apesar do meio ambiente não ser a causa direta dos sentimentos de topofilia e topofobia nos fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma as nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é

um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época.

Alves (2001, p.69) afirma que à medida que os constrangimentos religiosos desaparecerem, a revolução técnica permitiu superar as dificuldades de circulação e aumentou o conhecimento sobre grandes extensões da superfície terrestre, e os valores sociais se alteraram – a higiene, a ecologia, os tempos livres e o lazer – estavam criadas as condições para que estes espaços de punição pudessem ser reavaliados, segundo novos modelos de valores, e apreendidos como paisagens.

Segundo Maciel (2001, p. 8) a paisagem tem uma dimensão espacial – “fato do mundo” – e uma dimensão temporal decorrente das suas diversas interpretações ao longo da história. Para Maciel o conceito de paisagem está de acordo com o que pensa Berger e Luckmann “a expressividade humana é capaz de objetivações” (trabalho, ação) percebe-se que a vida em sociedade consiste justamente na trama dessas objetivações, das quais se destaca a significação como a mais importante – a produção humana de signos e sentidos. Todo um acervo social é reunido em campos semânticos ou formas de significação linguisticamente circunscritas.

Amaral (2001, p.77) diz que não menos interessante é a definição de Jean Robert Pitte, antecedendo de um ano a de Paul Claval: “a paisagem é a expressão observável à superfície da terra, pelos sentidos, da combinação entre natureza, as técnicas e a cultura dos homens. Ela é, essencialmente, mutável e não pode ser apreendida senão na sua dinâmica, isto é, no quadro da história que lhe restitui a sua quarta dimensão.

Percebe-se conforme Alves (2001, p.71) “que o processo de produção do espaço sofreu, nos últimos anos, uma transformação muito rápida que se traduz em alterações substanciais na organização do território. Constatamos a deterioração, mesmo a destruição, das paisagens bucólicas que através de agressões múltiplas podem ficar reduzidas a pedaços de terra, sem valor estético, econômico ou cultural”.

Diferente do que ocorria na cultura pré-industrial as questões relacionadas ao meio ambiente apresentavam-se como um limite para o impacto das tecnologias humanas

sobre o ambiente natural. Contudo a partir da Revolução Industrial esse limite dos impactos causados ao meio natural passou a ser questionado, em virtude da rápida transformação das paisagens, fazendo ecoar as preocupações com a “vida do planeta” e entre os anos de 1970 e 1980 as discussões ambientais tomaram abrangência política, social e econômica sobre a exploração dos recursos da natureza. Esta discussão mostrou que o meio ambiente é baseado na interação entre os seres abióticos e bióticos, sendo um grande organismo.

A discussão sobre as questões ambientais pode estar relacionada com a busca pela simplicidade conforme Tuan (1980, p.118) “quando uma sociedade alcança um certo nível de desenvolvimento e complexidade, as pessoas começam a observar e apreciar a relativa simplicidade da natureza”.

Além disso, Alves (2001, p.71) expõe que nas periferias das cidades, transformadas em dormitórios ou em áreas industriais, surgem conjuntos de edificações, produto da sobreposição de várias lógicas de especulação fundiária, gerando espaços caóticos e de valor duvidoso. Os centros das cidades sucumbem às pressões de todo o tipo sendo necessárias medidas de política para a captação de meios econômicos que possibilitem a valorização de paisagens culturais únicas.

O crescimento desordenado e os custos sociais e políticos do capitalismo mostraram que em escala mundial, o crescimento não beneficiara os países subdesenvolvidos e em escala nacional e local não corrigira e nem ao menos atenuara as diferenças sociais. Ao contrário, aumentaria a pobreza e a miséria nos países, denominados de Terceiro Mundo. Além disso, a utilização cada vez maior de tecnologias avançadas à medida que aumenta as rendas das grandes empresas acelera ainda mais o processo de destruição e de degradação do meio ambiente.

Percebe-se que é na “experiência da crise ambiental” que há uma revalorização da problemática ambiental, contribuindo para a ampliação nas reflexões acerca da natureza na ciência moderna, buscando compreender a complexidade da natureza. Além de

despertar para a emergência de novos valores a fim de discutir a respeito do conhecimento da problemática ambiental.

## ***1.2 Percepção Ambiental***

Como visto anteriormente foi a partir dos anos 80, do século XX, que as questões ambientais tomaram proporção mundial por se entender que o meio ambiente é como se fosse um “grande organismo”, os elementos abióticos e bióticos interagem entre si. E que a paisagem apesar de parecer estática ela é dinâmica. Dinâmica porque é construída e reconstruída pela natureza e pela sociedade.

Embora, o “conhecimento” da paisagem seja antes de tudo, um conhecimento estético, pois desencadeia sensações e juízos de valor, não podemos ignorar que a paisagem abriga outras realidades que não podem ser percebidas pelo simples olhar. Visto que ela é produção da sociedade, assim ela tem elementos estéticos, particularmente visuais, e possui elementos culturais. A paisagem são os povos, os costumes, as atrações e repulsas, os modos de ser e muito mais. Em síntese, a paisagem, como recurso ambiental e patrimonial, é cenário da vida e do cotidiano dos seres que povoam a biosfera. A paisagem é, pois, uma realidade, sempre presente no espírito humano e onipresente na realidade ambiental. (EMÍDIO, 2006; p20)

Portanto, a paisagem indica a qualidade ambiental, pois expressa as transformações do meio físico seja por influencia natural ou antrópica. Uma vez que a paisagem manifesta a relação do homem com a natureza e vice-versa; do homem consigo mesmo e da natureza consigo mesma. De acordo Hissa (2008, p 33), “pode-se pensar na ideia de paisagem como mídia, pronúncia da transformação da natureza, que vai além do estado de observação do quadro paisagístico para alcançar uma ação artística intencionalmente modificadora daquela paisagem anotada como critica. Tal estratégia substitui, na percepção estética da natureza, o mero juízo de valor pelo entendimento dos processos ambientais”.

A natureza não pode mais ser considerada como bela ou feia por que são adjetivos que variam conforme as constituições culturais históricas Hissa (2008). A maneira de perceber a paisagem muda conforme a época como visto anteriormente houve tempos em que a natureza despertava o terror enquanto em outros as paisagens despertavam o prazer. Tuan relaciona a isto topofilia (sentimento de prazer, identidade com o lugar) e topofobia sentimento de aversão ao lugar. Enquanto para Kant este sentimento de prazer e de dor está relacionado à faculdade de julgar, ou seja, aos juízos, que são uma faculdade transcendental do ser humano.

Se o belo, de acordo Kant, agrada nossas faculdades (razão e imaginação) e o sublime entra em desacordo com elas pode-se afirmar que antes do renascimento a natureza era vista como ameaçadora, por isso na época medieval surgiram os jardins fechados com o intuito de dar segurança. Assim as cidades eram consideradas lugares seguros, de prazer (belo). No entanto, o sublime no século XX difere daquele colocado por Kant, onde o sublime está relacionado à experiência estética da natureza e de sua infinidade. O sublime do século XX está ligado à experiência urbana conforme afirma Crowther apud Cerón (1999, p.62):

no capitalismo moderno, há um deslocamento do sublime da natureza “para a experiência urbana”. Fala do que seria a experiência do sublime hoje: as vastas paisagens urbanas, a cidade do século XX como vasto domínio anônimo são exemplos modernos do imenso, do incomensurável, do que transcende o homem.

Agora as cidades são sublimes e a natureza “reliquias” que propiciam momentos de prazer, traz a tona sentimentos agradáveis. Por isso, surge movimento ambientalista com base nas ideias kantianas a fim de religar o homem à natureza, ou seja, a sua natureza. Segundo este movimento era preciso para a regeneração espiritual dos moradores das cidades o contato com ambientes naturais. Contudo, a paisagem na modernidade é um espaço circunscrito, pois são cenários com valores estéticos específicos cujo intuito é unir o homem à natureza e não a sua preservação.

Observa-se que no seu início a tentativa de preservar a natureza tinha valores estéticos, ou seja, preservar para poder usufruir da beleza cênica que esta podia oferecer, no entanto com o passar dos anos e com a inovação e aprimoramento dos conhecimentos nota-se que a terra é um grande ecossistema, onde a hidrosfera, atmosfera e litosfera

formam a biosfera e interagem entre si, que são elementos os quais compõem a paisagem. De acordo com Ugeda Júnior (2007, p.32):

a paisagem não é a simples aparência, como mero resultado das relações sociais com o meio, mas sim, como a expressão dessa relação, onde as características ambientais de cada localidade a influenciam. [...] entende-se que, no seu processo de “desenvolvimento”, o homem atua sobre uma determinada localidade, atuação que influencia e é influenciada por determinadas características ambientais as quais por sua vez, são peculiares a essa localidade.

Estas características ambientais influenciam a percepção que se tem do lugar, principalmente os aspectos materiais porque o sentido mais utilizado é a visão, logo segundo Tuan os moradores têm percepção distinta do visitante. Enquanto, os aspectos não materiais como ruídos, violência envolvem outros sentidos, podendo criar grau de afetividade com o local ou não.

A percepção varia de indivíduo para indivíduo e de acordo com Tuan (1983, p.09) “para cada nova vivência, o meio ambiente passa a ser percebido através de renovadas leituras, traduzindo significados diferentes nas dimensões espaço-temporal e cultural, trazendo à luz uma identidade especial, única, uma visibilidade firmada mediante imagens paisagísticas indelévels, fortes no conjunto dos significados das reações vivenciais, tornando se ícones de todas as realidades objetiva (manifestada) e subjetiva (manifestante)”.

### ***1.3 Qualidade Ambiental e de vida***

A qualidade ambiental expressa às condições e os requisitos básicos que um ecossistema detém, de maneira física, química, biológica, social, econômica, tecnológica e política Macedo apud Gomes e Soares (2004, p.28). “O meio ambiente, conforme as propriedades de seus elementos, produz uma qualidade ambiental que pode ser benéfica ou maléfica para a vida humana. Uma boa qualidade de vida é definida com parâmetros físicos, químicos, biológicos e sociais que permite o desenvolvimento harmonioso, pleno e digno de vida” (MAZZETO apud ROSSATO, 2006, p.19). Para Feam apud Rossato (2006, p.21) a definição de qualidade de vida está atrelada à condição de bem-estar físico, psicológico e social de uma população ou de um

indivíduo, considerado-se as pressões exercidas pelo meio ambiente. A qualidade de vida humana está diretamente relacionada com a interferência da obra do homem no meio ambiente.

Assim, percebe-se que o conceito de qualidade ambiental é inerente ao de qualidade de vida, além disso a qualidade do meio ambiente é um fator decisivo para se atingir melhor qualidade de vida visto que determina as condições ambientais em que a sociedade se encontra. Embora Machado apud Rossato (2006, p.20) saliente que existe certa dificuldade para definir o que se entende por qualidade ambiental, pois envolve gostos, preferências, percepções e valores, o que torna difícil de chegar a um consenso. Para essa autora, a qualidade de meio ambiente, é em parte, objeto da percepção humana, portanto subjetiva, pois a organização dos elementos naturais e artificiais possibilita, através do arranjo de diferentes concepções paisagísticas, o gosto ou repúdio ao meio ambiente.

Ainda para a autora é uma questão de gosto, uma questão de estética, porém, mais que isso, é uma questão de funcionamento que passa necessariamente pela organização do espaço. Por isso, segundo a Feam apud Rossato (2006, p.21) as qualidades de vida e ambiental mantêm associação direta com as relações de produção estabelecidas em determinado meio. Mazzeto apud Rossato (2006, p.19) evidencia que o meio ambiente, conforme as propriedades de seus elementos, produz uma qualidade ambiental que pode ser benéfica ou maléfica para a vida humana. Uma boa qualidade de vida, segundo o autor, é definida como os parâmetros físicos, químicos, biológicos e sociais que permitem o desenvolvimento harmonioso, pleno e digno da vida.

O conceito de qualidade ambiental, de acordo com Hogan apud Rossato (2006, p.20), é importante à medida que, baseado em análise do meio ambiente em função da qualidade de vida dos seres humanos, aceita-se que alta qualidade ambiental está associada àquelas situações do ambiente que favorecem a melhor qualidade de vida das pessoas pertencentes a um sistema humano dado e que a qualidade de vida está determinada tanto por fatores objetivos quanto por satisfações subjetivas.

A qualidade ambiental é definida por Kliass apud Rossato (2006, p.19) como o predicado dos meios urbanos e rural que assegura a vida dos habitantes dentro de padrões de qualidade, tanto nos aspectos biológicos (condições habitacionais, saneamento, qualidade de ar, conforto ambiental, alimentação, sistemas de transporte) quanto nos aspectos socioculturais (percepção ambiental, preservação do patrimônio natural e cultural, recreação, educação).

Em resumo de acordo com Rossato (2006, p.38), as relações entre qualidade ambiental e qualidade de vida podem ser identificadas através da associação entre fatores ambientais, como urbanização, densidade demográfica, composição paisagística, poluição e saneamento, e fatores socioeconômicos, representativos da qualidade de vida, como renda, expectativa de vida e educação.

Para Forattini apud Ugeda Júnior (2007, p.18) qualidade de vida é definida como o grau de satisfação no âmbito das áreas física, psicológica, social, de atuação, material e estrutura. Ela pode ser considerada como individual e coletiva. Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizar-se-á como referencia a qualidade de vida coletiva que, em ultima analise, é uma projeção da qualidade de vida individual; entretanto, sua avaliação só pode ser feita de forma objetiva, isto é, através de indicadores sociais concretos. A qualidade de vida coletiva é definida segundo Forattini apud Ugeda Júnior (2007) “como a resultante de condições ambientais e estruturais que se desenvolvem na sociedade”.

De acordo com Borja (1997, p.6) “além da dimensão objetiva, passível de ser avaliada por métodos quantitativos, a qualidade de um ambiente tem componentes subjetivos que exigem métodos no campo da avaliação qualitativa e da pesquisa social. O componente subjetivo remete à necessidade de se incorporar a perspectiva de quem vivencia aquela realidade que se quer avaliar. A qualidade na sua subjetividade remete, portanto, à sensação de conforto e bem-estar, algo que não pode ser medido, mas sim sentido de forma diferenciada por indivíduos e grupos de indivíduos. Essa sensação varia ao longo do tempo e do espaço em função de aspectos predominantemente culturais, além de econômicos, físicos e sociais”.



Segundo Lynch (1960, p.8), cada indivíduo constrói uma imagem própria das partes da cidade, que se complementam entre si, levando à formação de um quadro mental coletivo da realidade física urbana. Cada ser humano também acrescenta um juízo de valor sobre as condições de qualidade ambiental urbana que ela oferece, de acordo com seus interesses, objetivos e expectativas de vida. “Neste sentido, o conceito de qualidade ambiental urbana (ou de vida urbana) vai além dos conceitos de salubridade, saúde, segurança, bem como das características morfológicas do sítio ou do desenho urbano. Incorpora, também, os conceitos de funcionamento da cidade fazendo referencia ao desempenho das diversas atividades urbanas e às possibilidades de atendimento aos anseios dos indivíduos que a procuram (VARGAS, 2001. p.17)”.

#### ***1.4 Qualidade ambiental percebida***

Dacanal e Guimarães (2005) afirmam que a qualidade ambiental percebida corresponde aos anseios do usuário e nem sempre aos interesses coletivos ou ecológicos, visando deste modo o bem estar e a qualidade de vida individual. Para Machado (1996) a percepção da paisagem pelos moradores mostra como cada sujeito atribui valor a ela e como cada um se relaciona com o local em que mora.

Foram realizadas consultas metodologia de outros estudos sobre a avaliação da qualidade ambiental urbana, envolvendo a participação da comunidade, tais como Bonaiuto et.al, (2002) ; Guimarães (2004) e Vargas; Ribeiro (2001).

Bonaiuto et.al, 2002 para avaliar a qualidade ambiental de 7 bairros de Roma pela percepção dos moradores desenvolveu um procedimento metodológico que utilizava um índice de Qualidade Ambiental Residencial e de Vizinhança Percebida – QARVP. Este índice contém 256 itens, estando estes itens agrupados em categorias: características arquitetônicas e de planejamento urbano; características das relações sociais; características funcionais; características contextuais-locais; comportamento de vizinhança.

Os itens são avaliados de acordo com a escala de Likert, ou seja, uma escala de satisfação e/ou preferência que variava de 1 a 5. Embora a análise dos dados obtidos por este procedimento metodológico seja rápida a sua aplicação é demorada, por isso este procedimento metodológico não foi utilizado pela pesquisa. Porém o estudo de Bonaiuto et.al, 2002 não deixou de ser significativo, pois tem a mesma abordagem da pesquisa, que é a qualidade ambiental urbana percebida.

Outro estudo que contribuiu para a realização da pesquisa foi a dissertação de Guimarães (2004) a qual utilizou questões envolvendo parâmetros materiais, sociais e psicológicos, mostrando a importância dos aspectos culturais na avaliação da qualidade ambiental. Entretanto, o instrumento de coleta de dados utilizado pela pesquisa é restrito não abrangendo alguns aspectos significantes, para o estudo da qualidade ambiental urbana percebida, conforme apontam Vargas; Ribeiro (2001) em seu artigo sobre a qualidade ambiental urbana: ensaio de uma definição onde Vargas constrói um quadro de componentes da qualidade ambiental urbana a partir das conceituações de qualidade ambiental e de vida definidas por diversos autores (Anexo A).

A partir dos componentes da qualidade ambiental urbana buscou-se revelar a qualidade ambiental urbana percebida do Balneário Cassino com o estabelecimento de um instrumento de coleta de dados qualitativo. Acredita-se na contribuição desse instrumento para subsidiar o planejamento e gestão ambiental do Balneário Cassino uma vez que terá a participação dos moradores, maiores interessados, pois são aqueles que sofrem com a tomada de decisão dos gerenciadores locais. Além disso, só os moradores podem dizer que “aspectos de determinados recursos/serviços urbanos devem melhorar para terem uma melhoria significativa da qualidade ambiental e de vida, pois cada indivíduo atribui valor distinto a tais melhorias” (NAHAS, 2009, p.135-136).

### ***1.5 Planejamento e Gestão Ambiental***

Planejamento é uma atividade para ser implementada e não apenas uma produção de documentos. Planejar é estar a serviço de interesses públicos, por meio do ordenamento

das atividades humanas. Em outras palavras, embora grande parte do planejamento seja baseado em fases técnicas, as decisões a serem tomadas dependem daqueles que sofrem ou deverão sofrer as alternativas propostas, dos gerenciadores locais e de todos aqueles que se preocupam com os destinos da região. Enfim, é necessária a participação da comunidade para que seja um processo válido (SANTOS, 2004, p.25).

No planejamento participativo há o envolvimento da comunidade na elaboração de medidas para a tomada de decisão, porém esse planejamento requer um tempo maior para a tomada de decisão. Isto porque neste planejamento há a necessidade de tomada de consciência ecológica pela comunidade envolvida, logo envolve um processo de educação ambiental.

Por isso, Guimarães (2001) afirma que no processo de organização e ordenamento espacial a educação ambiental torna-se crucial para o desenvolvimento de um planejamento participativo, a qual deve, de forma crítica, inserir-se numa perspectiva de formação de cidadania planetária, que inclui o global junto ao local, trabalhando não apenas o senso de territorialidade dos indivíduos locais com relação ao seu sistema ambiental, mas também o sentimento de pertencimento ao sistema ambiental planetário, possibilitando uma ampliação da consciência ecológica dos cidadãos para uma escala global.

Tendo como objetivo garantir a sustentabilidade muitos estudiosos propõe o planejamento da paisagem visto que segundo Rodriguez (2000, p. 11.) a paisagem pode ser concebida como

“una imagen que representa una outra calidad y que se asocia a La interpretación estética resultado de percepciones diversas”, como “una formación natural, formada por componentes y elementos naturales en interrelación dialéctica”; como “un sistema espacial o territorial, compuesto por elementos naturales y antro-po-technogénicos condicionados socialmente, los cuales modifican o transforman las propiedades de los paisajes naturales originales”; como “área o espacio donde vive la sociedad humana, que se caracteriza por un determinado patrón de relaciones espaciales que tiene importancia existencial para la sociedad”; e, ainda, como “resultado de la acción de la cultura a lo largo del tiempo, siendo modelado por un grupo cultural a partir de un paisaje natural”

Percebe-se que a paisagem é uma categoria espacial importante para o planejamento uma vez que ela é expressão da interação entre elementos naturais e antrópicos influenciados social e culturalmente transformando as paisagens originais ao longo do tempo. Portanto, o planejamento da paisagem, embora em sua origem tenha dedicado-se mais para o lado estético, com o aumento da exploração dos recursos naturais e o crescimento urbano desordenado causado pela Revolução Industrial surgem movimentos em prol da valorização da natureza, questionando o preço a ser pago pelo dito “progresso”. O planejamento da paisagem vem a ser um instrumento que objetiva não só proteger a capacidade de resiliência dos ecossistemas, mas de aproveitar a beleza cênica das paisagens, melhorando a qualidade de vida ao ofertar as pessoas o contato com a natureza.

De acordo com Gomez apud Schmidt (2009, p.18) o “planejamento da paisagem também se preocupa em classificar as diversas paisagens existentes com base em sua homogeneidade, buscando uma melhor compreensão das mesmas”. Em alguns estudos as unidades foram delimitadas com base as variáveis geomorfologia e vegetação, no entanto se o planejamento for restritivo as unidades podem ser delimitadas utilizando-se uma variável, isto é, a variável de maior relevância de acordo com os objetivos.

No Brasil, de acordo com Schmidt (2009), muitas pesquisas baseiam-se na metodologia desenvolvida por Nucci a fim de estabelecer a qualidade ambiental urbana com fundamentos no planejamento da paisagem. Dessa forma seu objetivo é a espacialização dos atributos negativos do meio físico resultantes da intensificação do processo de urbanização, comprometendo a qualidade ambiental urbana.

Tanto planejamento da paisagem quanto o planejamento ambiental requerem a espacialização das informações do diagnóstico, apontando áreas dos atributos que contribuem ou não para a qualidade ambiental. A construção de mapas temáticos com auxílio de geotecnologias como sistema de informações geográficas – SIG pode contribuir com o planejamento da paisagem ou ambiental. Nesta pesquisa como os fenômenos da realidade que se quer representar têm relações de diversidade e similaridade, ou seja, propriedade perceptiva seletiva. Assim, os mapas temáticos

elaborados têm natureza qualitativa, pois informam as características dos fenômenos, os atributos (MARTINELLI, 2006) neste caso a qualidade ambiental do Balneário Cassino para servir de subsídio ao planejamento ambiental.

Segundo Ribeiro; Vargas (2001, p.13-14) os instrumentos tradicionais de gestão ambiental urbana apresentam quatro formas distintas: os normativos, que são legislações de regulamentação do uso e ocupação do solo, de emissões de poluentes, dentre outros; os de fiscalização e controle das atividades para que cumpram as normas vigentes; os preventivos, que delimitam áreas de proteção, avaliam os impactos ambientais e licenciamento ambiental; os corretivos, que promovem intervenções de implantação e manutenção de infra-estruturas como saneamento, plantio de árvores, serviços de coleta de resíduos dentre outros. No entanto estes instrumentos não atendem a demanda devido aos baixos recursos financeiros e humanos.

Por isso, Ribeiro; Vargas (2001, p.14) afirmam que há uma proposta de inclusão de “novos instrumentos” como a educação, a comunicação, o marketing e a negociação ambientais têm como finalidade urbana, utilizando-os de forma complementar e integrada aos instrumentos tradicionais, pretendendo obter melhorias na qualidade ambiental. Segundo estas autoras (2001, p.15) o conceito de qualidade ambiental está relacionado a dois outros conceitos importantes o de ecossistema urbano e o de qualidade de vida.

Para Ribeiro; Vargas (2001, p.15) o ecossistema urbano, assim como o natural, transforma energia (trabalho humano, capital, energia fóssil, etc.) e materiais (madeira, ferro, areia, rochas, informação, etc.) em produtos, que são consumidos e exportados, e em resíduos. Logo, percebemos que as ações humanas causam grande transformação no ambiente natural.

Em relação ao conceito de qualidade de vida, Cutter apud Ribeiro; Vargas (2001, p.17) propõe o uso de indicadores de três ordens: sociais, ambientais e perceptivos. Aos dois primeiros elementos dá também uma dimensão perceptiva, isto é, de bem-estar ou não em relação a um elemento objetivo. Essa autora, Cutter, procura avaliar as condições

objetivas também a partir da imagem subjetiva do indivíduo e de suas expectativas em relação ao lugar.

## **CAPÍTULO II**

### **Metodologia**

Para se alcançar os objetivos propostos foi realizado um levantamento de dados secundários por meio da revisão da bibliografia, também foram utilizados dados do Censo Demográfico de 2000 sobre os setores censitários urbanos (431560205000211 ao 431560205000242) do Balneário Cassino obtidos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Agência Rio Grande. Os dados primários foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas com moradores do balneário.

#### ***2.1 Definição das Unidades Espaciais***

Percebe-se que não basta somente atender as demandas da população para melhorar a qualidade de vida visto que a percepção ambiental é distinta entre os grupos sociais conforme Jacobi (2006, p.29), ao discutir a percepção ambiental de moradores da cidade de São Paulo, define a percepção como a visão ou a compreensão que as pessoas têm sobre o meio no qual vivem, sobre o seu lugar. Essas percepções individuais são afetadas por mediações socioculturais. A percepção de problemas, da qualidade de vida, da vida da cidade varia entre os diferentes grupos sociais. Por isso, foram estabelecidas unidades espaciais a partir dos dados da média do rendimento nominal mensal<sup>1</sup> e da média de anos de estudos<sup>2</sup> de cada setor censitário, pois podem evidenciar as demandas dos diferentes grupos sociais.

---

<sup>1</sup> A média dos rendimentos nominal mensal é obtida pela divisão total do rendimento nominal mensal das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes pelas pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes com rendimento nominal mensal maior do que zero (FONTE: IBGE, 2000).

<sup>2</sup> A média de anos de estudos é obtida pela divisão do total de anos de estudos dos responsáveis por domicílios particulares permanentes pelas pessoas responsáveis por domicílios permanentes com números de anos de estudos determinados (FONTE: IBGE, 2000).

Foram estabelecidas classes de renda a partir da média dos rendimentos nominal mensal, tendo base as informações sobre a classe de renda (classe de baixa renda de 0 a 755 R\$; classe de renda média maior que 755 a 2265 R\$ e classe de renda alta acima de 2265 R\$) do IBGE de 2000<sup>3</sup>.

As classes de escolaridade foram estabelecidas com base na média de anos de estudos, obtendo-se classe de baixa escolaridade de 0 a 8 anos completos; classe de média escolaridade de 9 a 11 anos completos definidas de acordo com o nível de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior) correspondente aos anos de estudos (8; 11 e 17 anos completos) respectivamente. Depois de estabelecidas as classes estas foram cruzadas para identificar as unidades espaciais (mapa 2) do Balneário Cassino.

A base cartográfica da malha digital urbana dos setores censitários do município de Rio Grande do censo de 2000 foi utilizada para a espacialização das unidades espaciais. Para confeccionar o mapa temático das unidades espaciais foram utilizados dados obtidos no sítio do IBGE da malha digital urbana de 2000 do município de Rio Grande. Ao inserir no *Software ArcGis 10* o *shapefile* da malha urbana de Rio Grande foi selecionado os setores censitários correspondentes à área urbana do Balneário Cassino para depois adicionar à tabela deste *layer* criado um novo campo, no caso, unidade espacial.

## ***2.2 Qualidade Ambiental Urbana Percebida e Comportamento Espacial***

Para avaliar a dimensão humana da qualidade ambiental do Balneário Cassino optou-se pela realização de entrevistas semi-estruturada que segundo Boni; Quaresma (2005) “é um conjunto de questões previamente definidas pelo pesquisador e este realiza a entrevista num contexto semelhante ao de uma conversa informal. Além disso, o entrevistador pode fazer perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele. Logo, há mais interação entre entrevistador e

---

<sup>3</sup> Salário Mínimo vigente em 2000 era de 151,00 R\$ e as classes de renda era estabelecidas em classe de baixa renda de 0 a 5 salários mínimos; de renda média maior que 5 a 15 salários mínimos e de renda alta acima de 15 salários mínimos.

entrevistado favorecendo as respostas espontâneas, além de permitir obter maior volume de informação sobre um determinado tema e a intervenção do entrevistador para atingir os objetivos”.

Foi elaborado um roteiro de entrevista (Apêndice B) em base nos componentes da Qualidade Ambiental Urbana proposto por Vargas (1999) a qual afirma que para avaliar a qualidade ambiental urbana é preciso considerar componentes espaciais, biológicos, sociais e econômicos (Anexo A). O roteiro de entrevista foi elaborado a partir dos sub-componentes da qualidade ambiental urbana de forma que permitisse aos respondentes avaliá-los a fim de diagnosticar a qualidade ambiental do Balneário Cassino. Durante a realização das entrevistas foi solicitado aos respondentes (10 moradores de cada unidade espacial) que avaliassem as imediações do seu local de residência para que a avaliação refletisse a qualidade ambiental da unidade espacial onde a entrevista foi realizada.

O Quadro 1 apresenta os componentes da Qualidade Ambiental Urbana definidos por Vargas (1999): Componentes Espaciais, que abrangem sub-componente bem-estar, acessibilidade, desenho urbano, referenciais, uso e ocupação do solo; Componentes Biológicos com sub-componente saúde física, saúde mental e segurança; Componentes Sociais cujos sub-componente são de organização comunitária, de realização pessoal, de contato, de atividades e de acesso e opções e os Componentes Econômicos compreendem sub-componente oportunidade, de produtividade e de diversidade. Cada sub-componente esta subdividido em aspectos, os quais apontam as respostas dos entrevistados a respeito da avaliação da qualidade ambiental.

Conforme Vargas (1999) os componentes da Qualidade Ambiental Urbana (ANEXO A) devem ser considerados incompleto devido à ampla discussão que a qualidade ambiental suscita, pois está relacionada a “conceito de ecossistema urbano e o de qualidade de vida” (RIBEIRO; VARGAS 2001, p.15), “que envolve aspectos sociais, ambientais e perceptivos” segundo Cutter apud Ribeiro; Vargas (2001, p.15).



Quadro 1 – Componentes da Qualidade Ambiental Urbana.

Componentes da Qualidade Ambiental Urbana			
Componentes Espaciais	Componentes Biológicos	Componentes Sociais	Componentes Econômicos
<p><i>Sub-componente Bem-Estar</i></p> <p>Vegetação, tranqüilidade, espaços abertos, <b>sensação de segurança</b>, liberdade, desordem, <b>ambiente acolhedor, contato com a natureza</b></p>	<p><i>Sub-componente Saúde Física</i></p> <p>Saneamento básico (<b>rede de esgoto</b>), qualidade do ar, coleta de lixo, drenagem urbana, poluição</p>	<p><i>Sub-componente Org. Comunitária</i></p> <p>Secretaria</p>	<p><i>Sub-componente Oportunidade</i></p> <p>Negócios</p>
<p><i>Sub-componente Acessibilidade</i></p> <p>Sistema Viário, Transporte, <b>desníveis das calçadas</b>,</p>	<p><i>Sub-componente Saúde Mental</i></p> <p>Estresse, filas, solidão, congestionamentos, reclamações, caos, tumulto</p>	<p><i>Sub-componente Realização Pessoal</i></p> <p>Amizade, afeto, reconhecimento, <b>afinidade</b></p>	<p><i>Sub-componente Produtividade</i></p> <p><b>Custo de vida</b>, competição, <b>preços</b></p>
<p><i>Sub-componente Desenho Urbano</i></p> <p>Elementos Visuais, desordem, <b>estética (forma, tipo de material)</b></p>	<p><i>Sub-componente Segurança</i></p> <p>Trânsito, edificações, <b>marginalidade</b></p>	<p><i>Sub-componente Contato</i></p> <p>Encontros, privacidade, solidariedade, <b>receptividade, sociabilidade, educadas, simpáticas</b></p>	<p><i>Sub-componente Diversidade</i></p> <p>Escolhas (<b>facilidades</b>)</p>
<p><i>Sub-componente Referencial</i></p> <p>Orientação (<b>sinalização de trânsito e identificação das ruas</b>)</p>		<p><i>Sub-componente Atividades</i></p> <p>Lazer, recreação, cultura, compras, shows, <b>festas (atrações)</b></p>	
<p><i>Sub-componente Uso e Ocupação do Solo</i></p> <p>Densidade Urbana, Conflitos de usos</p>		<p><i>Sub-componente Acesso e Opções</i></p> <p>Serviços urbanos (<b>iluminação, coleta de lixo, limpeza urbana</b>), serviços sociais (<b>saúde, escola</b>), transporte</p>	

FONTE: VARGAS, 1999 Adaptado pela Autora, 2011

Para espacializar os dados sobre percepção dos entrevistados confeccionou-se mapas temáticos com o auxílio do Software ArcGis 10, adicionado-se à tabela do *layer* das unidades espaciais os dados tabulados. A espacialização da percepção ambiental em aspectos positivos e negativos será abordada no subitem: análise dos dados.

### ***2.3 Sujeitos Incluídos***

As entrevistas foram realizadas com 10 moradores permanentes (mapa 2) de cada unidade espacial identificadas anteriormente para responder sobre a sua percepção a respeito da qualidade ambiental urbana do Balneário Cassino. A escolha dos respondentes em cada unidade espacial considerou as características de renda e de escolaridade conforme a unidade espacial. Também foram adotados critérios de abrangência incluindo: faixa etária; gênero e distribuição dos respondentes nas unidades espaciais, abrangendo as distintas localidades no interior de cada unidade espacial.

Os moradores permanentes foram escolhidos porque estes têm percepções distintas dos visitantes segundo Tuan (1986), enquanto os visitantes têm uma percepção mais visual, ou seja, reparam mais nos aspectos estéticos da paisagem, os moradores geralmente têm um sentimento topofílico com o lugar.

O número de respondentes na pesquisa qualitativa não é significativo. De acordo com Minayo (2010) ao invés de definir a amostrar dos sujeitos, utiliza-se “sujeitos incluídos ou grupo de estudo”. Minayo (2010) diz que o fato é que o universo em questão na pesquisa qualitativa não são os sujeitos em si, mas sim suas representações, conhecimentos, comportamentos e atitudes, logo seria impossível de definir o tamanho da amostra representativo da totalidade. Portanto, o número de sujeitos incluídos por progressão é interrompida pelo critério de saturação, ou seja, quando as concepções, explicações e sentidos atribuídos pelos sujeitos começam a ter uma regularidade de apresentação.

As entrevistas foram realizadas nas residências dos moradores durante os dias 25 e 26 de novembro de 2010, 6 e 7 de dezembro de 2010 e 5 e 6 de janeiro de 2011, sendo todas gravadas e transcritas posteriormente.

## ***2.4 Análise de Dados***

A primeira etapa das análises consistiu na caracterização das unidades espaciais, considerando o número de unidades estabelecidas de acordo com a renda e escolaridade. As unidades espaciais identificadas são três: BB (classe de baixa renda e baixa escolaridade); MB (classe de renda média e baixa escolaridade) e MM (classe de renda média e média escolaridade) conforme o mapa 2. Cada unidade foi caracterizada quanto ao tempo de moradia do entrevistado, à cidade de origem, à escolaridade, à profissão e à idade.

Depois se realizou análise de conteúdo, para cada unidade espacial, por meio da categorização das repostas, procurando sempre enquadrá-los nos aspectos de cada componente da qualidade ambiental urbana de Vargas (espacial, biológico, social e econômico). Posteriormente à categorização foi realizada a tabulação (APÊNDICE C) da percepção dos entrevistados (APÊNDICE A).

A partir da tabulação dos dados foram elaborados gráficos e mapas temáticos para representar a avaliação da qualidade ambiental do Balneário Cassino. A avaliação presente nos gráficos é referente ao número de respostas dadas pelos sujeitos incluídos na pesquisa (N=30). O objetivo não foi quantificar e sim apresentar a percepção positiva e negativa sobre os sub-componentes avaliados, enquanto a espacialização dos aspectos dos sub-componentes da qualidade ambiental foram representadas em mapas temáticos para cada unidade espacial.

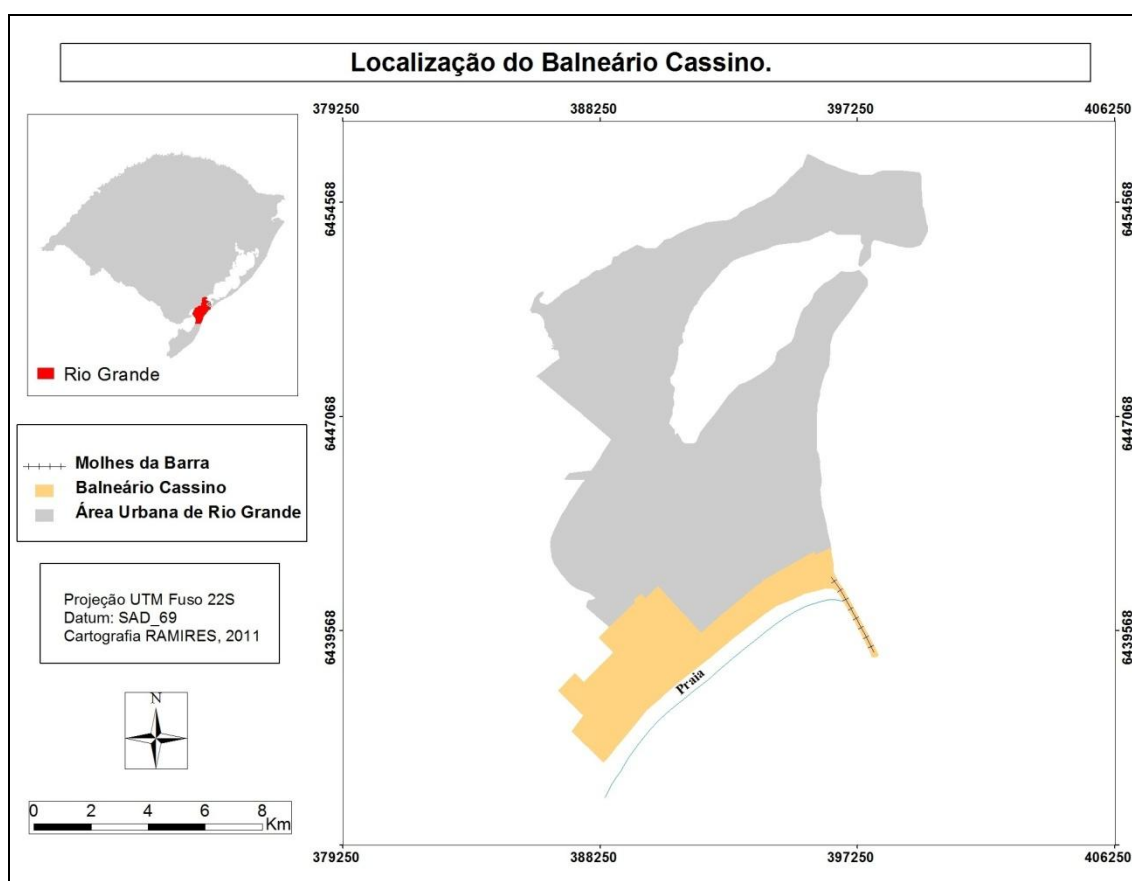
Os dados da percepção dos entrevistados foram analisados categorizando-os em aspectos dos sub-componentes da qualidade ambiental urbana e espacializando-os em mapas temáticos a fim de diagnosticar os aspectos positivos e negativos mencionados em cada unidade espacial. No primeiro momento das avaliações foram espacializados todos os aspectos dos sub-componentes em unidades espaciais, na sequência foram apresentadas em forma de gráfico incluindo todos os sujeitos entrevistados.

## CAPÍTULO III

### Área de Estudo

O Balneário Cassino, bairro, localizado no município de Rio Grande (Mapa 1) no sul do Rio Grande do Sul é administrado pela Secretaria Especial do Cassino. O Balneário está a 18 Km da cidade de Rio Grande, sendo o acesso feito pelas RS-734 (via Estadual), pela Estrada da Barra.

O Município de Rio Grande está situado na planície costeira sul do estado, tendo como limites ao norte o Município de Pelotas e a Lagoa dos Patos, a leste o Oceano Atlântico, a oeste os Municípios de Capão do Leão e Arroio Grande e a Lagoa Mirim, e ao sul o Município de Santa Vitória do Palmar.

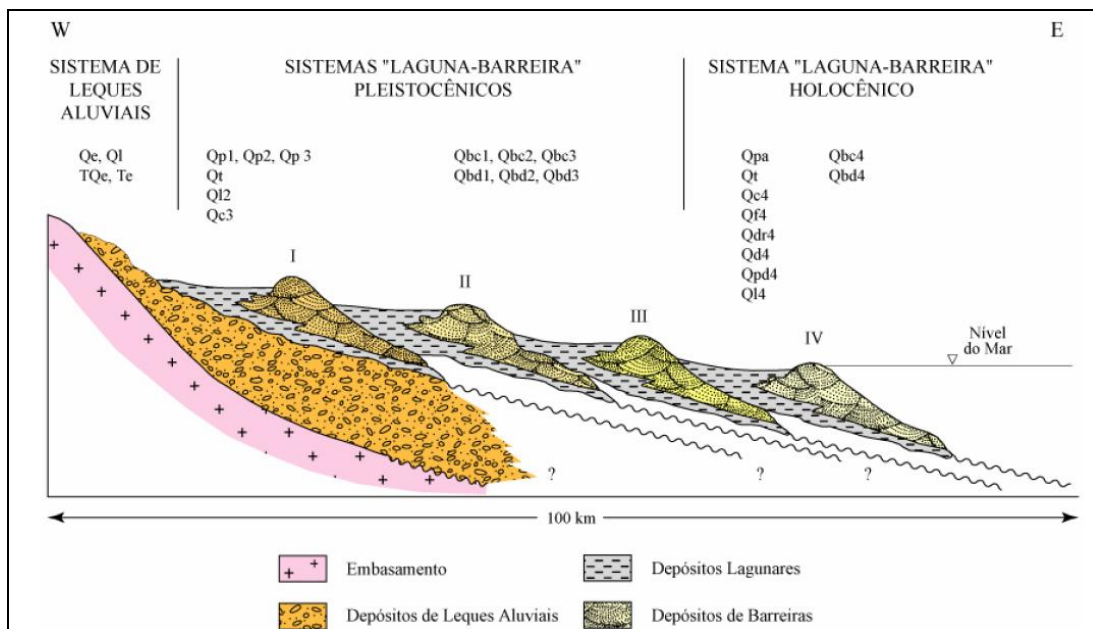


**Mapa 1 – Localização do Balneário Cassino**

FONTE: IBGE, Censo 2000. Cartografia: Ramires, 2011

O Município de Rio Grande foi formado pelo sistema de barreiras sedimentares da planície costeira do Rio Grande do Sul, definidas por suas características

geomorfológicas, como restingas. A estrutura geológica da planície é constituída por amplo depósito de natureza marinha e continental, em ambientes lagunares, deltáicos e de ilhas de barreira (Figura 1). Estas áreas que formaram as restingas costeiras são parte da bacia sedimentar da margem continental sul, denominada bacia de Pelotas cuja formação iniciou-se após a fragmentação do continente de Gondwana (100 milhões de anos), tendo fonte de sedimentos o embasamento cristalino do escudo rio-grandense Vieira (1983).



**Figura 1 – Esquema dos Sistemas deposicionais da Planície Costeira do Rio Grande do Sul.**  
 FONTE: TOMAZELLI; VILLWOCK, 2005

O sistema laguna-barreira segundo Tomazelli; Villwock (2005) tem sua origem no sistema deposicional da planície costeira do Rio Grande do Sul alimentado pelos sedimentos das rochas ígneas e metamórficas do Escudo Sul-Rio-Grandense. O sistema Laguna-Barreira IV, ocorrido no período do Holoceno, foi que formou o Cassino. Este sistema é o mais recente sistema deposicional do tipo “laguna-barreira” da Planície Costeira do Rio Grande do Sul (PCRS) como consequência da última grande transgressão pós-glacial.

A morfologia litorânea de Rio Grande tem o vento como fator de grande importância nas feições praias, principalmente os três tipos que sopram com mais intensidade: o nordeste, originário do anticiclone atlântico; o sueste ou carpinteiro da costa e o vento

sul resultante do anticiclone móvel polar. Além disso, do alinhamento da margem continental, dos mecanismos do ambiente sedimentar marinho caracterizam as feições geomorfológicas da zona costeira uma vez que os ventos têm influência no transporte eólico da areia seca da praia para as dunas e destas para zonas mais interiores. Também têm influencia direta no regime de cheias e vazantes no estuário da Laguna dos Patos (TAGLIANI, 2006, p.35).

O município por estar numa área plana de base arenosa porosa e permeável sua drenagem não apresenta cursos d'água significativos e sim córregos, arroios, lagos ou açudes de pequeno porte devido ao nível do lençol freático estar próximo da superfície. A maioria dos arroios que ocorrem nos entornos das áreas urbanas tem sua origem ligada aos banhados das cavas dos cordões litorâneos (TAGLIANI, 2006, p.35). E no caso do balneário os banhados alimentam os sangradouros cursos d'água que deságuam na praia, sendo em alguns casos retelinizados e utilizados para despejos de efluentes domésticos uma vez que as moradias no balneário, em sua maioria, não têm rede de esgoto.

Percebe-se que a estrutura geológica do município não favorece o estabelecimento e o desenvolvimento de vegetações superiores, mesmo que a clima não seja fator limitativo uma vez que os índices pluviométricos e temperatura garantam boas condições para o desenvolvimento destas vegetações. A formação vegetal de Rio Grande compreende segundo Vieira (1983) as formações campestres: campos limpos, campos mistos, matos nativos, capões e capoeira; e a vegetação litorânea. Deste modo, homem também teve que se adaptar a este ambiente de vento constante e as areias “flutuantes”, assim os rio-grandinos ficaram conhecidos como papareia. No próximo capítulo veremos em que momento histórico Rio Grande se encontrava e que sua localização conferia-lhe vantagens para o desenvolvimento de um porto, o qual lhe proporcionou crescimento econômico e cultural com a vinda de imigrantes, que instalaram fábricas na cidade.

### ***3.1 Contexto Histórico de Rio Grande no século XIX***

Busca-se estudar a repercussão da expansão urbana do Balneário a partir do estudo da paisagem. A paisagem é resultado da interação entre os elementos naturais e humanos que se organizam de maneira dinâmica ao longo do tempo e do espaço. Portanto, para Sauer essa interação entre os elementos naturais e antrópicos é essencial no entendimento da paisagem. “não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas no espaço. Ela está em processo de desenvolvimento ou dissolução e substituição (SAUER, 2003, p.80-81).

A paisagem é resultado dos espaços sociais que são complexos, pois se mesclam e ou se superpõem. Há as fronteiras visíveis, como os muros que expõem uma separação física, que representam um limite da propriedade privada, porem não separam o espaço social. Este é produzido ao curso do tempo; são distintos, mas não dissociáveis (MARTINS, 2004, p.28). Por isso, para entender a transformação da paisagem do Balneário é preciso conhecer como se deu a fundação, ou seja, retornar ao passado para entender o processo de formação social (método regressivo-progressivo de Henri Lefèbvre).

A fundação do Balneário deu-se no final do século XIX, quando a cidade de Rio Grande encontrava-se em crescimento econômico. Possuía um porto que era porta de entrada de mercadorias, de estrangeiros e de diversas culturas como a européia, a qual influenciou muito os hábitos dos rio-grandinos, estilo arquitetônico, dando ares europeu a cidade. Segundo Martins (2004, p.14-15) este porto possibilitou um desenvolvimento considerável durante o século XIX, assim como a implantação de um parque industrial diverso, sob os auspícios da industrialização dispersa característica do período, conferindo uma urbanidade com características culturais francesa à cidade de Rio Grande.

Este processo econômico, capitalista, dá à cidade e ao espaço urbano novos ritmos modelando-os, causando continuidade e descontinuidade no espaço. Visto que, de

acordo com Lefèbvre, o capitalismo é um processo enquanto o espaço é seu produto, um produto social. Uma vez que o espaço é modelado por agentes históricos e sociais, resultando em diferentes obras, paisagem.

Lefèbvre afirma, em sua obra a produção do espaço, que cada sociedade cria seu próprio espaço e seu tempo (LIMONAD, 2003, p.18). No caso de Rio Grande, como citado anteriormente, a industrialização que teve início em 1874 e durou até 1960 foi favorecida pela presença do porto, imprimindo uma forma no espaço rio-grandino. A cidade tem uma historia; ela é obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam esta obra nas condições históricas (LEFÈBVRE apud MARTINS, 2004, p.18).

Se de acordo com Lefèbvre a sociedade cria seu próprio espaço e seu tempo, Rio Grande criou o seu ao se engajar no modismo europeu na busca pela modernidade fruto dos processos de urbanização ocorridos na Europa esse modelo de comportamento começou a aparecer no Brasil a partir da segunda década do século XIX.

Segundo Enke (2005, p.27) o comportamento europeu desembarcou no país modificando o estilo de vida dos brasileiros, principalmente o da camada mais alta da sociedade, ou seja, a elite, a classe dominante, a burguesia, aqueles considerados como “classe superior”, “os mais influentes”, “a nata”.

No final do século XIX, período de consolidação do Brasil República, as novidades européias eram trazidas pelos imigrantes, viajantes e estudantes, logo novos hábitos e estilos de vida passaram a fazer parte da vida da sociedade da época. Com isto ocorreu a modernização dos espaços a fim de proporcionar a sociedade espaços de lazer visando a qualidade ambiental. Portanto, percebemos que a modernidade foi marcada pela modernização e por um novo estilo de vida de uma camada mais abastada da sociedade, baseada no moldes europeus.

Dessa forma a ideia de modernidade expandiu-se uma vez que ser moderno era de interesse da nata da sociedade brasileira, logo a elite estabeleceu um novo mundo de



consumo, de lazer e outros hábitos como a higiene, os cuidados com a saúde, com o corpo. Assim, o urbano tem novas formas e novos usos, os espaços públicos tais como as ruas, as praças e avenidas são locais de encontro da elite conforme Enke (2005, p.40) os espaços públicos tornam-se, então, espaços de representação social das elites urbanas (Figura 2).



**Figura 2 – Praça Xavier Ferreira**  
FONTE: O PEIXEIRO, ?

No sul do Brasil a imigração favoreceu a presença da cultura os quais mudaram os hábitos com novas formas de pensar e se alimentar, fazendo emergir um Rio Grande do Sul com características européias (ENKE, 2005). Absorvendo influências estrangeiras além de novos padrões de consumo com a adoção de novos hábitos de comportamento como a preocupação com a higiene, alterando a rotina das camadas mais abastadas.

Além disso, o processo de industrialização ocorrido diversificou a atividade econômica se antes o Rio Grande do Sul era quem supria as necessidades internas do país com a industrialização esta passou a exportar bens. Assim, de acordo com Enke (2005, p.46) “no Rio Grande do Sul, acentuou-se a diversificação da atividade econômica, no setor agrícola e na indústria têxtil. A Província assistiu a um aumento industrial relevante, centralizado em produtos alimentícios, no setor têxtil, banha, vinho, cerveja, calçados,

tecidos e conservas”. Essa modernização da indústria deu-se em virtude dos investimentos de empresários estrangeiros como aconteceu na cidade do Rio Grande.

A cidade do Rio Grande com a instalação e modernização de algumas indústrias ocupou lugar de destaque em relação às outras cidades do sul do Brasil o que exigiu a melhoria da organização urbana da cidade para atender a demanda do aumento da população e das indústrias instaladas (ENKE, 2005). Portanto, Rio Grande, no final do século XIX, teve rápida urbanização e novos hábitos com a vinda de imigrantes, principalmente europeus como os ingleses que contribuíram na melhoria da navegação.

Com a adoção do modismo europeu pela elite rio-grandina por meio de roupas e acessórios vindos principalmente de Paris a cidade ganhou ares “afrancesados” copiando o jeito de cumprimentar, a postura corporal, os hábitos à mesa, na arquitetura das residências das camadas mais abastadas, as quais passaram a usufruir da música e das artes com o intuito de copiar a cultura européia, tida como a mais moderna. Percebemos, portanto que o enriquecimento das elites propiciou a mudança de comportamento e de hábitos.

Logo, o fluxo de estrangeiros foi importante para a cidade, pois trazia novas influências culturais, além disso os imigrantes possibilitaram que a cidade prosperasse com o processo de industrialização com a inserção de novas tecnologias trazidas consigo como os bondes de tração animal da Companhia Carris Urbanos tornando-se parte do cotidiano da cidade (Figura 3).



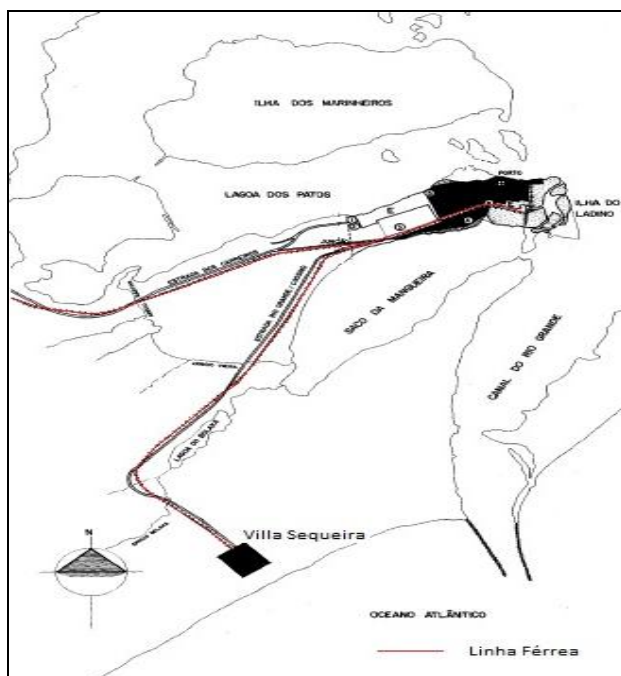
**Figura 3 – Bonde de tração animal**  
FONTE: ENKE, 2005

### ***3.2 Construção da linha férrea e sua ampliação***

Percebe-se que as condições históricas (LEFÈBVRE apud MARTINS, 2004, p.18) as quais propiciaram em Rio Grande a criação da Estação Balnear foram a industrialização, a influencia do modismo europeu e a concessão da linha férrea pelo Governo da Província de acordo com a Lei nº 1064 de 23 de março de 1876 deu concessão ao Dr. Carlos Augusto Flores para a construção da primeira linha ferroviária a cidade de Rio Grande.

Com o intuito de se modernizar muitas cidades inclusive Rio Grande criavam projetos arquitetônicos em estilo europeu, implantavam os bondes de tração animal e a vapor e outros trens como meios de transportes coletivos. Assim, o meio urbano andava rumo a modernização e ao desenvolvimento.

O Relatório da Câmara, de 09 de março de 1871, referindo-se à dificuldade de aterrar a cidade nova, sugeria o assentamento de trilhos, como solução que viria a facilitar este trabalho, “tanto de fora das trincheiras, como mesmo da Mangueira, e assim serem beneficiados aqueles terrenos” (ANTEIRO apud PEREIRA, 2005) (Figura 4).



**Figura 4 – Linha Férrea Rio Grande-Bagé e Rio Grande-Vila Sequeira**

FONTE: PEREIRA, 2005

Alguns anos depois a Companhia Carris Urbanos do Rio Grande adquiriu o direito a ampliação das linhas até o distrito da Mangueira. O prolongamento das linhas em direção à costa do Mar objetivava a construção de uma estação balneária no Sul do Brasil com todas as vantagens aos interesses da província. Em 1888 a Cia de Bonds suburbana da Mangueira assume os projetos da Carris e em 22 de dezembro de 1889 é realizada a experiência da linha, porém somente a 26 de janeiro de 1890 é inaugurado o tráfego regular (RAMIRES, 2009).

Estas condições históricas resultaram em uma morfologia material, isto é, a construção da linha férrea, cujo trem partia do Parque percorrendo paralelamente à linha férrea Rio Grande-Bagé até a Junção depois em direção à costa do mar, propiciou o transporte de materiais para construções das habitações. Aos compradores de lotes que na realidade, eram quadras, foram oferecidos até “25% de abatimento nos fretes de materiais e passagens gratuitas no trem” (SALVATORI et. al., 1988, p.44).

De acordo com Enke (2005, p.35) a conexão ferroviária teve papel importante para a disseminação das estações balneares. Ao lembrar a ferrovia que ligava Londres a Brighton, vemos como ela propiciou a formação de um fluxo de banhistas, e criou uma

nova forma de entretenimento ao longo do caminho do trem, com as paisagens, os olhares trocados, as conversas, risos, “fofocas”. Demonstra que as pessoas passaram a frequentar os Balneários não apenas com fins terapêuticos, mas com o intuito de divertir-se, apreciar o mar, e quem sabe viver uma paixão (Figura 5).



**Figura 5– Visitantes rumo ao Balneário.**

FONTE: ENKE, 2005

O trem levava passageiros para desfrutar de horas de lazer ou pessoas que ali moravam e/ou trabalhavam também transportava cereais, pasto verde, leite, carneiros, porcos, aves, materiais para construção e outros produtos para o abastecimento do balneário. Percebe-se que a instalação da linha férrea contribuiu para a mudança da paisagem do balneário com a construção de casas, chalés, hotel os quais tinham o intuito de propiciar o descanso e o lazer as famílias abastadas, estrangeiros, aristocracia rural e comercial gaúcha (RAMIRES, 2009) como veremos no próximo capítulo.

### ***3.3 Fundação da Estação Balnear***

Como se viu anteriormente o aparecimento de novos valores em virtude da modernização fez com que brasileiros seguissem estilos de vida, comportamentos e hábitos europeizados, passando a fazer parte da vida cotidiana. Além dessas transformações também começa a fazer parte da vida das elites brasileira os cuidados

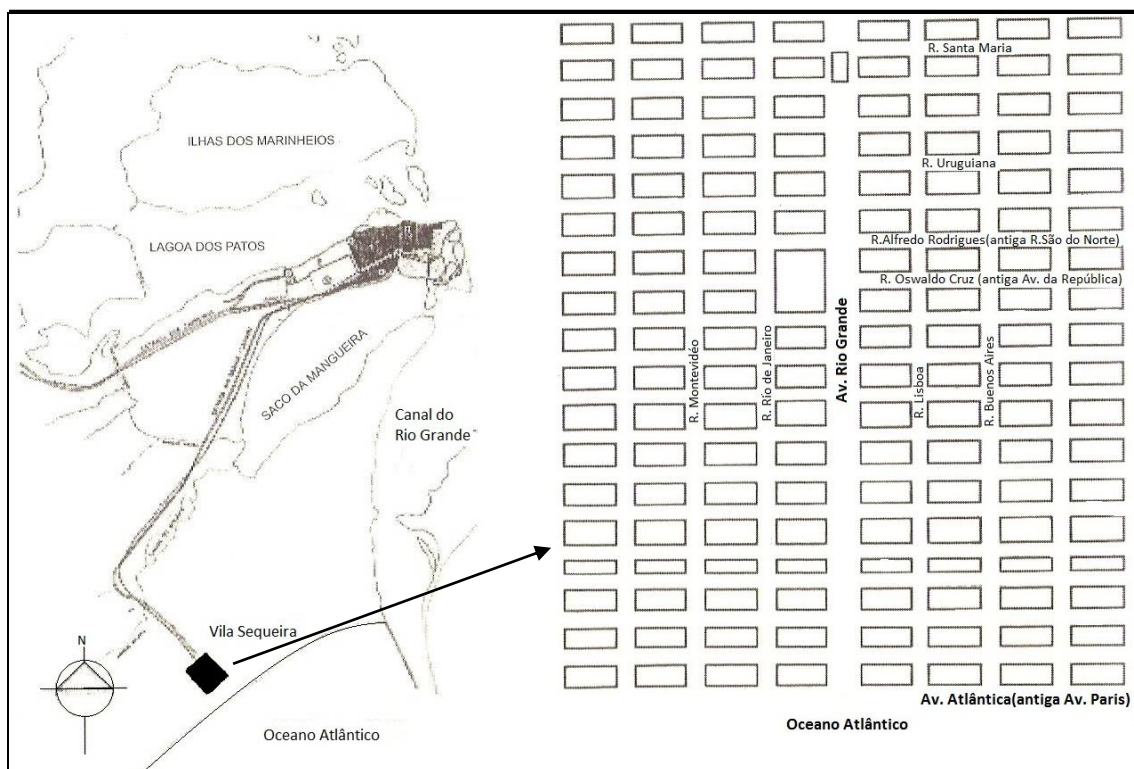
com o corpo (ENKE, 2005) “por meio dos banhos de mar frios, hábito europeu desde século XVII. Estes banhos surgiram primeiramente na Inglaterra, depois os franceses adotaram este hábito, deste modo o medo que o homem tinha do oceano, que este era devorador de pessoas acabou, emergindo o prazer e encanto das praias de mar, desfrutando dos benefícios a beira-mar” conforme podemos observar na passagem na obra de Corbin apud Enke (2005, p. 30-31) sobre os escritos de Saint-Amant de 1628, onde ele relata uma experiência na costa marinha.

Ele confessa ficar sentado horas a fio no alto da falésia, contemplando o horizonte marinho, escutando o estranho grito que as gaivotas lançam no vazio, depois desce à praia e passeia longamente; o passeio serve de trampolim à meditação, permite a coleta de conchas. O espelho das águas acalma e as ilusões que provoca, a versatilidade do oceano, o fascina. A praia abre-se também ao prazer da conversação; sutil equilíbrio entre o retiro solitário e a massa tumultuada, implica a escolha de algumas pessoas especiais com quem nos comunicarmos para evitar o tédio da solidão e o peso da multidão. A sedução do repouso provocado pelo retiro, a prática da meditação e da conversação, o devaneio favorecido pelo ambiente, certas formas de engajamento do corpo, a fascinação exercida pelas vibrações luminosas do espelho aquático compõem uma gama de prazeres do lugar, sem que, no entanto, as testemunhas procurem pintar o espetáculo da natureza como irão fazê-lo. (ENKE, 2005, p.30-31)

A partir da metade do século XVIII propagou-se o desejo de freqüentar praias para usufruir da bela paisagem, da brisa que refresca e do mergulho no mar. Neste período a preocupação com a higiene e os cuidados com a saúde faz emergir a terapêutica do banho de mar. Deste modo as estações balneares são disseminadas pelo mundo, possibilitado aos ricos locais privados com estrutura para atender este público alvo com a promessa de vida saudável e longa, além de propiciar sensação de bem-estar com a oferta de infra-estrutura adequada com passeios à beira mar, bailes, jantares, almoços, esportes dentre outros produtos, garantindo o que havia de mais luxuoso na época.

Segundo Enke (2005, p.33-34) os freqüentadores das estações buscavam o descanso e o lazer, e distraíam-se em meio a uma sociedade elegante presente nos balneários da moda européia, tais como Bath e Brighton, na Inglaterra e Dieppe, Deauville e Côte D’Azur, na França.

Embora o Balneário Villa Sequeira surgisse para atender ao lazer e aos banhos terapêuticos da elite notamos que a linha férrea forjou uma estrutura conferindo uma forma ao balneário. A estrutura para a construção da estação Balnear foi possível pelo momento vivido pela cidade de Rio Grande, que estava em plena industrialização com influencia européia. Assim, esta influencia conferiu à Estação Balnear estilo europeu as suas construções (forma - uma das categorias de análise social de Lefèbvre), onde havia a avenida principal, por onde passava o trem, contendo quatro quadras de cada lado paralelas a esta e dezoito quadras perpendiculares a Avenida principal, imprimindo-lhe uma forma, que segundo Lefèbvre é o espaço percebido (Figura 6).



**Figura 6– Mapa com a linha Férrea Rio Grande-Villa Sequeira e o projeto do Balneário.**  
 FONTE: PEREIRA, 2005

A forma do espaço social corresponde ao reencontro e a simultaneidade de tudo o que está no espaço, incluindo o que se produz nesse espaço a partir da natureza, da sociedade através de cooperação e conflitos. A terminologia forma pode apresentar uma pluralidade de acepções: estética, plástica e abstrata. Geralmente sua utilização implica a descrição de contornos, de volumes, de simetrias (LEFÈBVRE, 1974, p.173 apud MARTINS, 2004, p.29). No entanto, não se pode entender um espaço somente através

da sua forma, pois existem diversas estruturas e diversas funções contidas na mesma configuração. A forma está diretamente ligada ao espaço percebido (Figura 7).



**Figura 7– Primeiros Chalés e ao fundo observamos o trem que conduzia os passageiros.**

FONTE: ENKE, 2005

Enquanto, a função corresponde ao espaço vivido. Está vinculada às conseqüências da existência e ação de pessoas e objetos, que mudam de acordo com as alterações produzidas no espaço. A função pode ser ligada a programas estatais ou privados, coletivos ou particulares que acabam se impondo ou se permeando às funções existentes (MARTINS, 2004, p.30). Já a estrutura corresponde ao espaço concebido, pois se refere à disposição de elementos que no conjunto tomam forma, e que são vitais para a funcionalidade de um espaço. Ela corresponde à natureza social e econômica existente num determinado momento para a sociedade (MARTINS, 2004, p.30). No caso do Balneário os trilhos do trem, as paredes das construções, aberturas das ruas, a oferta de certos serviços como água encanada e luz correspondem ao espaço concebido. A função pode-se dizer que no seu início era o lazer.

E em sua inauguração, em 1890, já possuía água encanada e luz, quadro com 40 casas geminadas, vinte chalés particulares, bonde-puxado por mulas que percorria o trajeto do início da vila até a praia-e moderno hotel (PEREIRA, 2005. p.28). Segundo Corbin



apud Barcelos (2000) o costume dos banhos de mar na Europa teve início no século XVII e se firmou nos séculos XVIII e XIX. Na segunda metade do século XVIII o hábito dos banhos de mar foi associado a uma nova concepção medicinal que colocava o banho marítimo no receituário para as moléstias humanas. Deste momento em diante a praia torna-se um espaço social utilizado pelas elites. As estações balneárias e os banhos terapêuticos chegaram a Rio Grande como um marco da “modernidade” pleiteada pela elite local.

Assim em 1890 surge a primeira estação balneária no Brasil com a finalidade de proporcionar lazer e cura por meio de banhos terapêuticos. As noites eram movidas a bailes e jogos que logo fizeram o balneário ficar conhecido. Neste ritmo de popularidade o balneário foi se transformando e expandindo novas casas foram geminadas, novos hábitos e costumes mudaram a paisagem ditando novos ritmos à urbanidade do Cassino (Figura 8).



**Figura 8– Salão de jogos do hotel Casino.**

FONTE: ENKE, 2005

Em meio a toda atividade econômica e política intensa na cidade do Rio Grande havia a conhecimento do que acontecia na Europa por meio de revistas trazidas pelos navios,

ilustrando os modelos de balneários construídos, influenciando na construção da Estação Balnear Villa Sequeira no final do século XIX. O espaço elitizado afirmava a posição de status entre os grupos da sociedade rio-grandina da época, sendo a representação do espaço da elite rio-grandina, encenando um modo de vida onde desfrutavam momentos de lazer, transitando pela Avenida principal, pela praia ou hotel com suas vestimentas (Figura 9).



**Figura 9– Camarotes à beira mar**  
FONTE: ENKE, 2005

Além da elite rio-grandina outras também usufruíam do glamour e do luxo oferecidos pela Estação Balnear, mostrando a sua fama conquistada em virtude da sua infraestrutura tais como os hotéis que segundo Enke (2005, p.37) transformam-se em um prolongamento do lazer após o banho de mar, pois os hóspedes banham-se e, ao retornarem ao estabelecimento, recebem tratamento especial para seu bem estar usufruindo massagens, conversas, ambiente dedicado na busca de melhores condições de saúde, diversão ou mesmo, para os que não querem usufruir destas delicadezas, era servido à comida (Figura 10).



**Figura 10 – Restaurante chalet-buffet<sup>4</sup>**  
FONTE: ENKE, 2005

A Cia Viação Rio-grandense que fazia transporte coletivo na cidade (bondes puxados por mulas) entrou em declínio e em 1909 Cel. Leivas adquiriu todos os bens desta. O novo proprietário procurou imprimir novo vigor no empreendimento e lançou, já em 1914, um grande leilão de terras na “Praia do Cassino do Rio Grande – Villa Sequeira”, quando ampliou o loteamento em cinco quadras de cada do eixo inicial (PEREIRA, 2005).

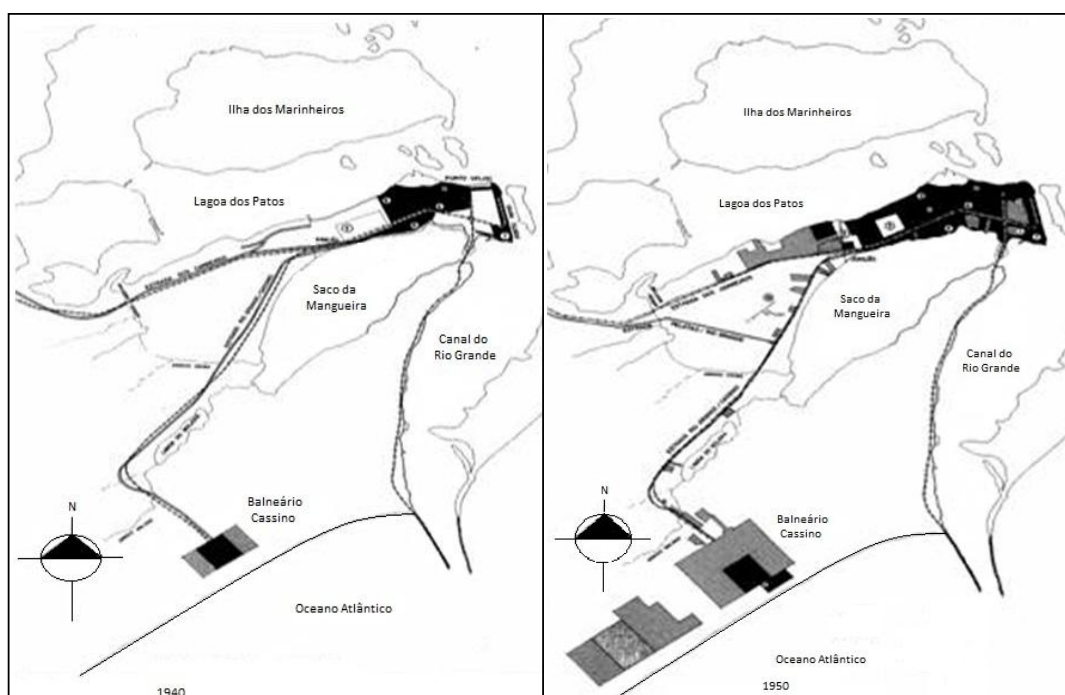
Esta ampliação sofreu novo desenho em 1917, com a criação de duas grandes praças. O restante da área era ocupado, com atividades pecuárias, pelo proprietário. Assim novos quarteirões foram sendo ocupados e a estrada recebe saibro surgindo à primeira frota de ônibus, que foi inaugurada em 22 de maio de 1927 (PEREIRA, 2005). Nos anos quarenta com a estrada de asfalto houve maior movimento de veículos automotores possibilitando a ocupação dos espaços com novas edificações.

---

<sup>4</sup> Construído próximo à praia segundo Enke (2005) as informações a seu respeito são poucas e vagas. Acredita-se que após reformas o chalet serviu de moradia a frequentadores do balneário de acordo com informações de jornais do período sobre o aluguel de um chalet próximo à praia, levando a crer que tenha sido este chalet, conhecido como restaurante de dois bicos.

### 3.4 Expansão do Balneário

Na década de 40 até a de 50, do século XX, houve a intensificação do processo de urbanização na cidade devido à vinda de imigrantes de outras cidades, principalmente pessoal com pouca instrução e de baixa renda, em busca de melhores condições de vida ocasionada em função do segundo período de industrialização ocorrido na cidade do Rio Grande. No entanto, a taxa de crescimento populacional era tão alta que não era possível atender a demandas por domicílios, principalmente para a população de baixa renda, assim a alternativa da administração foi lotear terrenos no Balneário Cassino (Figura 11). Nesta mudança de função do balneário houve um aumento das pressões exercidas sobre o meio, contribuindo para a queda da qualidade de vida.

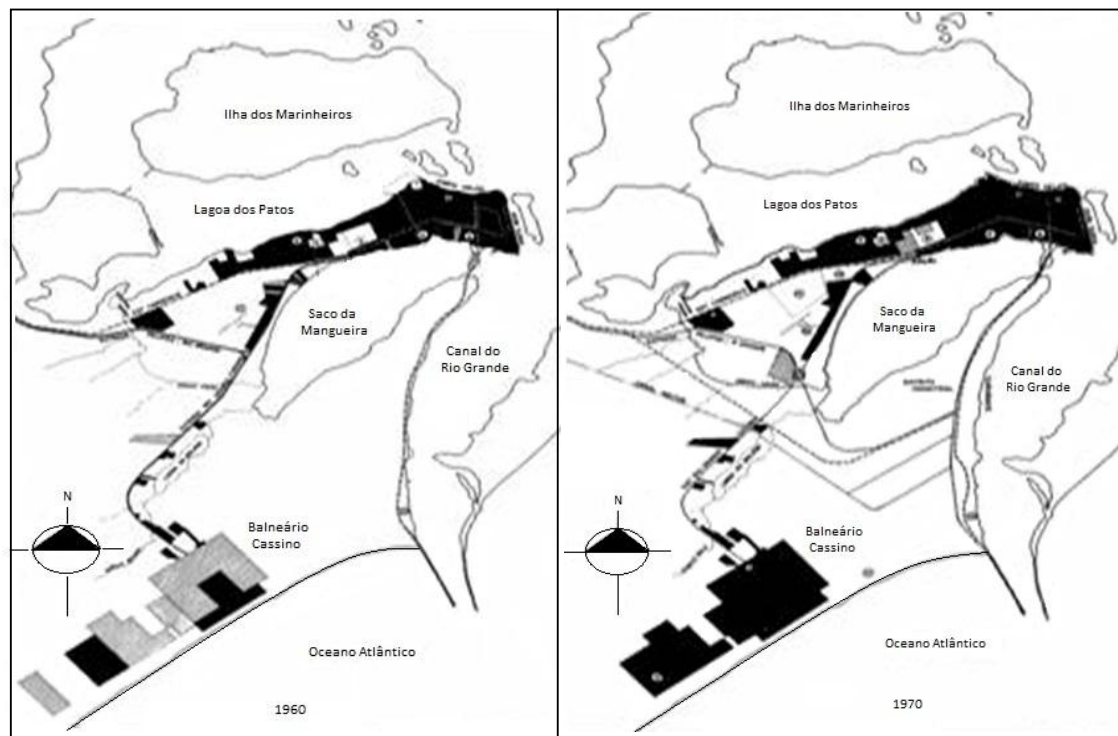


**Figura 11– loteamentos (área em hachura) e expansão (área em preto) do balneário nas décadas de 40 e 50 respectivamente.**

FONTE: SALVATORI, 1989.

No entanto nos anos 60 aos anos 70 o município de Rio Grande entrou em processo de estagnação sendo assim o seu crescimento populacional foi freado. Com a paralisação de diversas atividades fabris no final da década de 50, ocorre uma diminuição na velocidade de novos loteamentos com a finalidade residenciais. Há uma sensível redução nas taxas de crescimento populacional e os loteamentos implantados destinam-se a finalidades de lazer, nas mediações do Balneário. Deste período, datam as

ocupações irregulares na Faixa de Marinha do Balneário Cassino, denunciando os reflexos sociais de estagnação econômica (SALVATORI, 1989, p. 49) (figura 12).



**Figura 12– loteamentos (área em hachura) e expansão na década de 60 e expansão na década de 70 no balneário.**

FONTE: SALVATORI, 1989.

Segundo Schmidt (2009, p. 20) o intenso processo de urbanização, com conseqüente impermeabilização do solo, verticalização das construções, canalização de rios, diminuição da cobertura vegetal e aumento da poluição em geral, torna-se o grande responsável pela diminuição da qualidade ambiental nas áreas mais populosas do planeta. Embora no balneário ainda não tenha ocorrido estes problemas acima citado pelo o referido autor existem outros como a retirada de dunas (utilizada pela construção civil), a construção de fossas sépticas num terreno arenoso, com o lençol freático “afloando”, disposição de lixo nas dunas ou terreno baldio, a disposição de efluentes domésticos na rede hídrica – sangradouros -, dentre outros. Percebe-se que as ações humanas estão exercendo pressão sobre o ambiente, alterando a qualidade e a disponibilidade dos recursos naturais.

Mota apud Schmidt (2009, p. 20) destaca que as alterações que o homem moderno vem introduzindo no ambiente tem acontecido de forma rápida e variada, não permitindo, muitas vezes, que haja a recuperação normal da natureza. Por isso, Flores et al. Apud Schmidt (2009, p. 22), em relação à qualidade ambiental, afirmam que é o paradigma atual dos profissionais do planejamento e dentro deste paradigma, a incorporação do conhecimento ecológico é considerada como estratégia para se proteger e restaurar os serviços e recursos da natureza.

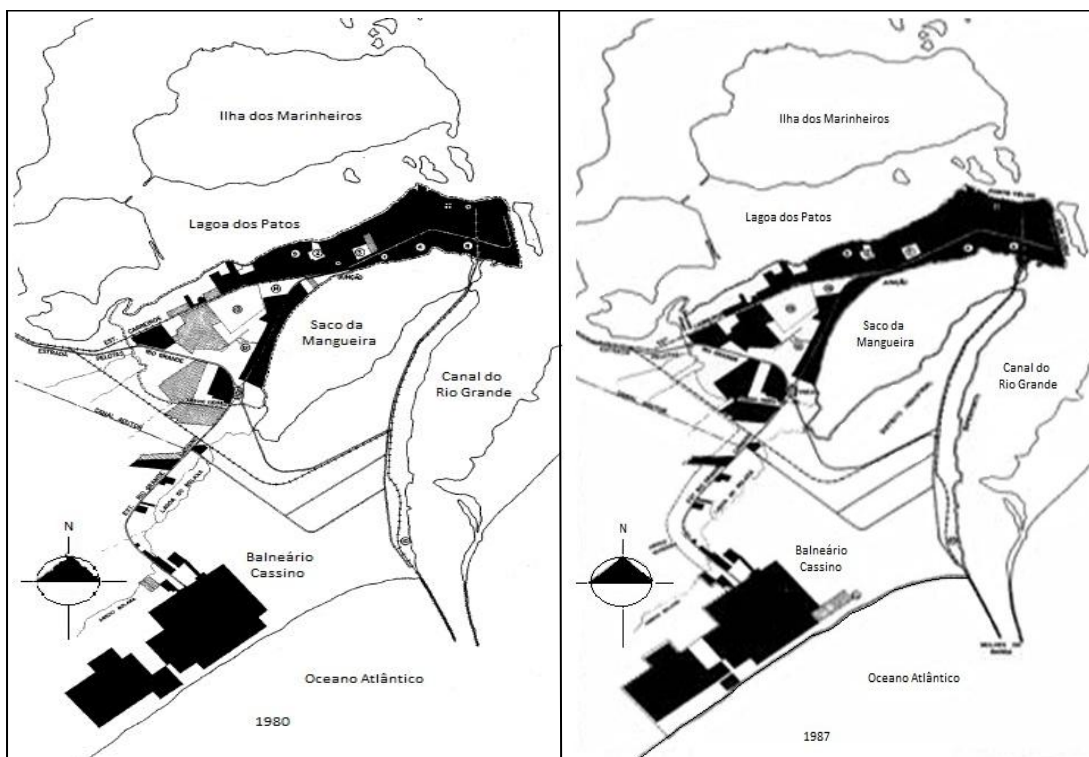
Observa-se que a expansão do balneário cassino não foi acompanhada da implantação de infra-estruturas as quais garantissem a qualidade do meio. Sendo justamente a ausência desta infra-estrutura que propiciou a oferta mais barata de terrenos para população rio-grandina acometida pela estagnação econômica por qual o município passou durante os anos 60 até a década de 70 do século XX.

Além disso, muitos terrenos foram ocupados de forma irregular com condições precárias de habitação, visto que as casas eram feitas de provisórios, como ripas, para que no momento em que fosse preciso se mudar dali, era só desmontá-las. E estas casas eram construídas em cima das dunas para que não alagassem quando chovessem, pois se localizavam em terrenos inundáveis.

Observa-se que as classes sociais menos favorecidas são marginalizadas, sendo obrigadas a morar em áreas com condições desfavoráveis em virtude da lógica capitalista, onde o solo é mercadoria. Assim, as melhores áreas locacionais são oferecidas a quem pode pagar mais por elas.

Outro fator preocupante para as famílias que ali moravam era a falta de serviços de fornecimento de água, energia elétrica e coleta de esgoto, logo todos os dejetos eram largados a céu aberto. Nos loteamentos regulares eram construídas fossas sépticas. A água consumida por esses moradores era proveniente de poço. E pelo terreno arenoso ser permeável pode causar o contato com dejetos das fossas sépticas consequentemente a contaminação do lençol freático.

Embora na década de 80 (Figura 13), século XX, a expansão do balneário tenha sido pequena, tendo pouca significância em sua configuração espacial era preciso considerar outra característica, a sazonalidade, em seu planejamento, pois de acordo com Santos (2004, p. 25) planejar é estar a serviço de interesses públicos, por meio do ordenamento das atividades humanas, logo deve ser implementado.



**Figura 13 – Expansão do balneário na década de 1980.**  
FONTE: SALVATORI, 1989.

Logo, ao planejar o balneário deve-se levar em conta a sua sazonalidade uma vez que em sua na “baixa temporada” a população tem aproximadamente 20 mil habitantes (Barcellos, 2000, p.?), sendo composta, principalmente por aposentados, profissionais liberais, funcionários públicos e estudantes universitários, já nos meses de verão a população alcança cerca de 200 mil habitantes (Barcellos, 2000, p.?) com a chegada de veranistas e turistas, ocasionando um agravante nos problemas relacionados à falta de coleta e tratamento de esgotos, por exemplo.

Monteiro apud Schmidt (2009, p.20) afirma que as pressões exercidas pela concentração da população e de atividades geradas pela urbanização e industrialização, concorrem para acentuar as modificações do meio ambiente, com o comprometimento da qualidade

de vida. Por isso, muitos países já estão utilizando em seu planejamento urbano a estratégia de identificação da qualidade ambiental. Embora exista uma série de publicações científicas e conseqüentemente metodologias para determinar a qualidade ambiental, o questionamento ainda é sobre quais os fatores, se há uma qualidade mínima tolerada e principalmente quais os métodos e técnicas de mapeamento e avaliação da qualidade ambiental (VAN KAMP et.al. apud SCHMIDT, 2009 p.22).

Outro fator que se deve considerar é que o uso da terra está inserido na lógica de produção capitalista, logo o solo deixa de ser somente suporte, base física para a relação sociedade-natureza e sim mercadoria. Assim, de acordo com Ugeda Júnior (2007, p. 47) a concepção do relevo como mercadoria implica na especulação ou na exploração intensa, uma vez que, quando se adquire uma parcela do relevo e institui-se a propriedade privada da terra, principalmente, se a intenção for lotear, a tendência é a intensificação do uso do solo, buscando-se a maior margem de lucro possível. Esse processo ocorre sem considerar a capacidade natural de suporte, o que refletirá em futuros impactos ambientais.

Esta desconsideração da capacidade de suporte do solo acaba refletindo em desastres, que muitas vezes são tidos como eventos extremos, onde a população vulnerável é vítima da fatalidade, do acaso isto conforme Ugeda Júnior (2007, p. 49) ocorre, pois a natureza é vista como externa ao homem e a sociedade.

Percebe-se que a perspectiva positivista, ao desvincular a natureza da sociedade não consegue compreender que todas as ações sociais sobre o relevo implicam em uma reação de ajuste. Essa perspectiva se torna bastante negativa quando vinculada ao planejamento urbano; ela implica na desconsideração das características do meio e da capacidade natural de suporte na intervenção do homem sobre o relevo.

Assim, para identificar a qualidade ambiental do balneário no capítulo a seguir foi analisado e discutido os dados obtidos por meio das entrevistas realizadas com os moradores do Balneário Cassino.



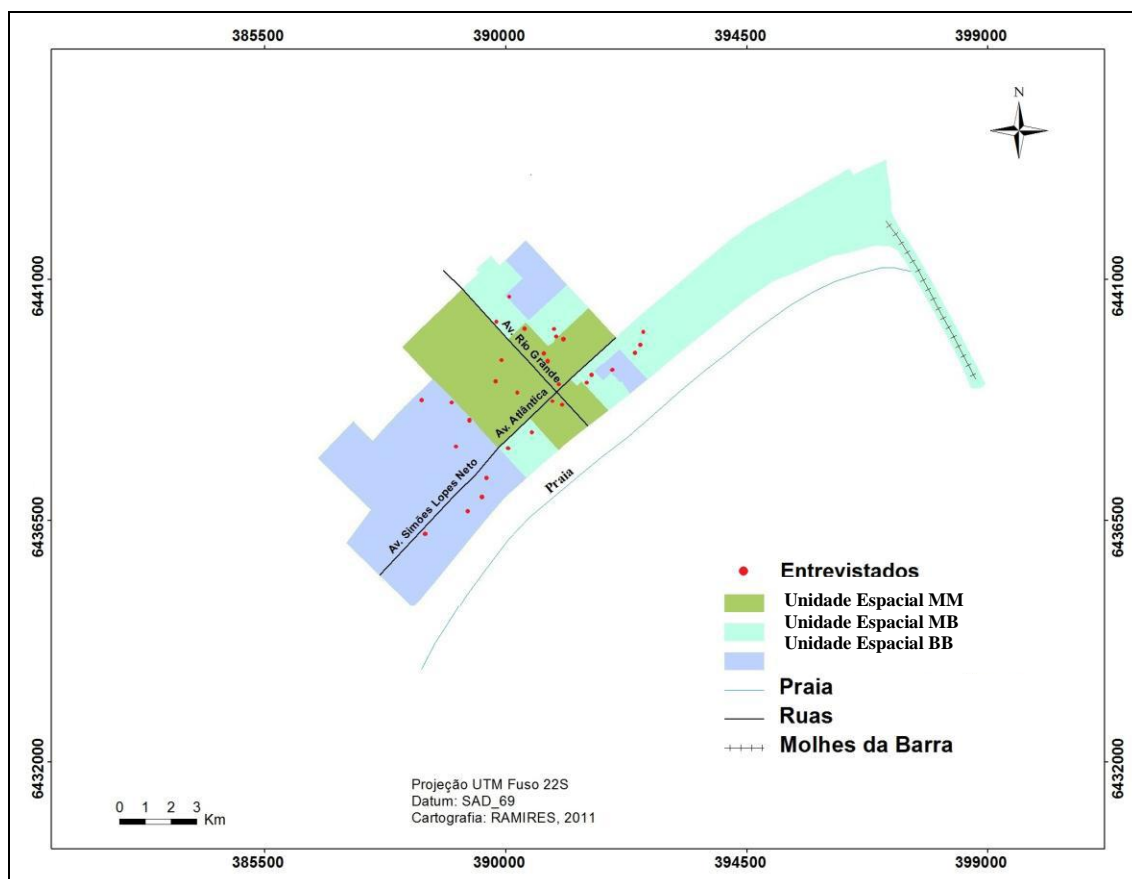
## CAPÍTULO IV

### 4.1 Análise dos Resultados

A análise dos resultados foi realizada em duas etapas: na primeira etapa foram confeccionados mapas temáticos para espacializar os aspectos positivos e negativos dos sub-componentes da qualidade ambiental urbana em cada unidade espacial. Na segunda etapa foram consideradas as percepções de todos os respondentes, no caso 30 entrevistados, estas percepções foram apresentadas em forma de gráfico.

### 4.2 Caracterização dos entrevistados

Neste subitem apresenta-se a espacialização dos entrevistados nas unidades espaciais (mapa 2) e suas características quanto à escolaridade, à profissão, à cidade de origem, à idade e ao tempo de moradia.



**Mapa 2 – Unidades Espaciais e Espacialização dos moradores entrevistados.**

FONTE: RAMIRES, 2010 - 2011

Nesta Unidade Espacial 6 dos entrevistados tinham ensino fundamental, 1 era analfabeto, 2 tinha ensino médio e 1 ensino superior. Os entrevistados da unidade espacial tinham idade entre 31 a 70 anos e moravam de 1 a 32 anos no Balneário Cassino (tabela 1).

**Tabela 1 – Características dos entrevistados da Unidade Espacial BB.**

	Escolaridade	Profissão	Cidade de Origem	Idade	Q <sup>to</sup> Tempo mora
1° entrevistado	Ensino Fund. incomp	Pintor	Rio grande	39	1ano
2° entrevistado	Ensino Fund. incomp	Doméstica	São José do Norte	45	21anos
3° entrevistado	Ensino Fundamental	Aposentado	Canoas	57	28anos
4° entrevistado	Analfabeto	Serviços Gerais	Turuçú	70	22anos
5° entrevistado	Ensino Fundamental	Do Lar	Rio Grande	46	5anos
6° entrevistado	Ensino Fund. incomp	Aposentado	São Lourenço do Sul	63	7anos
7° entrevistado	Superior	Funcionário Pub. Á.Administrativa	Rio Grande	35	1ano
8° entrevistado	Ensino Fund. incomp	Eletricista	Rio Grande	34	32anos
9° entrevistado	Ensino Médio	Do Lar	Pinheiro Machado	56	20anos
10° entrevistado	Ensino Médio	Do Lar	Porto Alegre	31	6anos

Fonte: RAMIRES, 2011

Nesta Unidade Espacial dos moradores entrevistados 4 tinham ensino fundamental, 3 ensino médio e 3 ensino superior. Nesta unidade espacial os entrevistados têm idade de 15 a 65 anos e moram de 1 a 15 anos no Balneário Cassino (tabela 2).

**Tabela 2 – Características dos entrevistados da Unidade Espacial MB.**

	Escolaridade	Profissão	Cidade de Origem	Idade	Q <sup>to</sup> Tempo mora
1° entrevistado	Ensino Médio	Marítimo	Rio grande	45	13anos
2° entrevistado	Ensino Médio	Aposentado	Rio grande	58	15anos
3° entrevistado	Ensino Fundamental	Estudante	Rio grande	15	15anos
4° entrevistado	Ensino Médio	Do Lar	Rio grande	42	5anos
5° entrevistado	Superior incomp.	Autônoma	Rio Grande	36	2anos
6° entrevistado	Superior	Eng. Mecânico Aposentado	São José do Norte	65	2anos
7° entrevistado	Superior	Advogada	Rio Grande	38	1ano
8° entrevistado	Ensino Fund. incomp	Do Lar	Rio Grande	43	3anos
9° entrevistado	Ensino Fundamental	Aposentado	São José do Norte	59	5anos
10° entrevistado	Ensino Fundamental	Do Lar	Rio grande	55	11anos

Fonte: RAMIRES, 2011

Nesta Unidade Espacial há entrevistados com ensino fundamental (3 entrevistados), ensino médio (3 entrevistados) e ensino superior (4 entrevistados) cujas idades variava de 31 a 68 anos e moravam no Balneário Cassino de 3 a 40 anos (tabela 3).

**Tabela 3 – Características dos entrevistados da Unidade Espacial MM.**

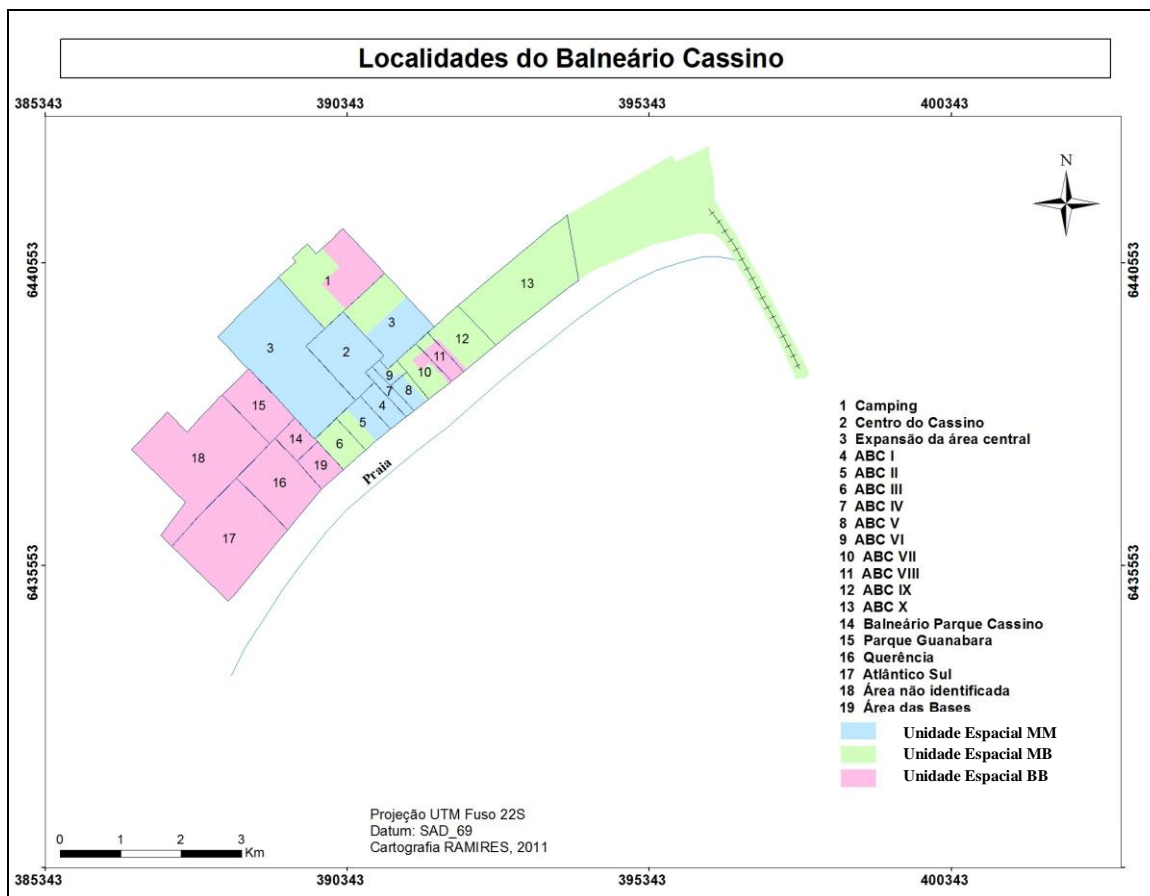
	Escolaridade	Profissão	Cidade de Origem	Idade	Q <sup>to</sup> Tempo mora
1° entrevistado	Superior	Aposentada	Rio grande	56	13anos
2° entrevistado	Ensino Fund. incomp	Do Lar	Canguçu	63	7anos
3° entrevistado	Ensino Fundamental	Aposentado	Rio grande	64	17anos
4° entrevistado	Ensino Médio	Pintor	Rio grande	41	15anos
5° entrevistado	Ensino Médio	Empresário	Rio Grande	31	3anos
6° entrevistado	Ensino Médio	Comerciário	Rio Grande	42	4anos
7° entrevistado	Superior	Advogada	S <sup>ta</sup> Vitória do Palmar	43	4anos
8° entrevistado	Superior	Contabilista	Rio Grande	68	40anos
9° entrevistado	Ensino Fund. incomp	Doméstica	Curitiba	36	4anos
10° entrevistado	Superior	Professora	Rio grande	40	4anos

Fonte: RAMIRES, 2011

Na unidade espacial BB a maior parte é oriunda de outros municípios do Rio Grande do Sul e optaram por morar no balneário porque as residências e os terrenos eram mais baratos do que outros bairros de Rio Grande. Na unidade espacial MM e MB a maioria dos entrevistados é de Rio Grande e optaram por morar no balneário em virtude do ambiente ser mais tranquilo, oportunizar o contato com a natureza. Segundo eles o balneário apresenta melhor qualidade ambiental e de vida do que outros bairros de Rio Grande e de outros municípios do Rio Grande do Sul.

### ***4.3 Caracterização das Unidades Espaciais***

As unidades espaciais foram identificadas a partir das classes de renda obtidas pela média de rendimento nominal mensal e da classe de anos de estudos obtidos pela média de anos de estudos dos 32 setores censitários (IBGE, 2000) do Balneário Cassino (mapa 3).



**Mapa 3 – Localidades do Balneário Cassino.**

FONTE: RAMIRES, 2011

As classes de renda encontradas foram: baixa renda (R\$ 0 a 755) e renda média (R\$ 755 a 2.265), tendo como parâmetro as classes de renda do IBGE de 2000. As classes de anos de estudos identificadas foram: baixa escolaridade (0 a 8 anos completos) e média escolaridade (9 a 11 anos completos), tendo como base o IBGE que afirma que 11 anos de estudos indica um bom nível de instrução.

A Unidade Espacial Baixa Renda e Baixa Escolaridade (BB) não é contínua, compreende os setores censitários 212, localizado na área do camping, 222 abrange áreas do ABC VII, VIII e IX. O setor censitário 236 inclui áreas do Balneário Parque Cassino e Querência, o 237 e 238 estão localizados na Querência. O setor censitário 239 áreas do Atlântico Sul; o 240 situa-se na Querência e no Atlântico Sul e os setores 241 e 242 no Parque Guanabara.

A Unidade Espacial Renda Média e Baixa Escolaridade (MB) não é contínua, contém os setores censitários 211(na área do camping); 213 (expansão da área central); 220 localizado no ABC VI,VII, VIII e IX. O setor censitário 221 está localizado no ABC IX e X; o 234 no ABC II e III; o 235 no ABC III.

A Unidade Espacial Renda Média e Média Escolaridade (MM) é contínua, contém os setores censitários 214 e 215, localizados na área central do Balneário Cassino. O setor censitário 216 é a expansão da área central; 217 (área central do Balneário Cassino); 218 (ABC IV e VI); 219 (expansão da área central); 224 (ABC IV, V, VI), 225 (ABC I); 226, 227, 228 e 229 (área central do Balneário Cassino). Os setores censitários 230, 231 e 232 (expansão da área central) e o 233 (ABC II).

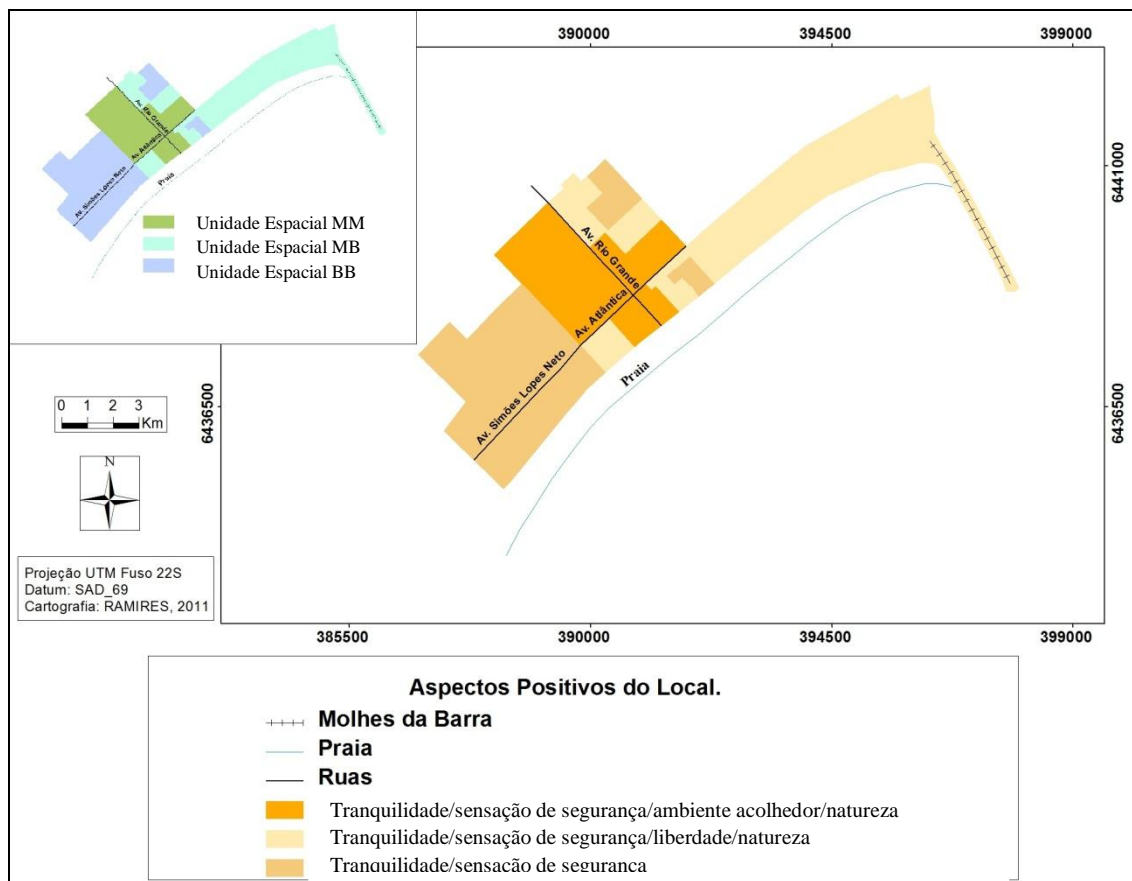
Esta unidade espacial está localizada numa área que concentra os serviços oferecidos no Balneário Cassino tais como: serviço de banco, farmácias, supermercado, pequenos comércios, posto de saúde, policial, e possui maior parte das ruas calçadas, contribuindo para o acesso da população a essas mediações.

#### ***4.4 Análise dos componentes da qualidade ambiental urbana***

##### ***4.4.1 Sub-Componentes espaciais da qualidade ambiental urbana***

Os Sub-componentes Espaciais da qualidade ambiental evidenciados pela análise das entrevistas dos moradores foram: de Bem-Estar, de Acessibilidade, de Desenho Urbano, de Referenciais e de Uso e Ocupação do Solo.

**O sub-componente espacial Bem-Estar** apresentou aspectos positivos (mapa 4) e negativos(mapa 5) segundo os entrevistados eles gostam de morar no Balneário Cassino, pois se sentem seguros, acham o local tranquilo, gostam do contato com a natureza, sentem-se livres. No entanto, alguns moradores relataram que durante o veraneio com a presença dos turistas/veranistas o local fica um caos e seu bem-estar é prejudicado.

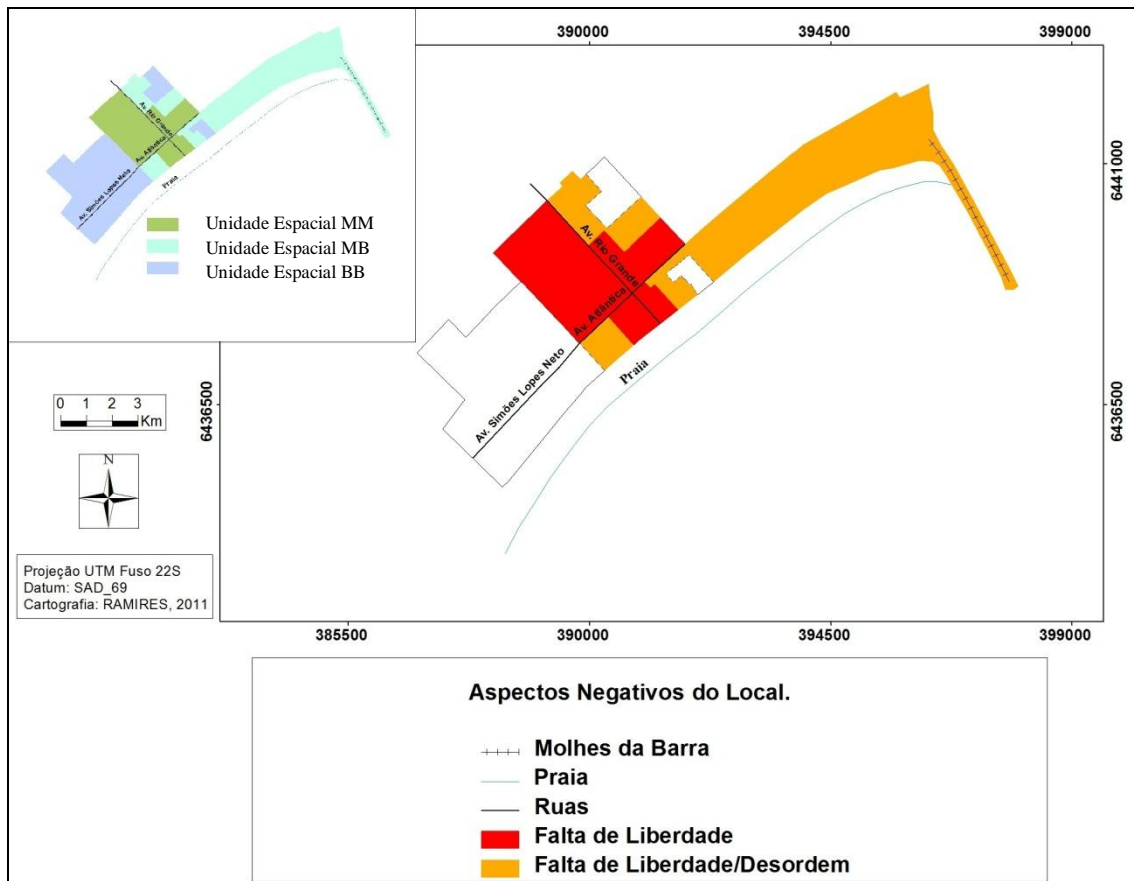


**Mapa 4- Aspectos positivos do local, Balneário Cassino.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os componentes espaciais (Bem-Estar) apontados nas respostas dos entrevistados da unidade espacial BB envolvem aspectos de tranquilidade do local, sensação de segurança, já na unidade espacial MB os aspectos que contribuem para avaliação positiva do local são tranquilidade, agito no verão, sensação de segurança, contato com a natureza, liberdade de poder sentar na frente de casa para tomar um chimarrão à tarde. Na unidade espacial MM os aspectos são de tranquilidade, sensação de segurança, ambiente acolhedor e contato com a natureza.

A relação entre os turistas/veranistas com os moradores muitas vezes é meio conflituosa visto que os horários são distintos (mapa 5), os turistas/veranistas querem aproveitar as festas, a praia e acabam causando transtornos para alguns moradores (Apêndice D). Entretanto, há moradores que evidenciam (Apêndice E) aspectos positivos tais como amizade; solidariedade; receptividade e interação.

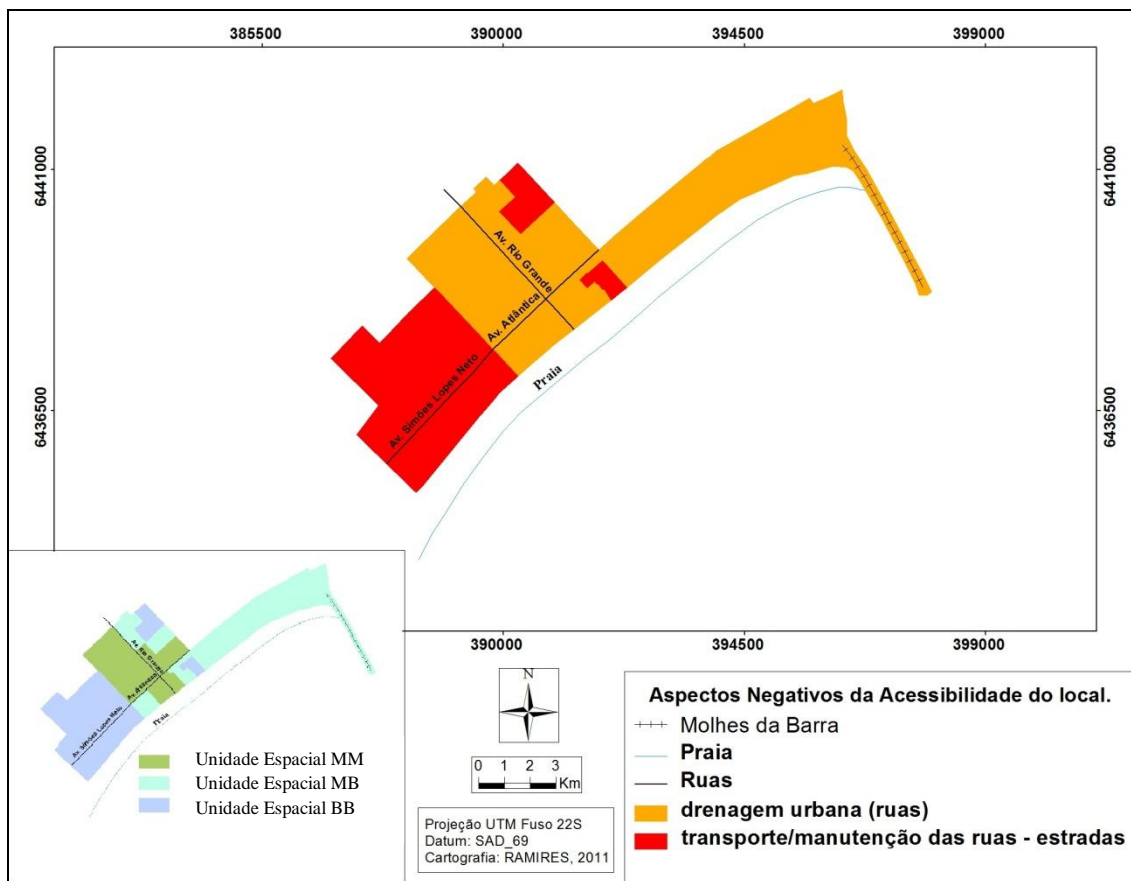


**Mapa 5 – Aspectos Negativos do local, Balneário Cassino.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os aspectos que contribuíram para avaliação negativa da relação entre turistas/veranistas e moradores do Balneário Cassino foram: falta de liberdade (unidade espacial MM); falta de liberdade e desordem (unidade espacial MB).

**O sub-componente espacial Acessibilidade** foi apontada como negativa por alguns dos entrevistados (mapa 6 e 8) e como positiva por outros (mapa 7)

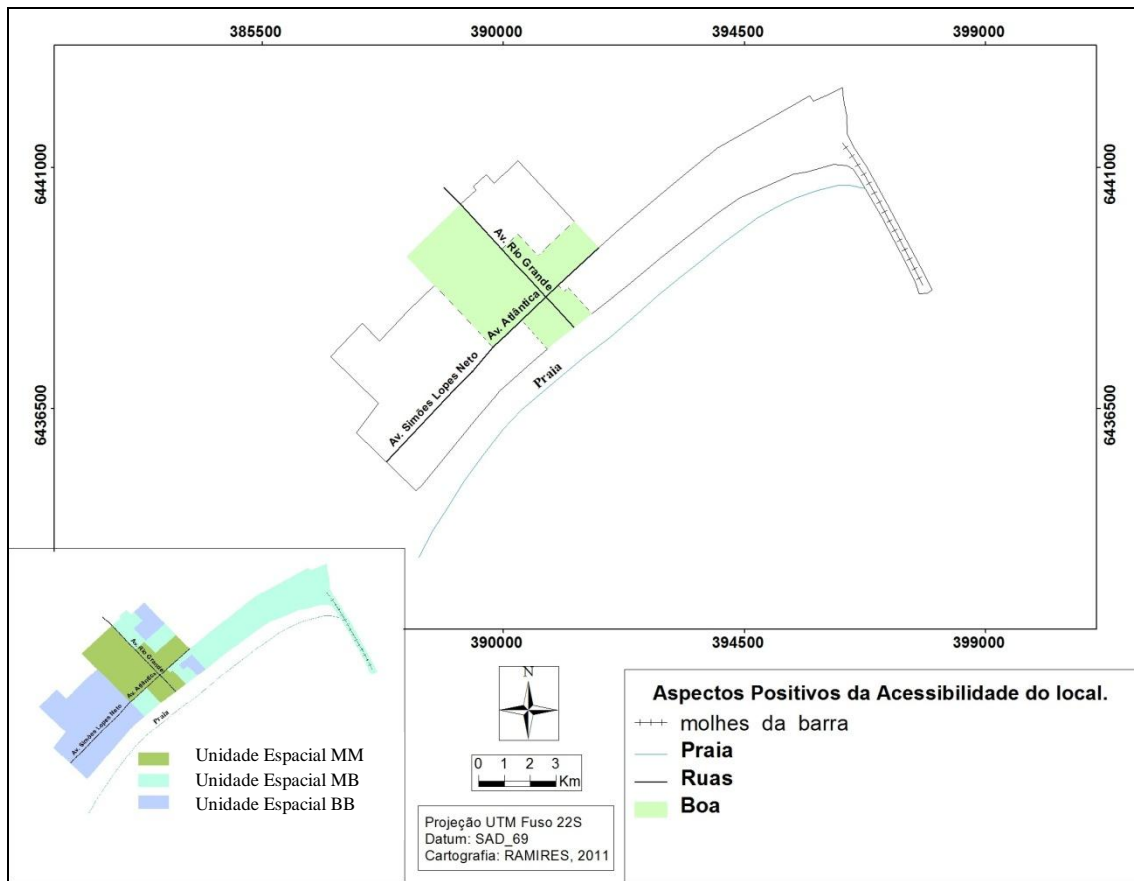


**Mapa 6 – Aspectos Negativos da Acessibilidade sobre o Balneário Cassino.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os aspectos que contribuíram para avaliação negativa da acessibilidade do Balneário Cassino foram: drenagem urbana (unidade espacial MM e MB) e transporte, manutenção das ruas e estrada (unidade espacial BB). Os entrevistados afirmaram que a falta de acessibilidade prejudicada o acesso a serviços, visto que a maioria dos serviços de farmácias, supermercado, dentre outros se encontram concentrado nas Avenidas Rio Grande e Atlântica. No entanto, houve alguns entrevistados que na unidade espacial MM considerou boa a acessibilidade das ruas (mapa 7).

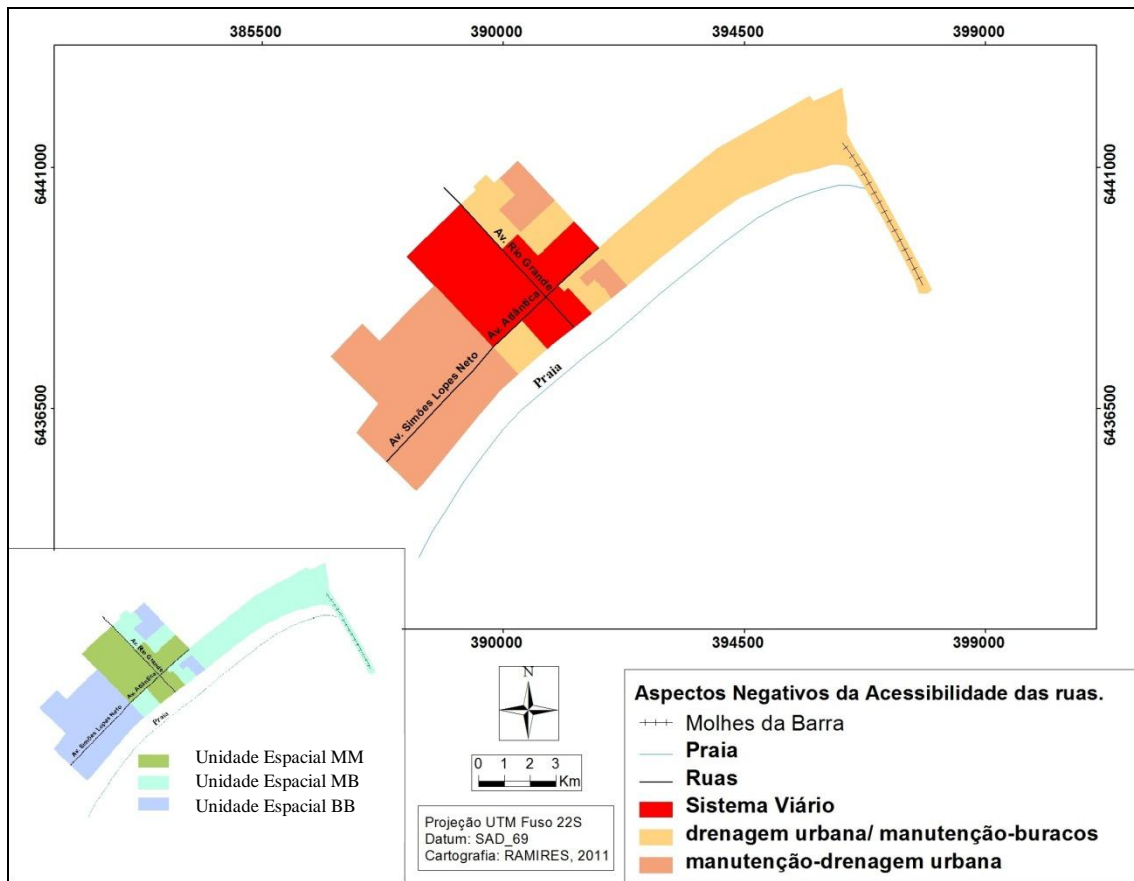




**Mapa 7- Aspetos positivos da Acessibilidade do local.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os aspectos que contribuíram para avaliação positiva das ruas do Balneário Cassino foram: acessibilidade (unidade espacial MM) que está relacionada ao fator biológico de drenagem urbana (Apêndice F) visto que nesta unidade espacial a presença de calçamento das ruas permite uma fluidez melhor do escoamento superficial da água. Enquanto nas ruas sem calçamento há o acúmulo da água devido ao substrato, areias quartzosas, e ao lençol freático próximo da superfície formando poças d'água deixando as ruas intransitáveis. O próximo mapa mostra a avaliação negativa da acessibilidade das ruas (mapa 8).



**Mapa 8- Aspectos Negativos da Acessibilidade das ruas.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os aspectos que contribuíram para avaliação negativa das ruas do Balneário Cassino foram: sistema viário (unidade espacial MM); drenagem urbana, manutenção-buraco (unidade espacial MB) e manutenção-drenagem urbana (unidade espacial BB).

O sistema viário foi avaliado como negativo pela unidade espacial MM, pois segundo os entrevistados há falta de sinalização de trânsito (sub-componente espacial referenciais – orientação), influenciando na segurança do trânsito do local, o Balneário Cassino, causando transtornos para a população. Também houve alguns entrevistados que citou a drenagem urbana como aspecto que contribui para a avaliação negativa da acessibilidade das ruas. A drenagem urbana para as unidades espaciais MB e BB é um dos principais problemas visto que nestas unidades as ruas, em sua maior parte, não têm calçamento, logo em dias de chuva as ruas ficam alagadas e nos dias secos um areal.

O **sub-componente espacial Desenho Urbano** apresentou em todas as unidades espaciais aspecto positivo de estética das residências relacionado à forma e tipo de material. E também aspectos positivos de elementos visuais com relação à manutenção das casas (corte da grama, pintura, poda de árvores) em todas as unidades espaciais conforme tabela 4.

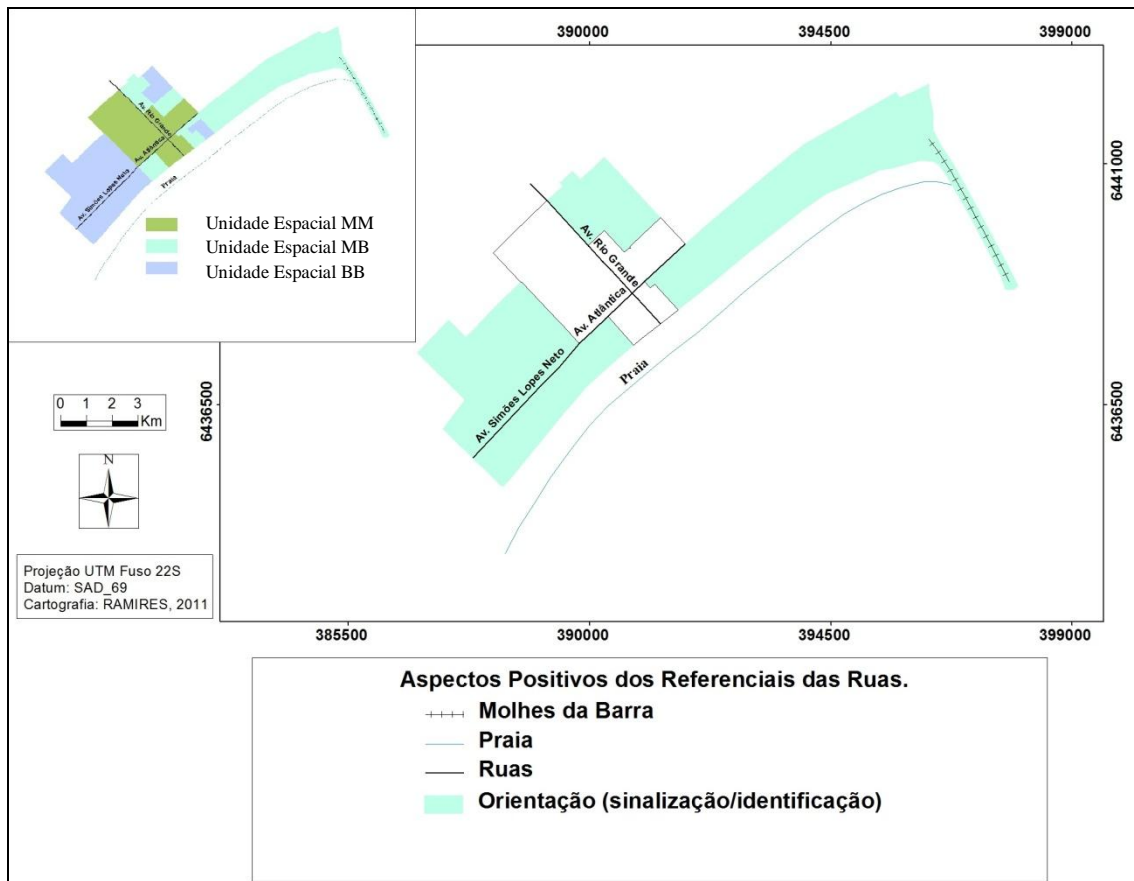
**Tabela 4 – Avaliação das residências pelos entrevistados.**

	Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Unidade espacial BB	Estética (forma, tipo de material), elementos visuais (manutenção da casa)	Elementos visuais-cuidados com entorno
Unidade espacial MB	Estética (forma, tipo de material), elementos visuais (manutenção da casa)	Elementos visuais-cuidados com entorno
Unidade espacial MM	Estética (forma, tipo de material), elementos visuais (manutenção da casa)	Elementos visuais-residências antigas

FONTE: RAMIRES, 2011

De acordo com a tabela as unidades espaciais apresentaram tanto aspecto positivo quanto negativo relacionado aos elementos visuais. No caso dos aspectos apontados como positivos foram a manutenção das residências com o corte da grama, pintura, poda de árvores. Enquanto o aspecto negativo apontado foi às residências antigas, pois segundo o entrevistado estas residências antigas estariam em estado de má conservação acarretando para a diminuição da qualidade do ambiente.

O **sub-componente espacial Referenciais** apresentou aspectos positivos nas unidades espaciais MB e BB (mapa 10), enquanto na unidade espacial MM e MB os entrevistados relataram aspectos negativos (Apêndice G), influenciando na segurança do trânsito do Balneário Cassino, causando transtornos para a população.

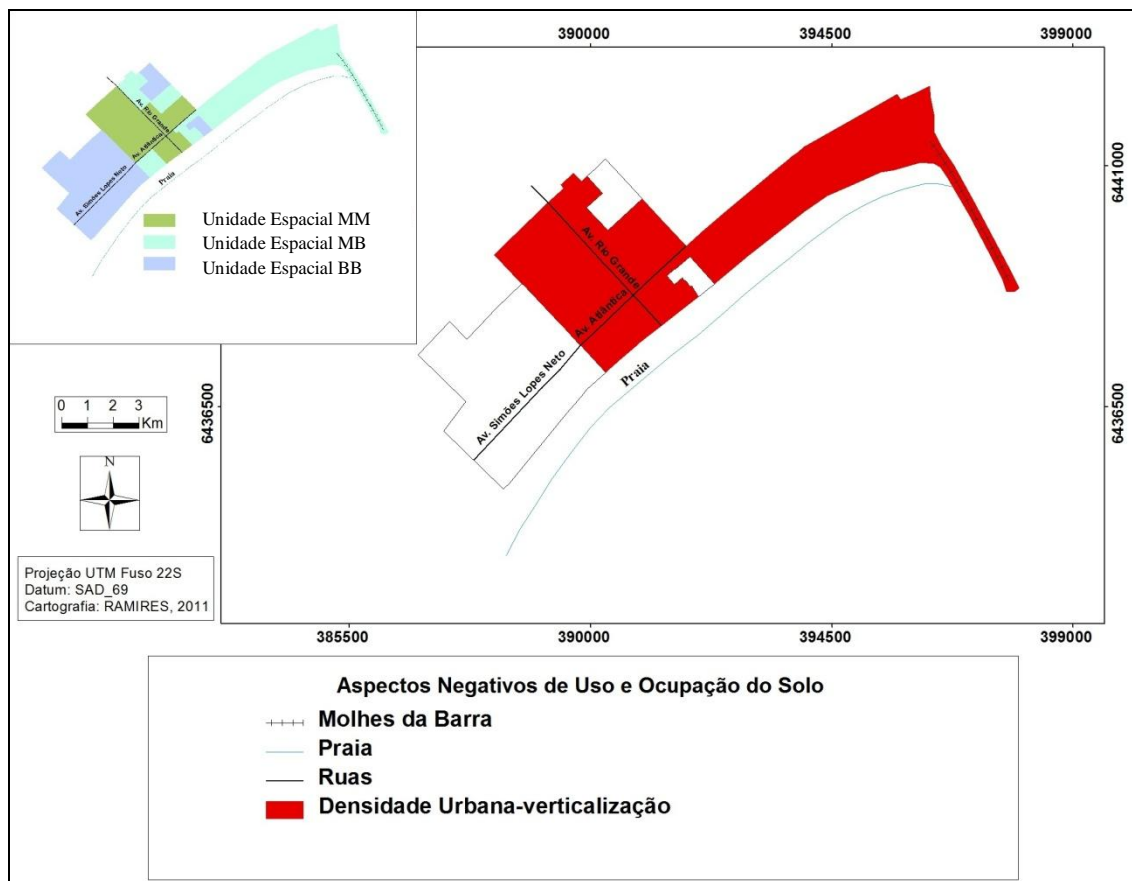


**Mapa 9- Aspetos Positivos dos Referenciais das Ruas.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os aspectos que contribuíram para avaliação positiva dos referenciais das ruas do Balneário Cassino são: orientação-sinalização de trânsito/identificação das ruas (unidade espacial MB e BB), atrelando este aspecto a outro, o trânsito, do fator biológico – segurança, entretanto nem todos respeitam a sinalização de trânsito conforme relatos dos moradores entrevistados. As ruas identificadas com seus nomes permitem que moradores e “visitantes” se localizem melhor, sendo que a área em direção a Querência é a que possuem ruas com melhor e mais placas identificando os seus nomes.

**O sub-componente espacial Uso e Ocupação do Solo** segundo os entrevistados apresentou aspectos negativos a respeito das residências relacionados à densidade urbana-verticalização conforme se constata no mapa 10.



**Mapa 10 – Aspectos Negativos de Uso e Ocupação do Solo.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

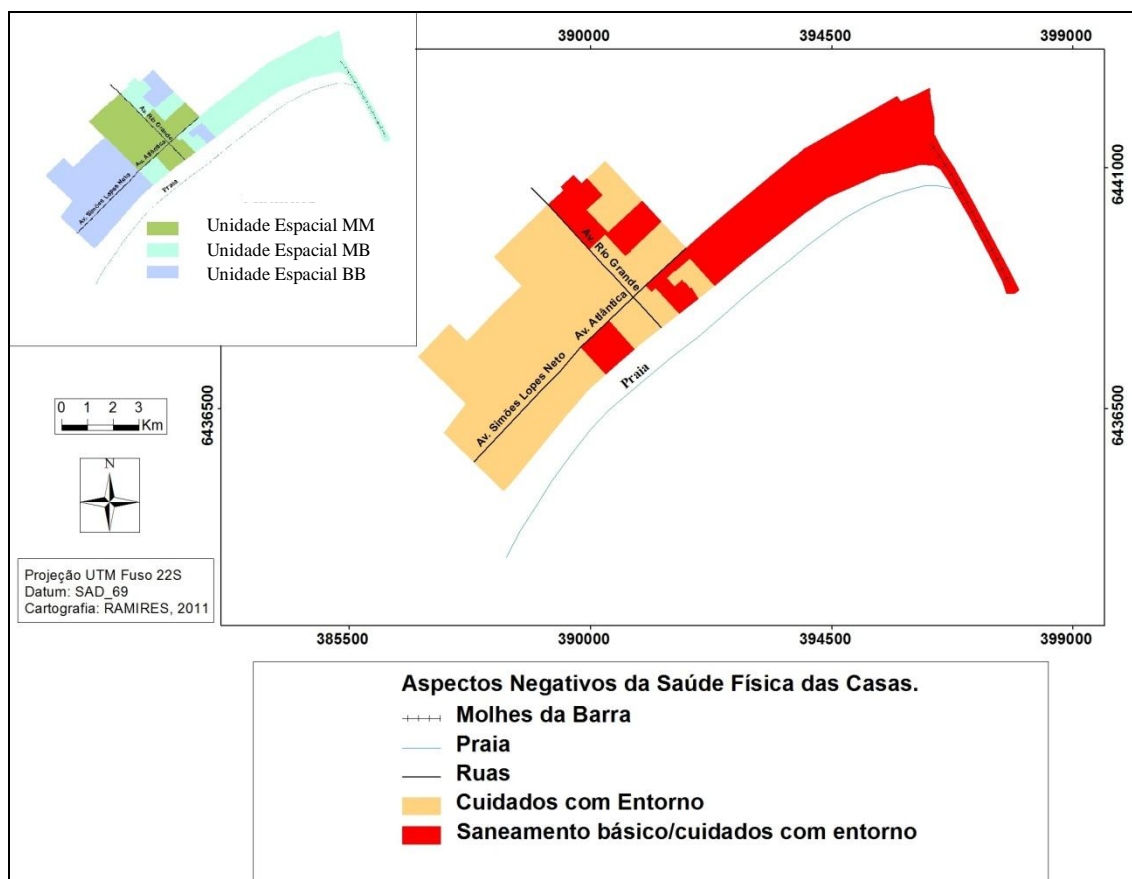
Os aspectos que contribuíram para avaliação negativa das residências do Balneário Cassino foram: densidade urbana-verticalização (unidade espacial MM e MB). A verticalização torna-se um fator preocupante, pois nem 2% da população do Cassino é atendida pela rede de esgoto, além disso há uma parcela da população segundo dados do IBGE (2000) que faz uso de água de poço podendo contribuir para o aparecimento de doenças causadas pela falta de saneamento básico.

#### **4.4.2 Sub-Componentes biológicos da qualidade ambiental urbana**

Os componentes biológicos da qualidade ambiental apontados pela análise das entrevistas dos moradores foram: de Saúde Física, Saúde Mental e Segurança.

**O sub-componente biológico de Saúde Física** de acordo com os entrevistados indicaram aspectos que contribuíram para avaliação negativa das residências do

Balneário Cassino foram: cuidados com entorno (unidade espacial MM e BB); saneamento básico-esgoto, cuidados com entorno (unidade espacial MB) conforme mapa 11.



**Mapa 11 – Aspectos Negativos de Saúde Física das Casas.**

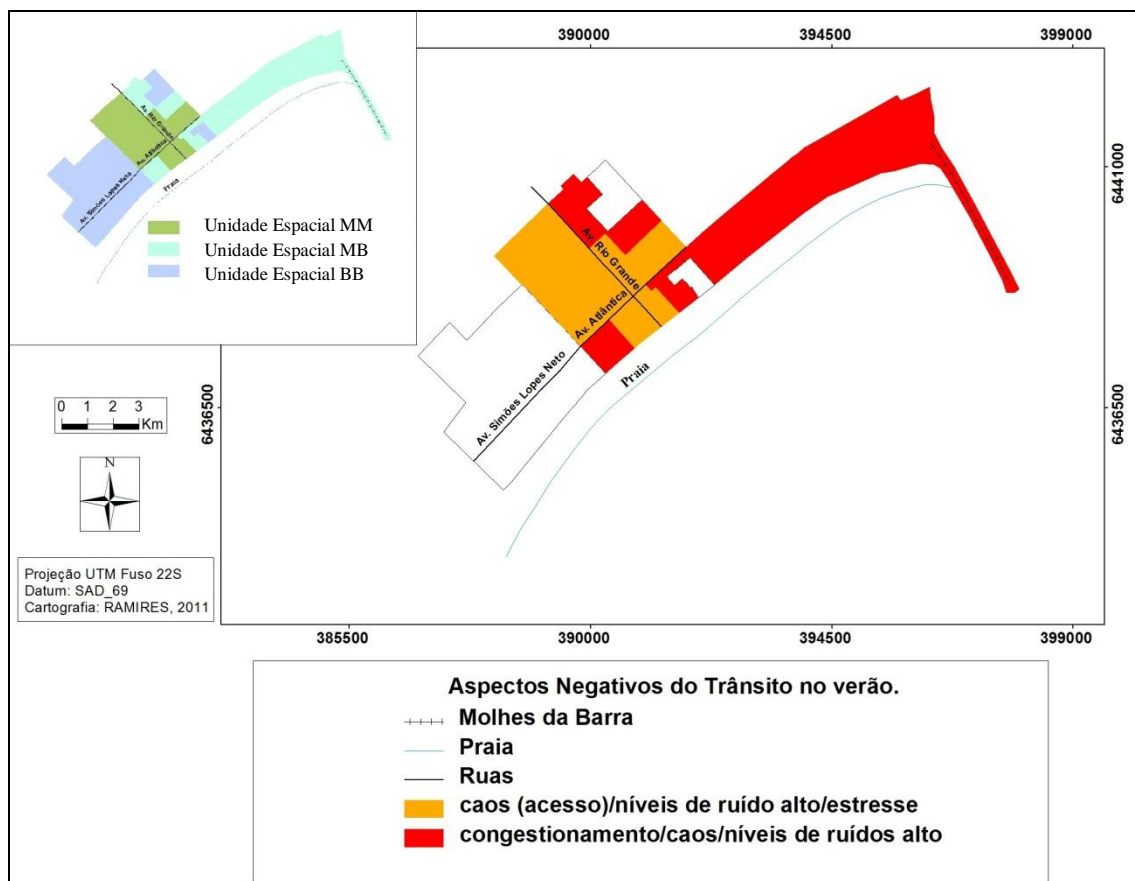
FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Estes fatores acabam influenciando na qualidade do local conforme mostra o Apêndice H onde os aspectos que contribuíram para avaliação negativa do Balneário Cassino foram: cuidados com entorno, saneamento básico-esgoto (unidade espacial MM); saneamento básico-esgoto (unidade espacial MB) e drenagem urbana (unidade espacial BB).

O aspecto negativo (cuidados com entorno) foi apontado devido à falta de cuidados com a limpeza das residências; como corte de grama; acúmulo de lixo; disposição de lixo nas residências vizinhas, tanto dos moradores anuais quanto pelos sazonais, veranistas (Apêndice C).

O saneamento básico – rede de esgoto (tabela 5), não atende nem 2% da população do Cassino este aspecto é agravado pela densidade urbana devido à verticalização que esta ocorrendo na unidade espacial MM e parte da unidade espacial MB.

**O sub-componente biológico Saúde Mental** segundo os entrevistados o caos (acesso), o estresse, os níveis de ruído alto, congestionamento são aspectos que contribuem para a avaliação negativa do Balneário Cassino durante o verão conforme mostra o mapa 12. Os aspectos que contribuíram para avaliação negativa do trânsito durante o verão (mapa 12) do Balneário Cassino foram: caos-acesso, níveis de ruído alto e estresse (unidade espacial MM); congestionamento, caos e níveis de ruído alto (unidade espacial MB).



**Mapa 12 – Aspectos Negativos do trânsito no verão.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

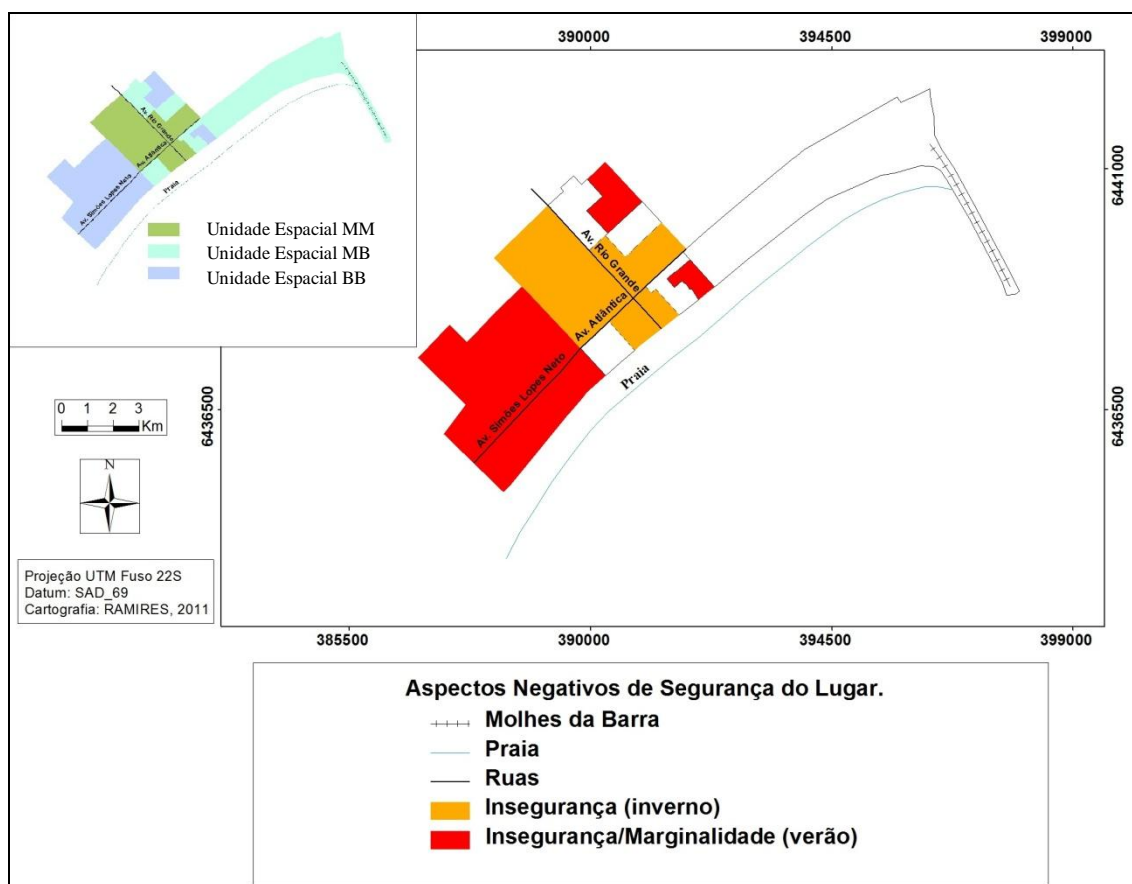
O trânsito, para alguns dos entrevistados, é avaliado como positivo mesmo no período de veraneio onde o fluxo de veículos é maior, aumentando os níveis de ruído. Contudo

algumas respostas apontaram aspectos negativos conforme o mapa 12 na avaliação dos entrevistados, principalmente, no verão época em que o número de veículos é maior, causando congestionamento; caos e insegurança em função ao desrespeito a sinalização de trânsito por parte dos motoristas (Apêndice I).

Além disso, os entrevistados relataram que durante o verão o fluxo de pessoas aumenta bastante que vão ao Balneário em busca de festas, perturbando os moradores devido ao barulho e aos níveis de ruídos altos das festas e atrações fazem barulho (Apêndice D), causando conflitos de usos no Balneário. O aumento no fluxo de pessoas no Balneário durante o verão também causa caos, filas nos comércios em geral, estresse (Apêndice J).

**O sub-componente biológico Segurança** para os entrevistados dependendo da época há aspectos positivos ou negativos. Alguns afirmaram que no inverno é seguro em virtude do pouco movimento e no verão há marginalidade devido ao aumento do fluxo de pessoas no Balneário. Outros dizem que a redução no número de moradores, no inverno, trás a sensação de insegurança, principalmente pela falta de policiamento no local conforme mapa 13.





Mapa 13 – Aspetos Negativos da Segurança do Lugar.

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

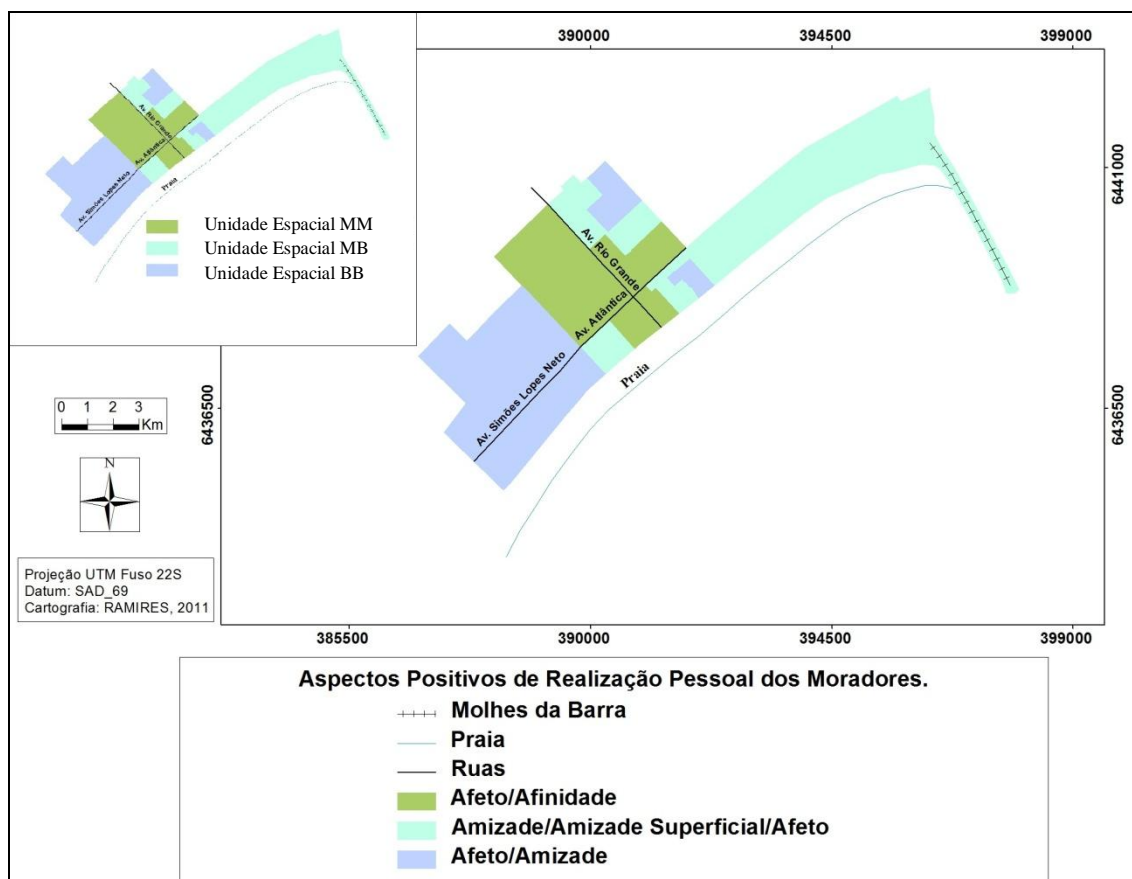
#### 4.4.3 Sub-Componentes sociais da qualidade ambiental urbana

Os sub-componentes sociais da qualidade ambiental apontados pela análise das entrevistas dos moradores foram: Organização Comunitária, Realização Pessoal, Contato, Atividades e Acesso e Opções.

**O sub-componente social de Organização Comunitária** aponta uma avaliação negativa na unidade espacial BB, MB e MM. Nestas unidades alguns entrevistados ressaltaram que a ineficiência de serviços sociais (serviço de saúde, policiamento), serviços urbanos (limpeza urbana, iluminação pública, saneamento) acontece devido ao descaso das autoridades, prefeitura e secretaria especial do Cassino, responsável pela administração do Balneário Cassino. Contudo, existem entrevistados na unidade espacial MM que afirmam que a população também tem que fazer a sua parte, por

exemplo, deve ter cuidados com o lixo, não utilizar terrenos baldios como depósito de lixo.

O sub-componente social **Realização Pessoal** de acordo com as respostas dos entrevistados apresentou aspectos positivos em todas as unidades espaciais conforme o mapa 14.

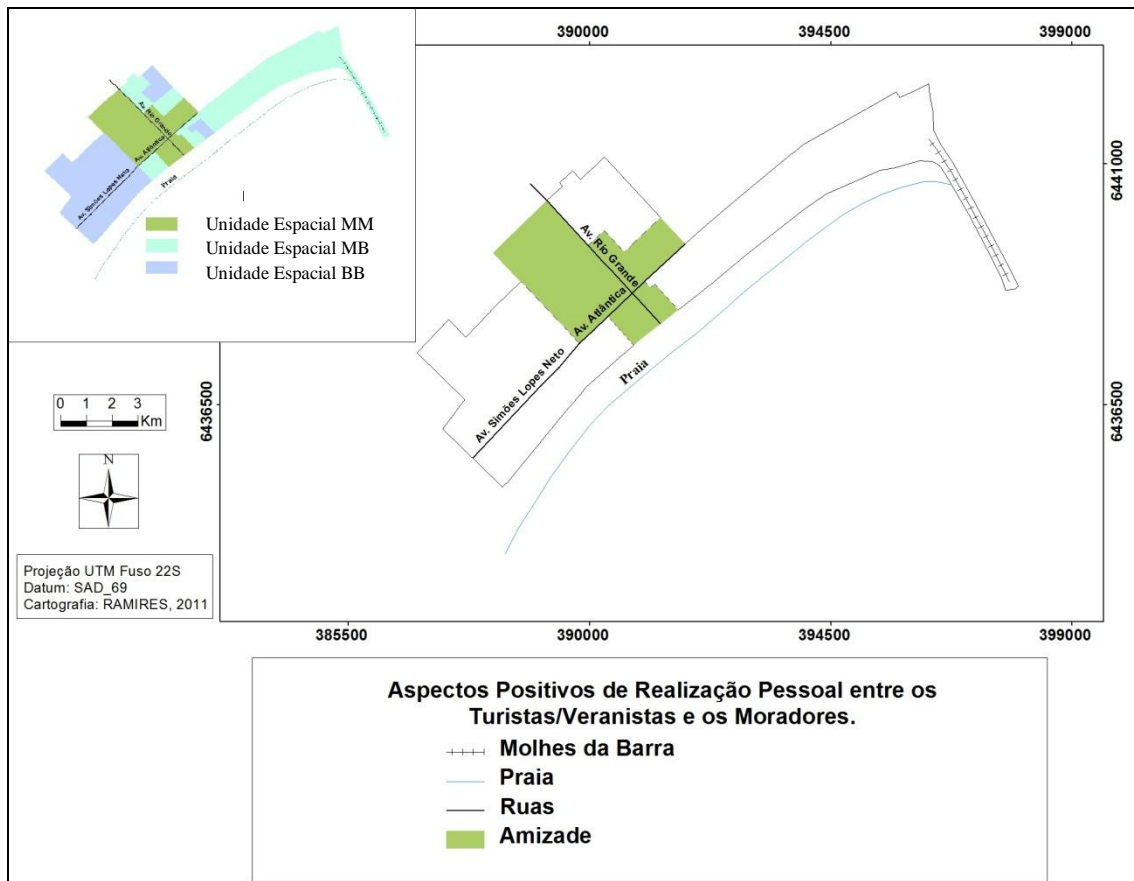


**Mapa 14 – Aspectos Positivos de Realização Pessoal dos Moradores.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

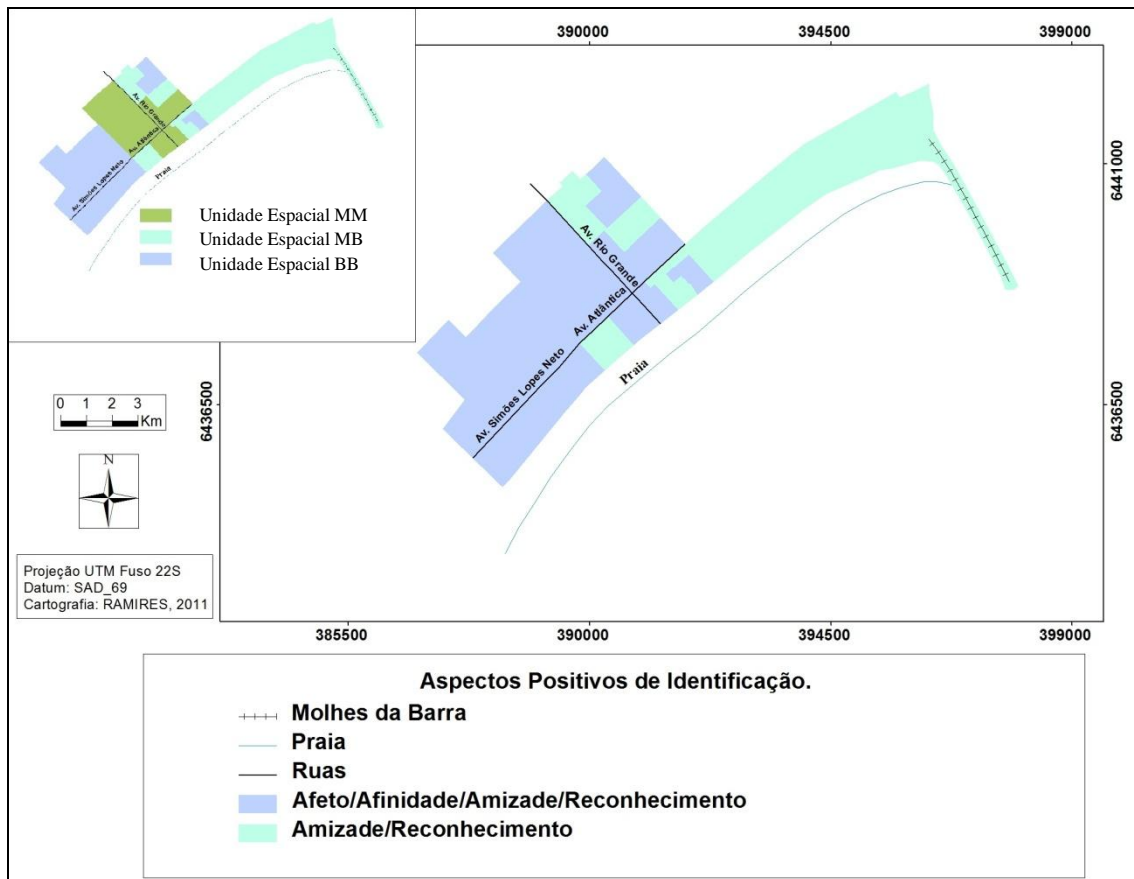
Os aspectos que contribuíram para avaliação positiva da relação vizinhança do Balneário Cassino foram: afeto, afinidade (unidade espacial MM); amizade, amizade superficial, afeto (unidade espacial MB) e amizade e afeto (unidade espacial BB).

Segundo alguns entrevistados da unidade espacial (MM) existem aqueles veranistas que sempre veraneiam no mesmo lugar estabelecendo vínculos com os moradores do lugar (mapa 15). Estes entrevistados afirmaram que se tornam amigos dos veranistas, pois se identificam e se reconhecem no outro.



**Mapa 15 – Aspetos Positivos de Realização Pessoal entre os turistas/veranistas e moradores.**  
 FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os entrevistados se identificam com o Balneário Cassino apontando aspectos positivos como amizade, afeto, afinidade e reconhecimento conforme revela o mapa 16, onde as unidades espaciais (MM e BB) indicam afeto, afinidade, amizade e reconhecimento, enquanto a unidade espacial MB apontam amizade e reconhecimento.

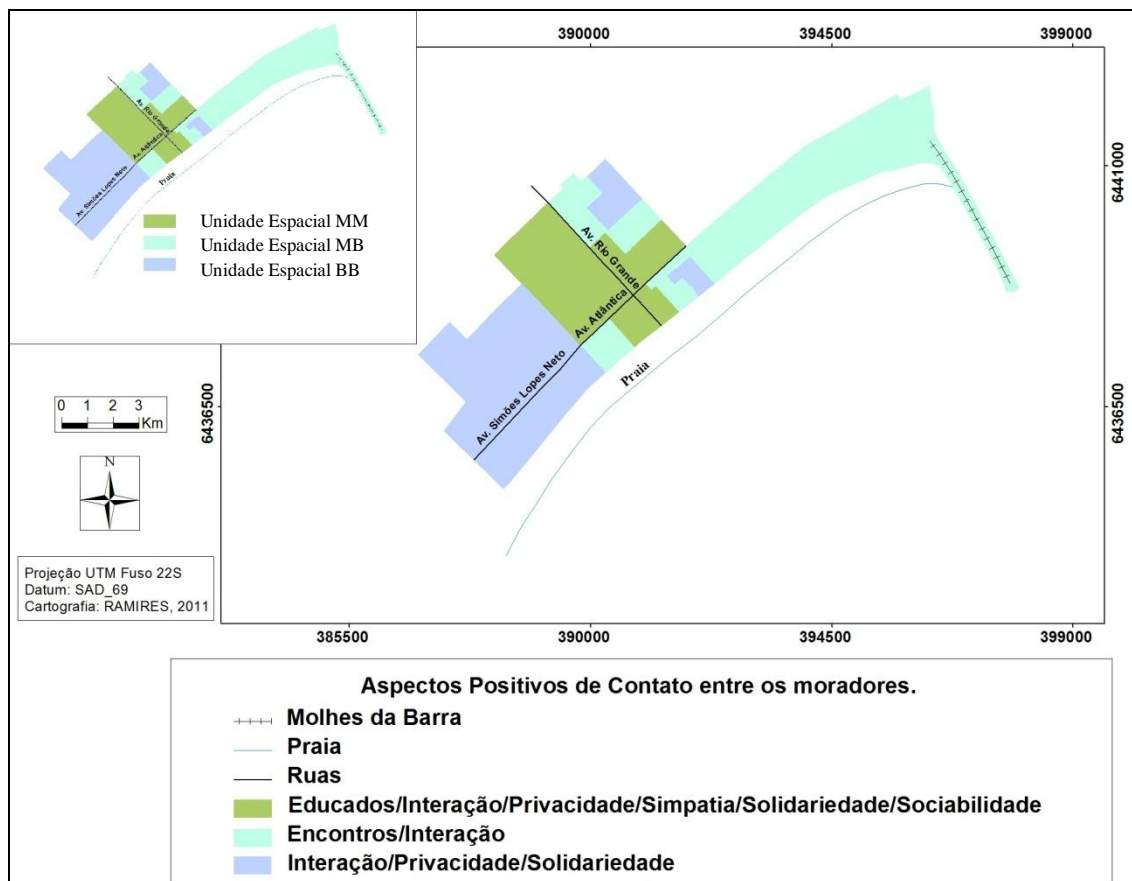


**Mapa 16 – Aspectos Positivos de identificação dos entrevistados com o lugar.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Embora relatem aspectos negativos com relação ao Balneário Cassino os moradores entrevistados têm uma forte identificação com o lugar devido a amizade, ao afeto, a afinidade com os outros moradores, ao reconhecimento Também indicam aspectos relacionados a educação dos moradores; a privacidade, cada morador cuida da sua vida mas se um precisar do outro sempre estão dispostos ajudar, demonstrando solidariedade pelo outro.

**O sub-componente social Contato** segundo os entrevistados os aspectos positivos da relação entre os moradores foram: educados, interação, privacidade, simpatia, sociabilidade, solidariedade conforme mostra o mapa 17.



**Mapa 17 – Aspectos Positivos de Contato entre os moradores.**

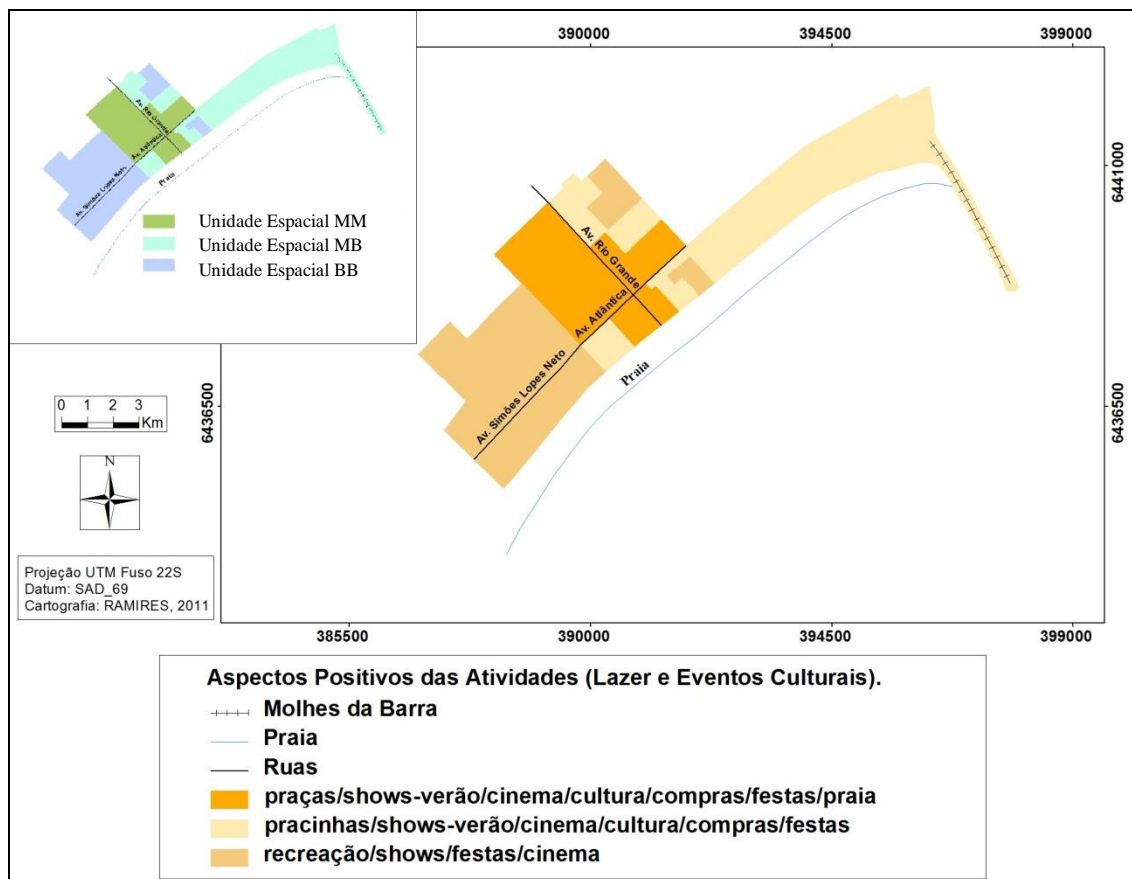
FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Percebe-se como a relação de vizinhança entre os moradores é caracterizada nas unidades espaciais (Mapa 17): moradores educados, interação, privacidade, simpatia, sociabilidade, solidariedade (unidade espacial MM); encontros e interação (unidade espacial MB) e interação, privacidade, solidariedade (unidade espacial BB). Segundo alguns dos entrevistados a relação entre os moradores e o turistas/veranistas (Apêndice E) há sempre a preocupação em tratar bem os turistas/veranistas, sendo receptivos e interagindo com eles.

Além disso, os entrevistados de todas as unidades espaciais afirmaram que os vizinhos tomam conta da casa um do outro a fim de assegurar a segurança do local, mostrando relações de reciprocidade, de parentesco.

**O sub-componente social Atividades** apontado pelos entrevistados como positivo são as áreas para recreação das crianças, praças com quadras para a prática de esportes

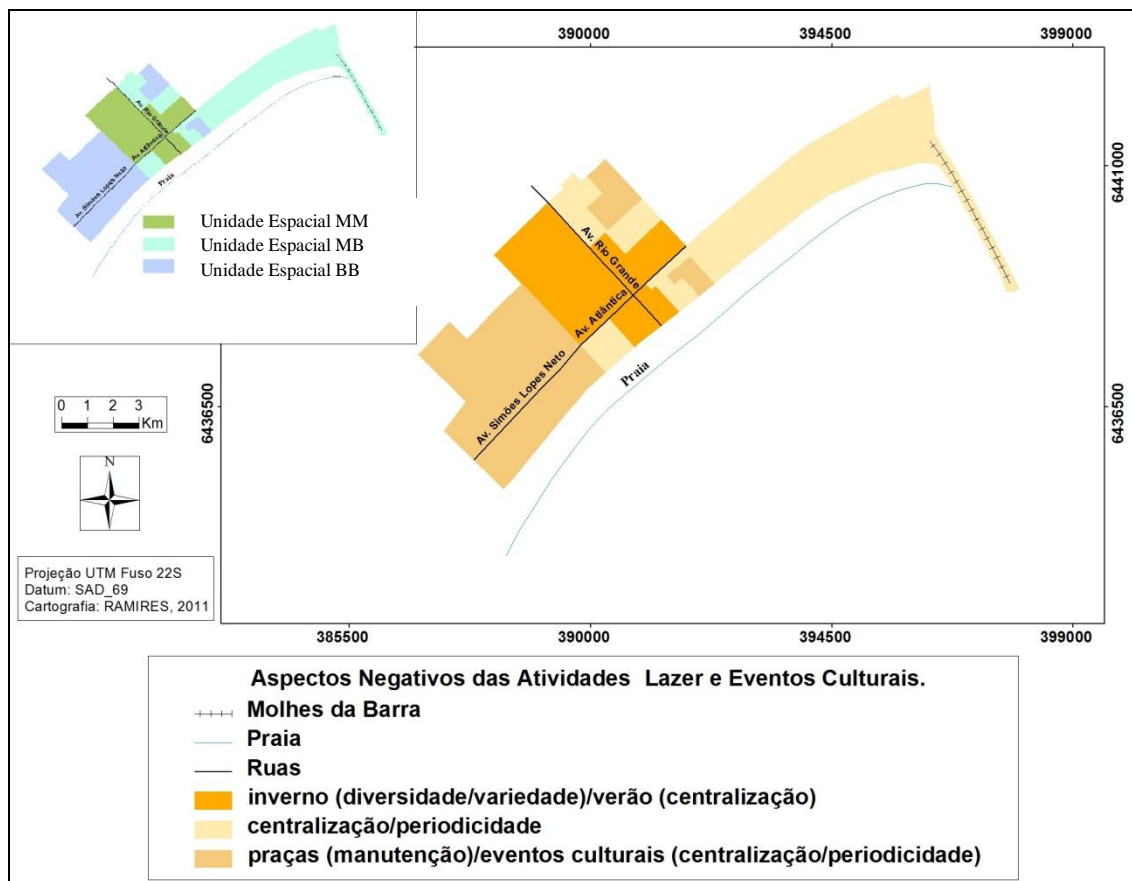
(basquete, voleibol, futebol) ciclovia, espaço para caminhar; shows; festas; compras (mapa 18). Porém, estas atividades encontram-se concentradas na Avenida Rio Grande e/ou Avenida Atlântica e/ou não ocorrem periodicamente contribuindo para avaliação negativa por parte dos entrevistados, além de outros aspectos como a falta de manutenção da iluminação e dos equipamentos das praças (Mapa 19).



**Mapa 18 – Aspectos Positivos das Atividades (lazer e os eventos culturais).**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os aspectos que contribuíram para avaliação positiva do lazer e dos eventos culturais do Balneário Cassino foram: praças, shows-verão, festas, cinema, compras, cultura, praia (unidade espacial MM); pracinhas, shows-verão, festas, cinema, cultura, compras (unidade espacial MB) e recreação, festas, shows, cinema (unidade espacial BB). Estes aspectos influenciam aspectos de interação, componentes sociais – contato, e aspectos de escolha, componente econômico – diversidade.



Mapa 19 – Aspectos Negativos das Atividades - Lazer e Eventos Culturais.

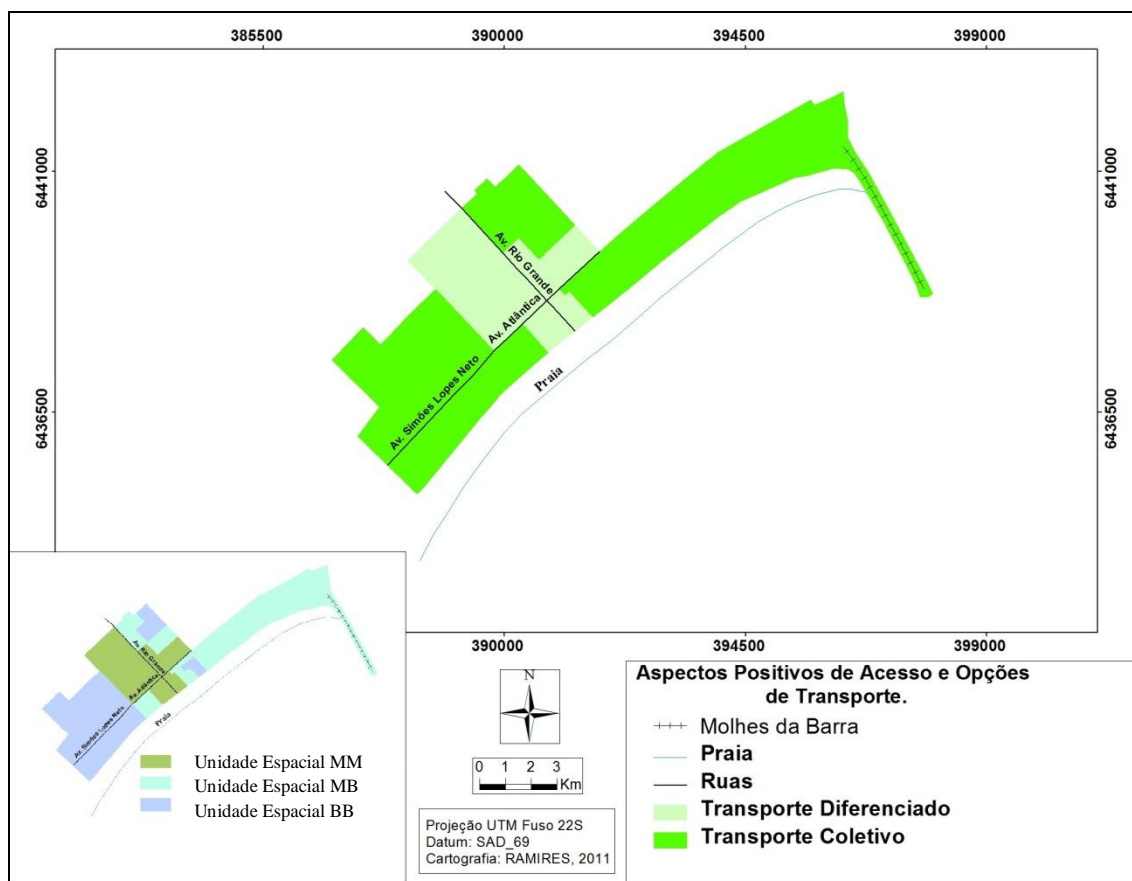
FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os aspectos que contribuiram para avaliação negativa do lazer e dos eventos culturais do Balneário Cassino foram: inverno-diversidade, variedade; verão-centralização (unidade espacial MM); centralização, periodicidade (unidade espacial MB) e praças-manutenção, eventos culturais-centralização, periodicidade (unidade espacial BB).

A diversidade implica em aspecto de escolha, ou seja, qual a possibilidade de escolhas os moradores tem com relação ao lazer e aos eventos culturais, já a variedade refere-se a opções, aos tipos de lazer e de eventos culturais. A centralização refere-se à distribuição desses lazeres e eventos culturais no Balneário Cassino, a periodicidade se durante o ano há oferecimento dessas atividades.

**O sub-componente social Acesso e Opções** segundo as respostas dos entrevistados os aspectos apontados como positivos transporte, serviços sociais e serviços urbanos, coleta de lixo, e como negativo transporte, serviços sociais, serviços urbanos.

O mapa 20 mostra avaliação dos transportes em cada unidade espacial. Os serviços sociais (saúde e escola) e serviços urbanos (coleta de lixo, iluminação pública) das três unidades espaciais segundo alguns entrevistados tiveram avaliação positiva. Contudo existem aspectos indicados como negativos conforme os mapas de transporte (mapa 21) e de serviços sociais (mapa 22) e serviços urbanos (mapa 23).

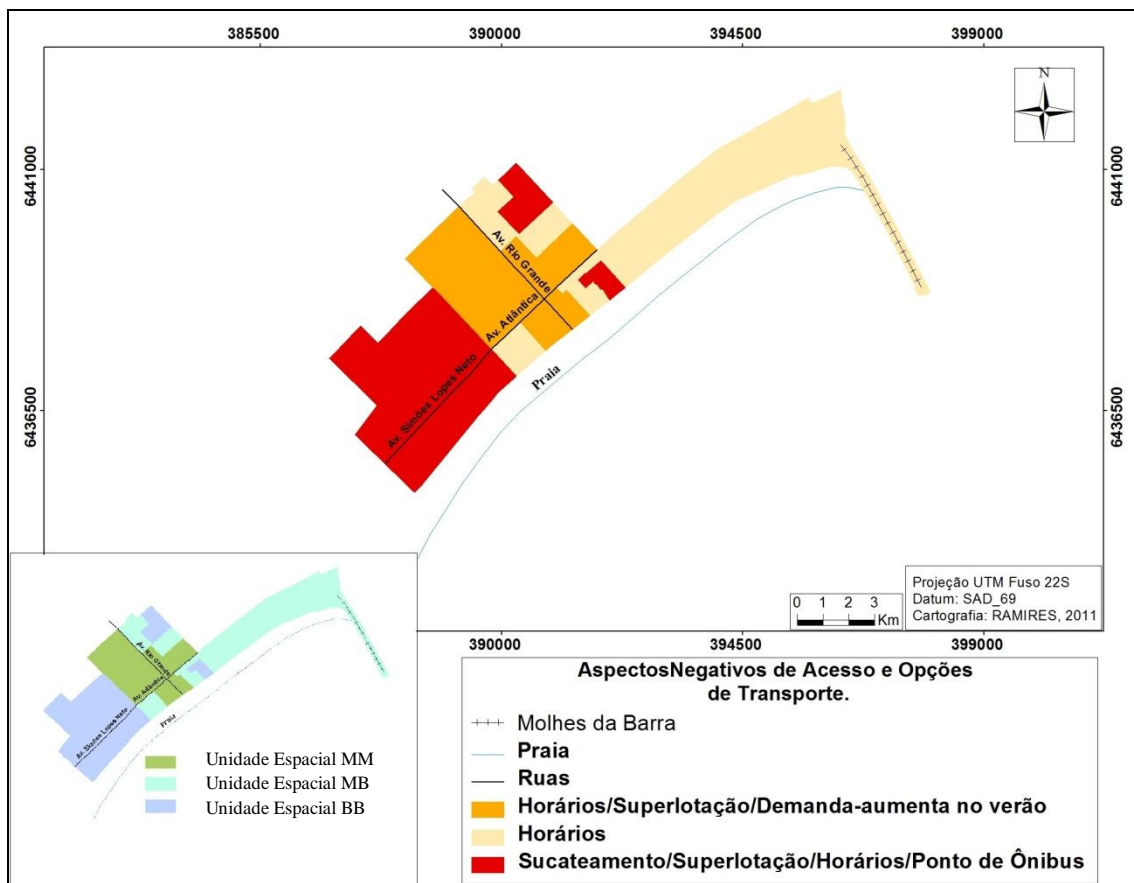


**Mapa 20 – Aspectos Positivos de Acesso e Opções de Transporte.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os aspectos que contribuíram para avaliação positiva do acesso e opções do transporte do Balneário Cassino foram: transporte diferenciado (unidade espacial MM), transporte com televisão, ar condicionado, e com lotação é o número de assentos; transporte coletivo (unidade espacial MB e BB), transporte com lotação dos assentos e de pessoas em pé. Embora os moradores da unidade espacial MM que se utilizem dos serviços de transporte diferenciado durante o verão devido à demanda e ao número pequeno da frota de ônibus e até mesmo restrição de horários alguns moradores usam o transporte coletivo. O Mapa 21 mostra os aspectos negativos de acesso e opções dos transportes.

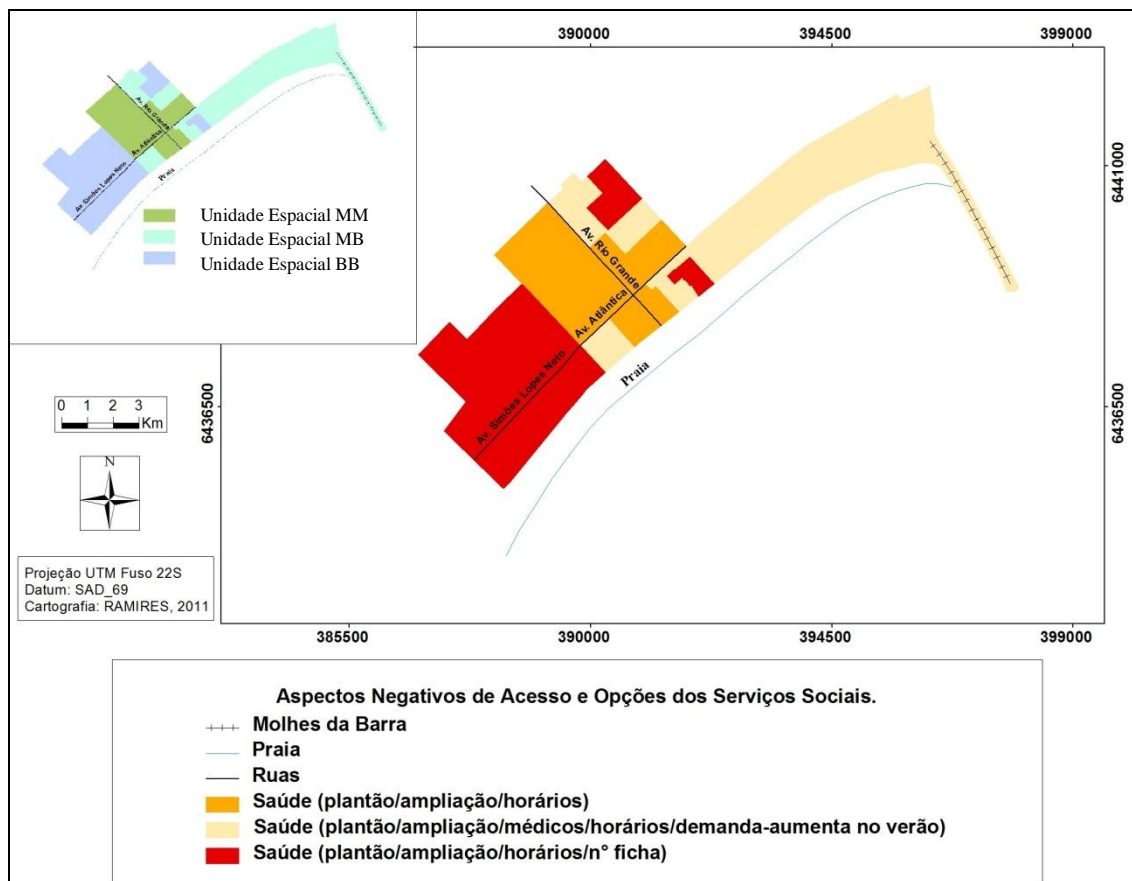




**Mapa 21 – Aspectos Negativos de Acesso e Opções de Transporte.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os aspectos negativos na avaliação dos moradores sobre o transporte incluem a distribuição dos horários das linhas dos coletivos e transporte diferenciados, ou seja, o tempo de espera entre um ônibus e outro; a manutenção dos ônibus (sucateamento), principalmente, da linha circular, coletivos que circulam dentro do Balneário, influencia na segurança. A superlotação em função da disponibilidade dos horários dos ônibus e no verão em função da demanda maior. Estes aspectos negativos influenciam na acessibilidade das pessoas.

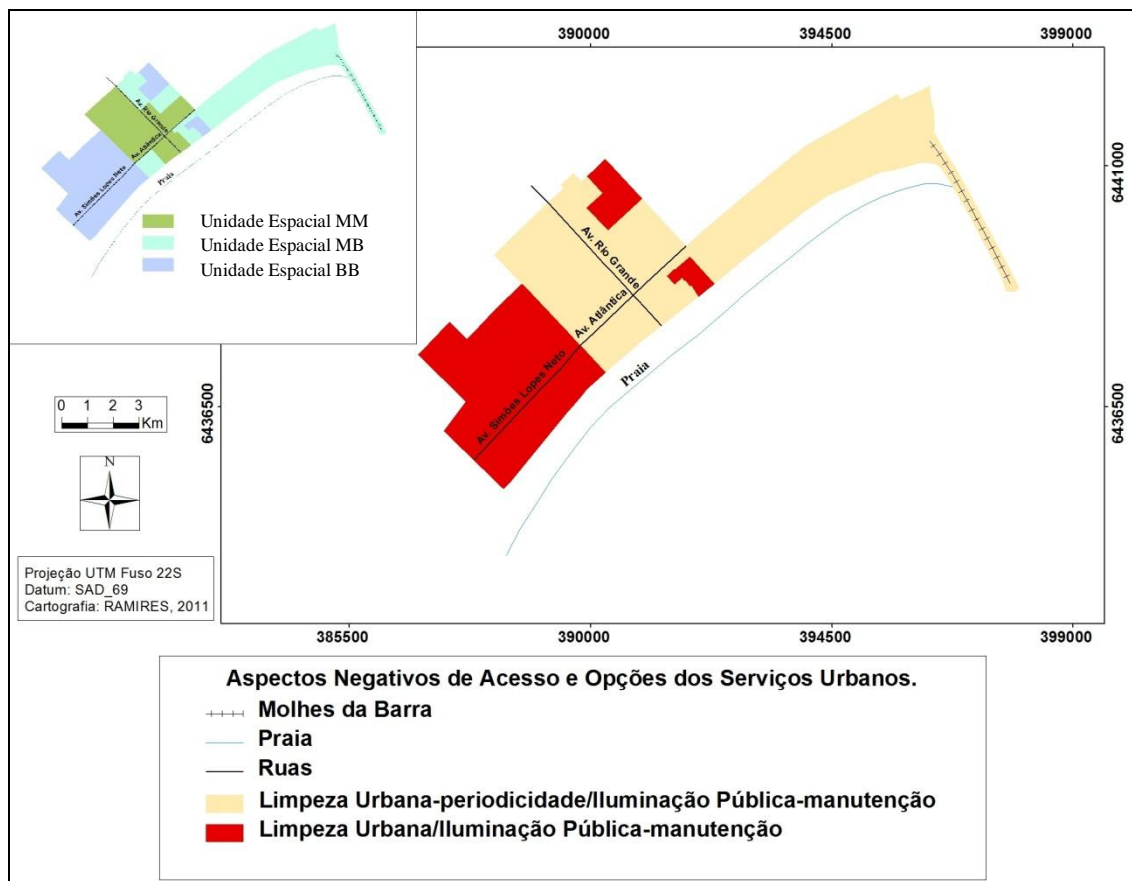


**Mapa 22 – Aspectos Negativos de Acesso e Opções dos Serviços Sociais.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os aspectos que contribuíram para avaliação negativa da saúde no Balneário Cassino foram: plantão médico, ampliação do posto de saúde, horários de funcionamento (unidade espacial MM); plantão médico, horários de funcionamento, ampliação do posto de saúde, aumento da demanda no verão (unidade espacial MB) e ampliação do posto de saúde, plantão médico, número de ficha e horários de funcionamento (unidade espacial BB). Nota-se que estes fatores sociais podem incidir nos aspectos dos fatores biológicos, saúde física, saúde mental e segurança.

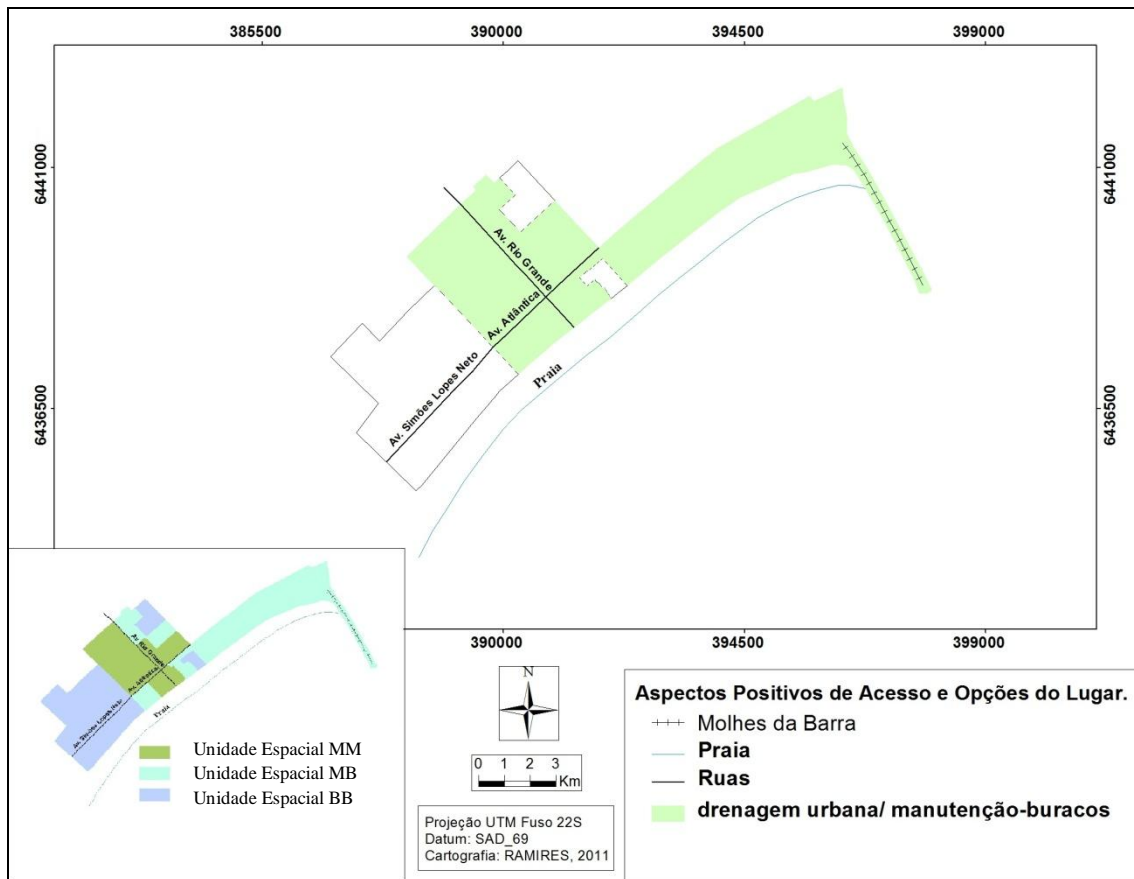
Os aspectos que contribuíram para avaliação negativa serviços urbanos do Balneário Cassino foram: limpeza urbana – periodicidade, manutenção da iluminação pública (unidade espacial MM e MB) e limpeza urbana, manutenção da iluminação pública (unidade espacial BB).



**Mapa 23 – Aspectos Negativos de Acesso e Opções dos Serviços Urbanos.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

A limpeza urbana acarreta na diminuição da qualidade do ambiente visto que o lixo além de provocar a degradação biológica do ambiente também causa a degradação estética. A falta de manutenção da iluminação pública causa transtornos à segurança do local podendo aumentar a marginalidade. Alguns entrevistados afirmam que há eficiência dos serviços prestados de limpeza urbana (manutenção da rede de drenagem urbana) do lugar, manutenção das ruas (buracos) durante o verão (mapa 24).



**Mapa 24 – Aspectos Positivos de Acesso e Opções do lugar.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

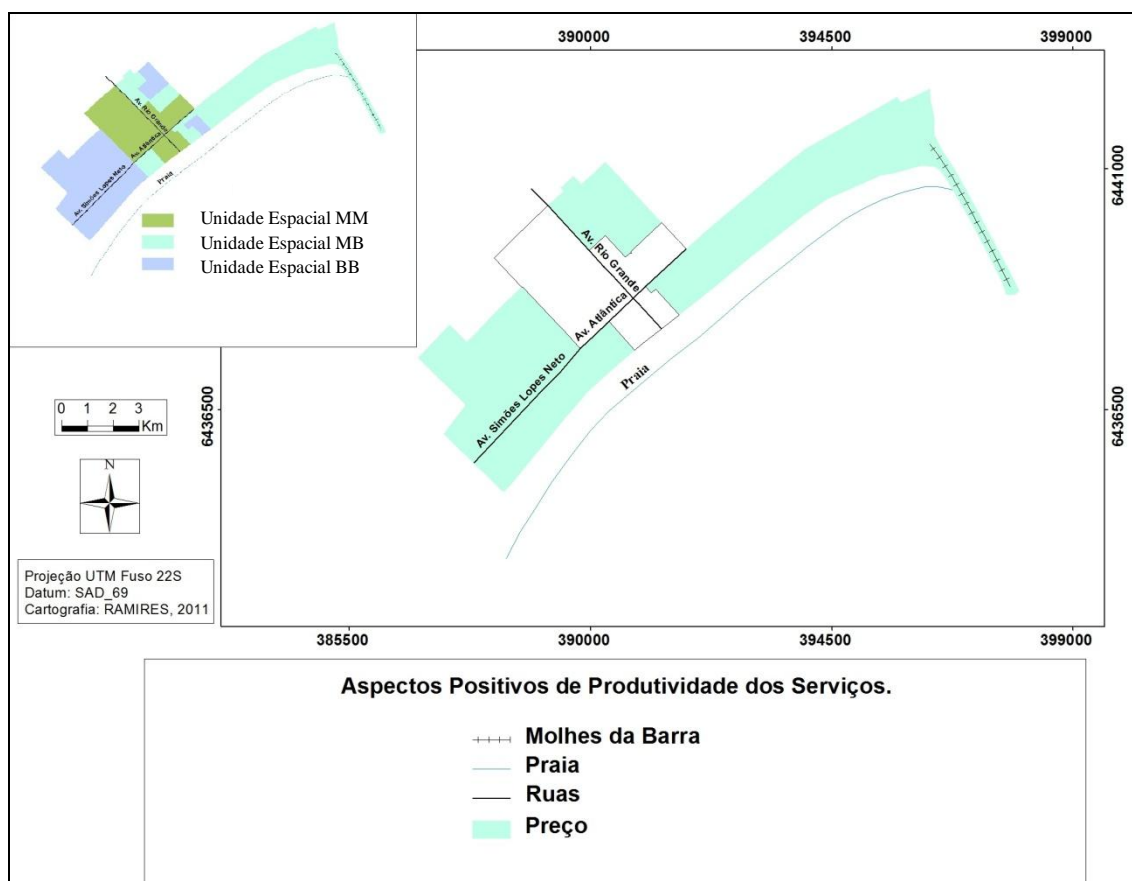
Embora alguns entrevistados (unidade espacial MM) tenham apontado a limpeza urbana do lugar como positiva durante o verão apontaram que este serviço são centralizados nas Avenidas Rio Grande e Atlântica e em suas imediações.

#### ***4.4.4 Sub-Componentes econômicos da qualidade ambiental urbana***

Os componentes econômicos da qualidade ambiental apontados pela análise das entrevistas dos moradores foram: Oportunidade, Produtividade e Diversidade.

**O sub-componente econômico Oportunidade** apareceu na resposta de alguns entrevistados da unidade espacial MB com relação às casas, pois estas são alugadas durante o veraneio, aumentando os negócios. Este aumento nos negócios reflete-se na produtividade, economia; competição, e na diversidade, escolhas.

O sub-componente econômico **Produtividade** de acordo com os entrevistados o custo de vida, os preços dos produtos no Balneário Cassino tem avaliação positiva conforme mostra o mapa 25.

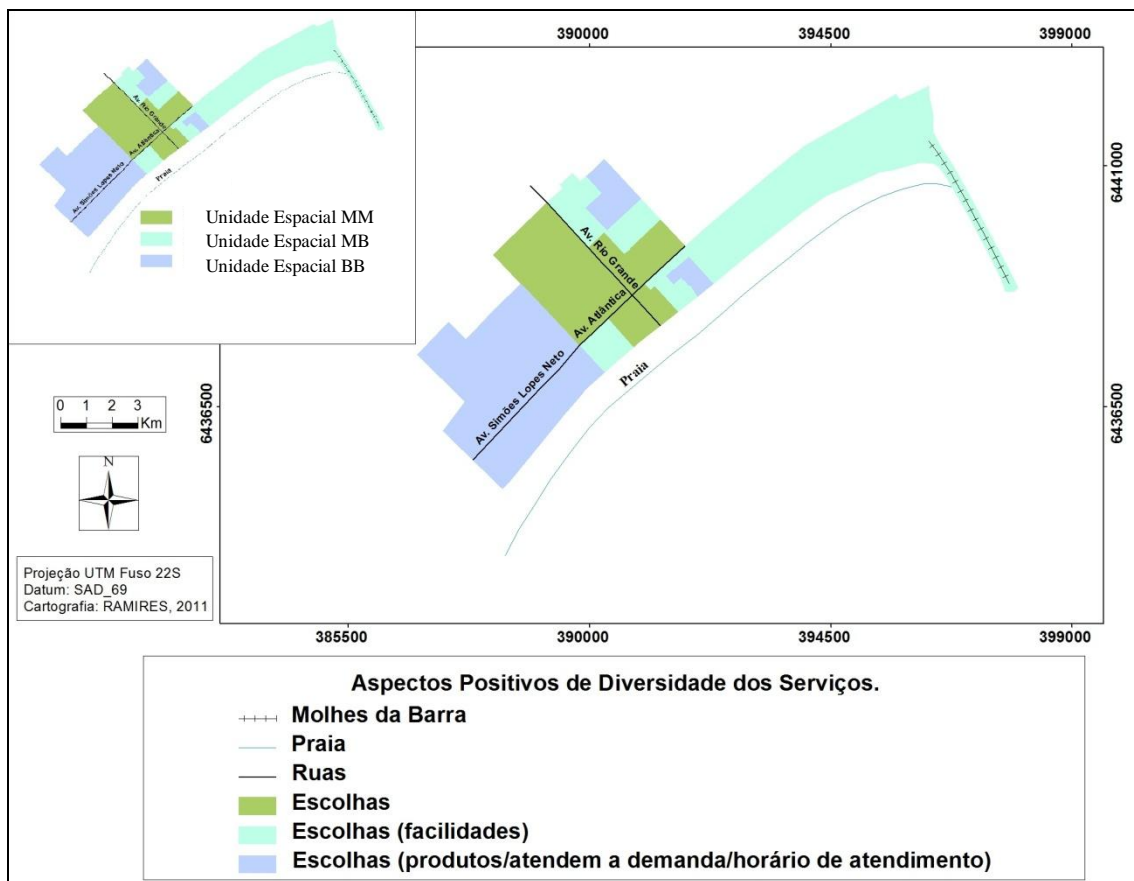


Mapa 25 – Aspectos Positivos de Produtividade dos serviços<sup>5</sup>  
 FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os aspectos que contribuíram para avaliação positiva dos serviços (serviços de comércios; farmácias; supermercado; padarias; lojas; etc) do Balneário Cassino foram: preços (unidade espacial MB e BB) segundo os entrevistados dessas unidades os preços dos serviços oferecidos não variam muito em relação aos preços da do centro da cidade de Rio Grande.

O sub-componente econômico **Diversidade** teve avaliação positiva dos entrevistados (mapa 26) e avaliação negativa, onde todas as unidades espaciais citaram a centralização dos serviços.

<sup>5</sup> Serviços compreendem comércios, lojas, supermercado, farmácias, restaurantes dentre outros.



**Mapa 26 – Aspectos Positivos de Diversidade dos serviços.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

Os aspectos que contribuíram para avaliação positiva dos serviços do Balneário Cassino foram: escolhas (unidade espacial MM); escolhas-facilidades (unidade espacial MB) e escolhas-produtos, os serviços atendem a demanda, horário de atendimento (unidade espacial BB).

As escolhas envolvem diversidade de produtos; horários de atendimentos; os serviços atendem a demanda, no inverno; facilidades como serviços de banco, telentrega, embora exista a centralização dos serviços como já foi apontado antes. Além disso, conforme Carlos apud Carvalho (2009, p. 97) nos lembra que o bairro, a praça, a rua, o pequeno comércio aproximam os moradores. Tais lugares podem ser mais do que pontos de trocas de mercadorias. Eles possibilitam o encontro, reforçam a sociabilidade

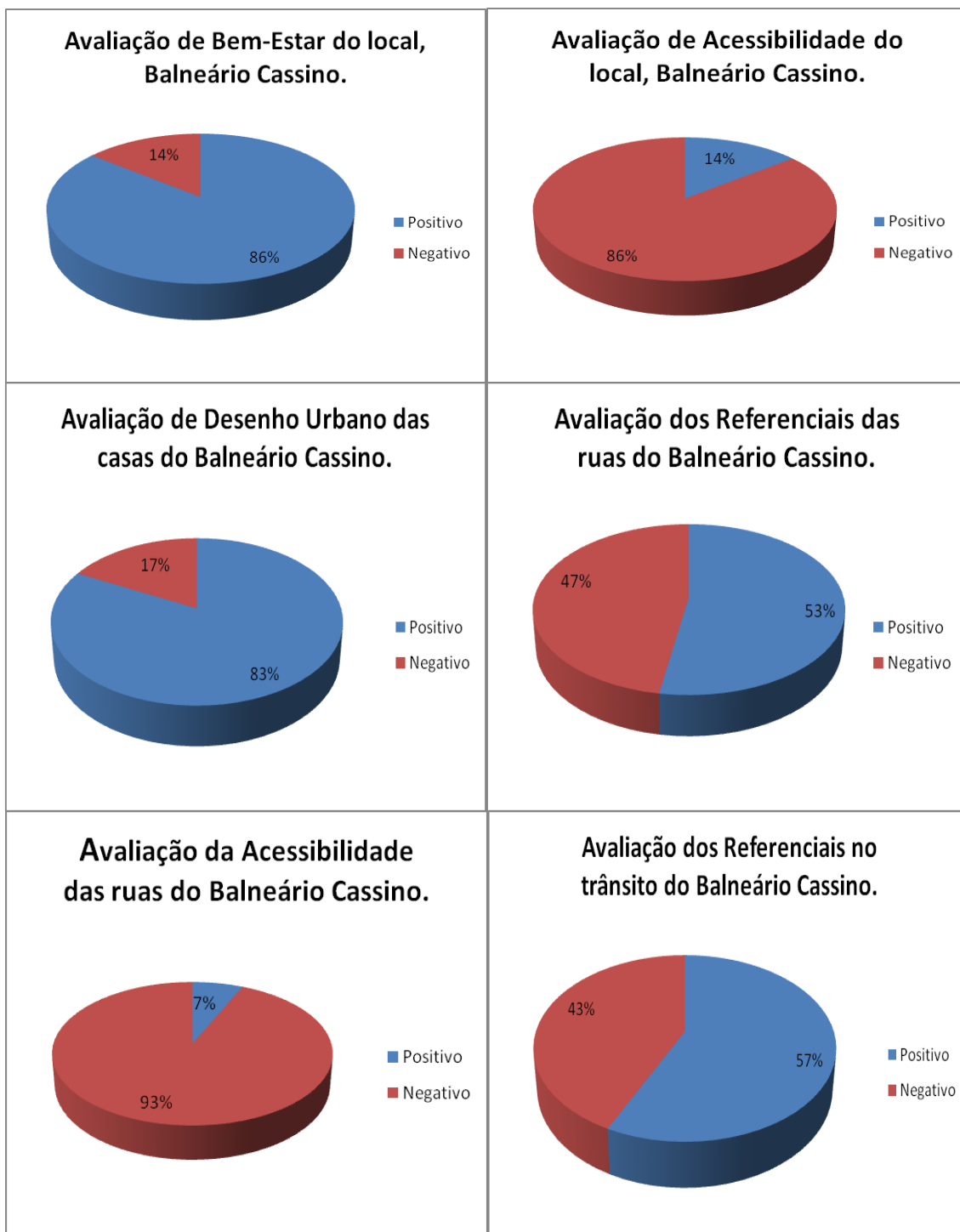
A centralização dos serviços nas Avenidas Rio Grande e Atlântica causa transtornos, principalmente no verão, onde o fluxo de pessoas aumenta consideravelmente, por isso muitos moradores afirmam que seria melhor que os serviços de comércio fossem distribuídos em todo o Balneário o que diminuiria as filas. A descentralização e o aumento dos serviços oferecidos atenderiam melhor a população.

#### ***4.5 Qualidade Ambiental Urbana Percebida: Análise da Percepção dos moradores entrevistados***

Os gráficos foram confeccionados para evidenciar a avaliação dos sub-componentes da qualidade ambiental urbana, ou seja, se estes apresentam avaliação positiva ou negativa a partir da percepção dos moradores permanentes do Balneário Cassino.

##### ***4.5.1 Sub-Componentes Espaciais da Qualidade Ambiental Urbana***

Os gráficos apresentados dos sub-componentes da qualidade ambiental urbana foram: de Bem-Estar do Balneário Cassino; de Acessibilidade do Balneário Cassino e das ruas; de Desenho Urbano das residências e Referenciais das ruas e no trânsito. Os gráficos demonstram a percepção dos entrevistados, apontando a avaliação dos sub-componentes espaciais da qualidade ambiental urbana (Figura 14).



**Figura 14 – Qualidade Ambiental Urbana: Sub-componentes Espaciais**  
 FONTE: RAMIRES, 2011

A partir dos gráficos percebe-se que a avaliação do Balneário Cassino é positiva em relação ao **sub-componente espacial Bem-Estar**. Isto é verificado nas respostas dos moradores a respeito dos aspectos positivos e negativos do local, o Balneário Cassino. Embora também apontem outros aspectos que podem ser relacionados aos outros sub-



componentes da qualidade ambiental urbana conforme se observa na fala do entrevistado:

“Eu acho o lugar tranquilo, muito bom pra morar apesar do descaso das autoridades, do setor público porque tu pode ver esse mato ali na frente, essa área também que seria uma área de praça mas que não providenciam nunca em fim mas o lugar é bom pra morar. É calmo é um lugar muito calmo, tranquilo ... tem dificuldade pra pegar ônibus porque fica um pouco distante das paradas de ônibus, o circular.” S<sup>ra</sup>.M.

Também nota-se que outros aspectos citados pelos moradores indicaram avaliação negativa relacionado ao **sub-componente Acessibilidade** no Balneário Cassino relaciona-se aos caminhos e acesso que os moradores têm para se locomoverem pelo interior do balneário e do balneário a outros bairros da cidade de Rio Grande e Acessibilidade das ruas as condições das ruas, sua manutenção.

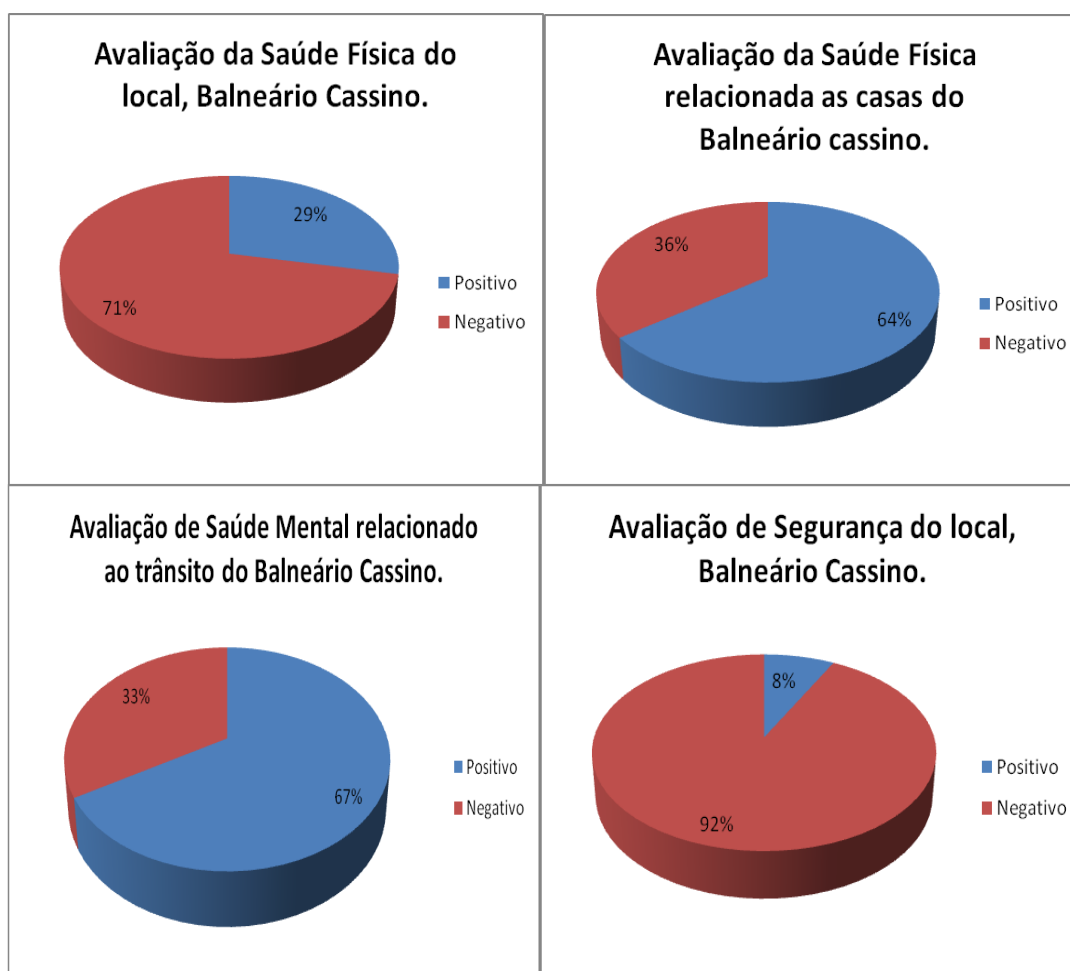
Os aspectos que contribuiriam para esta avaliação positiva do **sub-componente Desenho Urbano** foram: a estética, forma e tipo de material utilizado nas construções das residências alguns entrevistados relataram que mesmo as residências mais simples são bem cuidadas (os moradores mantêm a pintura, corte de grama) contribuindo para avaliação positiva do aspecto de elementos visuais.

O **sub-componente da qualidade ambiental urbana Referenciais** foram avaliados referente à identificação das ruas e sinalização trânsito obtendo uma avaliação positiva das ruas e do trânsito no Balneário Cassino. O **sub-componente Uso e Ocupação do Solo** no balneário obteve uma avaliação negativa devido ao aumento da urbanização, com a intensificação da verticalização. Esta densidade urbana causa preocupação entre os entrevistados, pois no Balneário Cassino o saneamento básico é quase inexistente, muitos falam que a principal prioridade é o saneamento básico.

“Prioridade pra melhorar é o saneamento básico depois disso só tende a melhorar.” S<sup>r</sup>.R.

#### 4.5.2 Sub-Componentes Biológicos da Qualidade Ambiental Urbana

Os gráficos apresentados dos sub-componentes biológicos da qualidade ambiental urbana foram: de Saúde Física do Balneário Cassino e das casas; de Saúde Mental do trânsito e de Segurança do Balneário Cassino. Os gráficos mostram a percepção dos entrevistados sobre os sub-componentes biológicos da qualidade ambiental urbana (Figura 15).



**Figura 15 – Qualidade Ambiental Urbana: Sub-componente Biológicos.**  
FONTE: RAMIRES, 2011

Em relação ao local, o Balneário Cassino, o **sub-componente Saúde Física** apresentou aspectos que a qualificou negativamente tais como: cuidados com entorno, saneamento básico e drenagem urbana. Enquanto, as residências foram avaliadas como positiva devido aos cuidados dos moradores com o entorno, como corte de grama, cuidados com o lixo, pintura das casas, manutenção e conservação das casas.

Em relação ao **sub-componente Saúde Mental** apresentou avaliação positiva relacionado ao trânsito do balneário e avaliação negativa relacionado aos turistas/veranistas, pois os moradores afirmaram que devido aos horários distintos entre os moradores e turistas/veranistas. Enquanto, os turistas/veranistas querem aproveitar as festas até altas horas da madrugada, os moradores querem relaxar e descansar para noutro dia trabalharem.

O **sub-componente Segurança** teve avaliação negativa com relação à segurança do local, devido a falta de policiamento, além disso os entrevistados também falam que a falta de iluminação pública diminuem a segurança do local.

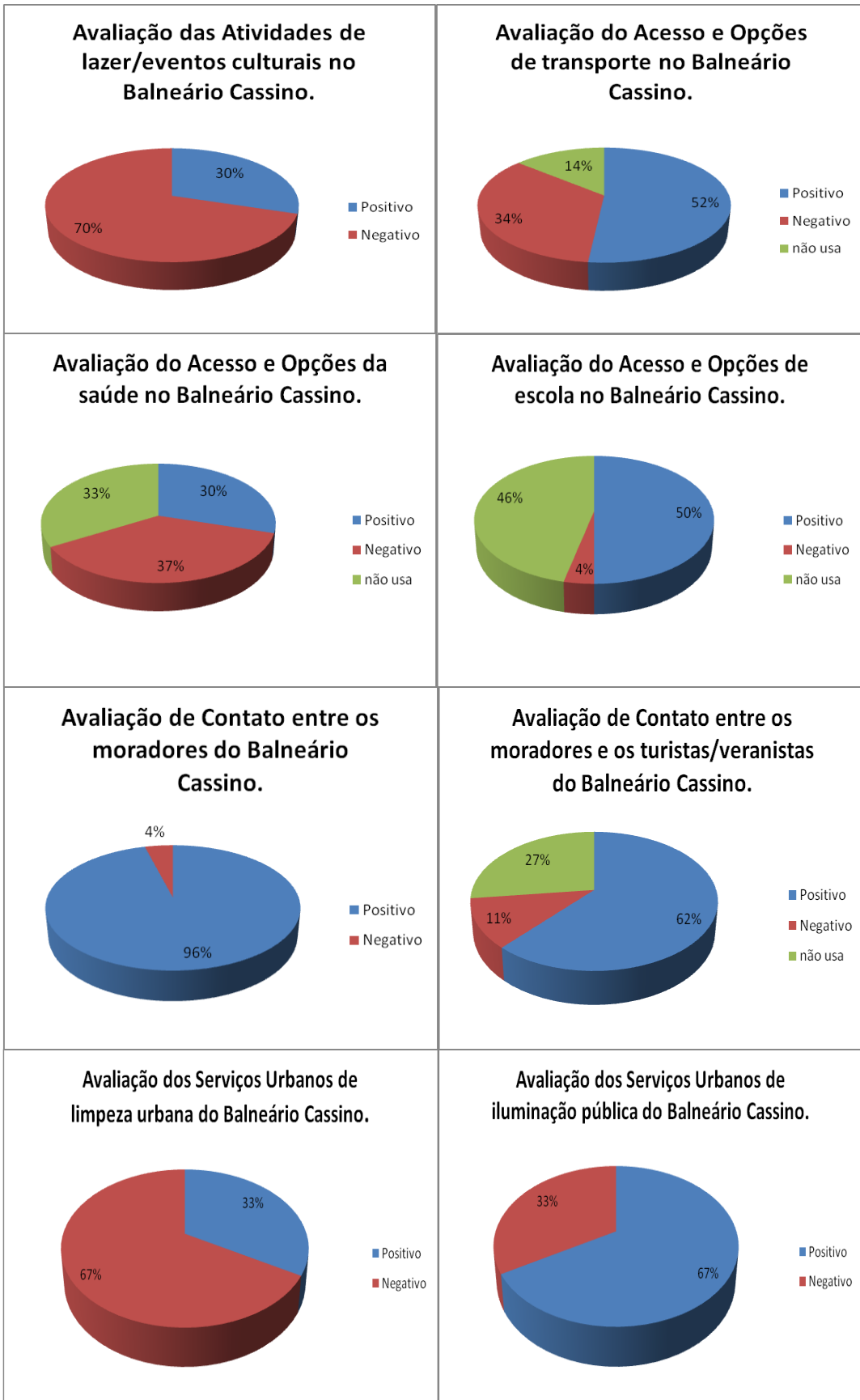
“No inverno pode acontecer o que tiver que acontecer que... acho que foi no verão... policiais que chamei inclusive do Parque São Pedro (bairro da cidade de Rio Grande) porque aqui não tinha um disponível... tava sem viatura disponível.” S<sup>ra</sup>.R.

“[...] É ruim não é bom tá... principalmente quem anda no inverno são uns postes as vezes lá... não tem iluminação forte porque até quanto mais iluminação mais segura tu se sentes tem relação com tudo que acontece ao redor.” S<sup>ra</sup>.R.

#### ***4.5.3 Sub-Componentes Sociais da Qualidade Ambiental Urbana***

Os sub-componentes sociais da qualidade ambiental urbana apresentaram gráficos: de Atividades de lazer/eventos culturais; de Acesso e Opções de transporte, de saúde e da escola; de Contato das relações de vizinhança e da relação dos moradores com os turistas/veranistas e de Serviços Urbanos de limpeza urbana e da iluminação pública. Os gráficos apontam a avaliação dos entrevistados em relação aos sub-componentes sociais da qualidade ambiental urbana (Figura 16).

O **sub-componente Atividades** foi avaliado como negativo pelos moradores devido à centralização das atividades na Avenida Rio Grande e Atlântica, a diversidade e periodicidade dessas atividades. O **sub-componente Acesso e Opções** com relação aos transportes e as escolas obtiveram avaliação positiva, enquanto a saúde foi avaliada como negativa devido aos aspectos: ampliação do posto de saúde, número de fichas para atendimento médico, número de médicos dentre outros.



**Figura 16 – Qualidade Ambiental Urbana: Sub-componentes Sociais.**  
 FONTE: RAMIRES, 2011

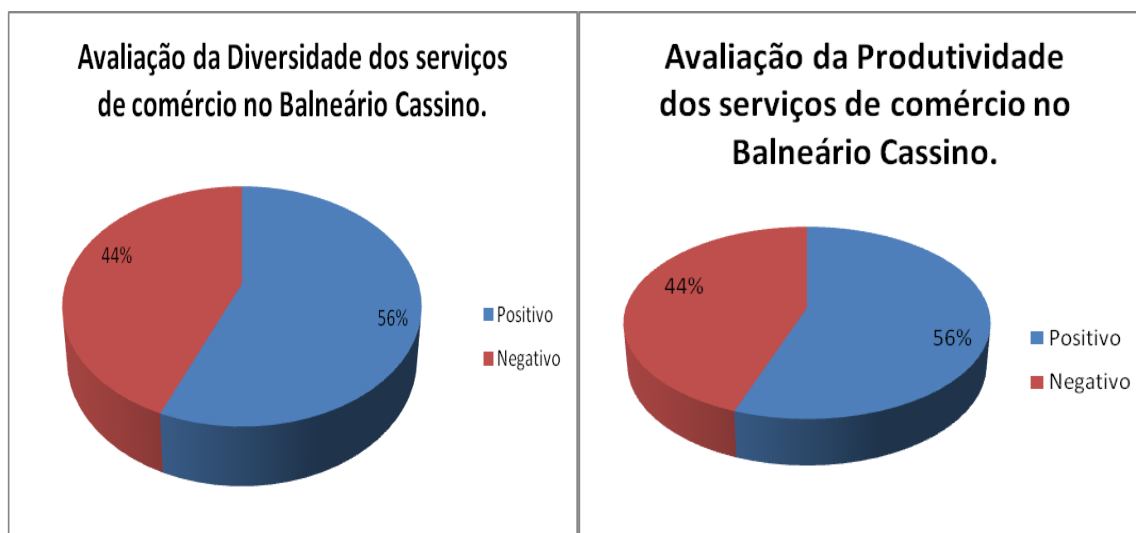
O **sub-componente Realização Pessoal** relacionado aos moradores, as relações de vizinhança apresentando avaliação positiva, pois de acordo com os entrevistados há um bom convívio com os vizinhos, além disso alguns afirmaram que há uma boa relação com os turistas/veranistas.

O **sub-componente Contato** apresentou avaliação positiva devido aos aspectos de privacidade, solidariedade, afinidade dentre outros nas relações de vizinhança, assim como nas relações entre os turistas/veranistas e os moradores do balneário.

O **sub-componente Serviços Urbanos** apresentou avaliação positiva em relação aos aspectos de coleta de lixo e de iluminação pública (gráfico 3), enquanto os aspectos de limpeza urbana a avaliação foi negativa.

#### ***4.5.4 Sub-Componentes Econômicos da Qualidade Ambiental Urbana***

Os sub-componentes econômicos da qualidade ambiental urbana apresentaram gráficos: de Diversidade e de Produtividade dos serviços de comércio. Os gráficos indicam a avaliação dos sub-componentes econômicos da qualidade ambiental urbana (Figura 17).



**Figura 17 – Qualidade Ambiental Urbana: Sub-componente Econômicos**  
FONTE: RAMIRES, 2011

Os aspectos dos **sub-componentes de Diversidade**; de **Produtividade** e de **Oportunidade** dos serviços de comércio em geral tiveram avaliação positiva na percepção dos moradores do balneário, embora os moradores afirmem que há centralização de comércios na Avenida Rio Grande e Atlântica, principalmente, no verão causando alguns transtornos aos moradores dessa imediação.

## **4.6 Discussões dos Resultados**

A partir da análise dos gráficos dos sub-componentes da qualidade ambiental urbana pode-se revelar a percepção dos moradores do Balneário Cassino. Na análise dos aspectos dos sub-componentes da qualidade ambiental urbana foram espacializados os diferentes aspectos da qualidade ambiental indicados pelos entrevistados de cada unidade espacial.

Segundo Capra (1982) em nossas interações com o meio ambiente há uma contínua permuta e influência mútua entre o mundo exterior e o nosso mundo interior. Capra (1982) afirma que nossas respostas ao meio ambiente dependem muito mais de nossas experiências passadas, nossas expectativas, nossos propósitos e a interpretação simbólica individual de nossa experiência perceptiva do que o efeito direto de estímulos externos sobre o nosso sistema biológico. Assim, os mundos interior e exterior estão sempre interligados no funcionamento de um organismo humano; eles interagem e evoluem juntos.

### ***4.6.1 Discussão dos componentes da qualidade ambiental urbana***

Pretende-se com estabelecimento das unidades espaciais apontar os anseios e as demandas dos moradores entrevistados por meio dos componentes da qualidade ambiental urbana. A seguir procura-se mostrar como cada sub-componente da qualidade ambiental urbana apresenta-se em cada unidade espacial de acordo com a percepção dos moradores entrevistados.

#### ***4.6.1.1 Sub-Componentes espaciais da qualidade ambiental urbana***

**Os sub-componentes espaciais Bem-Estar** nas unidades espaciais (mapa 4) avaliados como positivos pelos entrevistados em cada unidade espacial apresentaram dois aspectos iguais, no caso, tranquilidade e sensação de segurança e nas unidades espaciais MM e MB foi apontado o aspecto natureza. Apesar disso, houve alguns aspectos distintos como acolhedor, liberdade.

O fato de ocorrer aspectos iguais é devido à característica do Balneário Cassino de ser um bairro que durante o verão recebe turistas e veranistas e no inverno é usado mais como um bairro dormitório. Por isso, os moradores em suas respostas ressaltam que o local é tranquilo e por ter menos pessoas durante a baixa temporada é seguro.

Os entrevistados também ressaltaram que o fato de o Balneário Cassino ser “menos urbano” é menos poluído, o ar é mais puro e se tem um contato maior com a natureza, tendo-se melhor qualidade de vida. Além disso, dizem que por ser um local mais calmo é mais acolhedor e se tem mais liberdade de se sentar em frente de casa para tomar chimarrão, bebida típica do sul.

Os entrevistados das unidades espaciais MM e MB avaliaram como negativo alguns aspectos do componente espacial de bem estar tais como: a falta de liberdade e na unidade espacial MB a desordem ambos causados pela presença de turistas/veranistas durante o veraneio. Isto ocorre porque nestas unidades espaciais é mais comum a presença de turistas/veranistas, enquanto na unidade espacial BB há maior presença de moradores fixos.

**O sub-componente espacial Acessibilidade** somente na unidade espacial MM foi avaliada como positiva (mapa 7) por alguns entrevistados desta unidade em decorrência de as ruas serem calçadas e terem um bom escoamento pluvial. No entanto, alguns entrevistados desta unidade (MM) e das demais (BB e MB) avaliaram a acessibilidade das ruas (mapa 8) como negativa, influenciando na acessibilidade negativa do local (mapa 6).

Os aspectos que contribuíram para avaliação negativa das ruas do Balneário Cassino foram: a falta de manutenção, drenagem urbana, buracos, acúmulo de lixo. A drenagem urbana para as unidades de paisagens MB e BB é um dos principais problemas visto que nestas unidades as ruas, em sua maior parte, não têm calçamento, logo em dias de chuva as ruas ficam alagadas e nos dias secos um areal. Além disso, os entrevistados destacaram que no Balneário a maioria das calçadas é gramada e as poucas que possuem pavimento tem desníveis.

Percebe-se que a avaliação negativa da acessibilidade é influenciada tanto por componentes espaciais referenciais – orientação quanto por componentes biológicos, no caso, saúde física e segurança. As más condições das vias causam transtornos à população cassinense, pois segundo Denatran apud PoliUSP ( 2011) as vias têm funções de: deslocamento entre locais; circulação (de uma via a outra); acesso às edificações; ambiente urbano. Outro aspecto que dificulta a acessibilidade é a falta de manutenção na iluminação pública causa insegurança no tráfego dos veículos na estrada RS734 e no deslocamento de veículos e pedestres nas vias do Balneário.

**O sub-componente espacial Desenho Urbano** teve avaliação negativa em todas as unidades espaciais, para alguns respondentes, relacionada aos elementos visuais onde o entrevistado afirma que as residências antigas contribuem para a diminuição da qualidade do ambiente, pois as residências estão más conservadas. Além disso, existem entrevistados que afirmam que os veranistas não cuidam de suas residências de veraneio, deixando a grama alta em seus terrenos. Também relataram que alguns moradores não cuidam do entorno, onde moram, jogam lixo em terreno baldio, na casa do vizinho, fazem a poda de árvores e colocam os galhos cortados em locais inadequados.

Alguns entrevistados da unidade espacial MM e das demais unidades BB e MB avaliaram positivamente os elementos visuais (corte da grama, pintura, poda de árvores). Também em todas as unidades espaciais a avaliação positiva do componente espacial de estética das residências relacionado à forma e tipo de material (tabela 4).



Embora as unidades espaciais tenham apontado os mesmos aspectos positivos em suas avaliações relacionadas à estética das residências existem diferenças entre as unidades, pois estas têm características distintas quanto à renda. Enquanto, a unidade espacial MM as residências apresentam o mesmo padrão de construção, com jardim, com acabamento bem feito e nesta unidade também há concentração de edifícios.

Na unidade espacial MB os entrevistados ressaltam que as residências são coloridas, novas e que os moradores sempre fazem manutenção de suas casas, indicando componentes espaciais de estética e de elementos visuais. A unidade espacial BB os entrevistados afirmam que as residências são simples e muitas são de autoconstrução, onde o próprio morador constrói sua casa. Alguns entrevistados desta unidade espacial dizem que as residências têm boa estética, pois são feitas de alvenaria sendo residências simples.

**O sub-componente espacial Referenciais** de acordo com os entrevistados das unidades espaciais BB e MB apresentaram aspectos positivos (mapa 9) referente à sinalização de trânsito e identificação das ruas. Embora alguns entrevistados tenham apontado para a falta de respeito à sinalização de trânsito por parte dos visitantes durante o período de veraneio.

Enquanto, os entrevistados da unidade espacial MM relataram aspectos negativos relacionados à falta de sinalização de trânsito, influenciando na segurança do trânsito do Balneário Cassino, causando transtornos para a população (Apêndice G). Principalmente porque a unidade espacial encontra-se na área central do Balneário Cassino, tendo um fluxo maior de veículos e de pedestres.

**O sub-componente espacial Uso e Ocupação do Solo** segundo os entrevistados das unidades espaciais MB e MM (mapa 10) a densidade urbana-verticalização é um componente espacial negativo, principalmente, pela falta de saneamento básico no Balneário Cassino, onde nem 2% da população tem rede geral de esgoto (Tabela 5). Este componente foi apontado nestas duas unidades espaciais, pois é em suas áreas que

há a presença de edifícios, enquanto na unidade espacial BB há maior frequência de casas.

**Tabela 5 – Percentual da Rede de Esgoto e coleta de lixo.**

UP	Moradias	Moradias c/Esgoto	% Esgoto UP	% Esgoto Total	Moradias c/ C. Lixo	% C. Lixo UP	% C. Lixo Total
BB	858	14	1,63	0,51	809	94,29	29,71
MB	646	4	0,62	0,15	644	99,69	23,65
MM	1219	25	2,05	0,92	1218	99,92	44,73
Total	2723	43		1,58	2671		98,09

FONTE: IBGE, Censo Demográfico 2000 Org. RAMIRES, 2011

A falta de rede de esgoto diminui a qualidade dos corpos hídricos que são alimentados pelas chuvas através lençol freático. Além disso, no verão este fato se agrava ainda mais devido ao aumento do número da população do Balneário.

#### ***4.6.1.2 Sub-Componentes biológicos da qualidade ambiental urbana***

**O sub-componente biológico Saúde Física** em todas as unidades espaciais (BB, MB e MM) apresentaram, de acordo com os entrevistados, avaliação negativa com relação aos cuidados com entorno. Na unidade espacial MM os entrevistados apontaram estes aspectos em virtude das residências de veraneio, onde estas permanecem vazias durante a baixa temporada e a manutenção (corte de grama, pintura, dentre outros cuidados com a casa) só acontece durante o verão. Enquanto, na unidade espacial BB os entrevistados mencionam que os próprios moradores do local muitas vezes não têm cuidados com a sua casa e nem cuidam do seu entorno colocando lixo em terrenos vizinhos, embora tenha coleta de lixo todos os dias.

Na unidade espacial MB alguns entrevistados apontaram como negativo os cuidados com entorno, afirmando que alguns moradores não cuidam de suas casas, principalmente as de veraneio e que existem moradores os quais depositam lixo em terrenos baldios. Porém, a maioria dos entrevistados desta unidade espacial MB afirma que o serviço de limpeza das ruas é ruim. Esta unidade também avaliou o saneamento

básico como um aspecto negativo (mapa 11), ressaltando que este aspecto é agravado pelo aumento da densidade urbana com a verticalização que está ocorrendo no Balneário Cassino.

**O sub-componente biológico Saúde Mental** foi apontado pelos entrevistados das unidades espaciais MM e por alguns entrevistados da MB como negativo porque se encontram em área de grande concentração de pessoas durante o verão causando aumento nos níveis de ruído, principalmente em áreas onde ocorrem as festas. Também relataram estresse e caos devido ao aumento no fluxo de pessoas nos estabelecimentos comerciais e no trânsito, causando congestionamento.

**O sub-componente biológico Segurança** de acordo com os entrevistados dependendo da época há aspectos positivos ou negativos. Alguns entrevistados da unidade espacial BB afirmaram que no inverno é seguro em virtude do pouco movimento e no verão há marginalidade devido ao aumento do fluxo de pessoas no Balneário. Outros (unidade espacial MM) dizem que a redução no número de moradores, no inverno, trás a sensação de insegurança, principalmente pela falta de policiamento no local conforme mapa 13.

#### ***4.6.1.3 Sub-Componentes sociais da qualidade ambiental urbana***

**O sub-componente social Realização Pessoal** teve aspectos positivos em todas as unidades espaciais (BB, MB e MM) com relação aos moradores (mapa 14). Os aspectos apontados pelos entrevistados foram: afeto, afinidade e amizade e sua indicação estava relacionada ao grau de interação entre os moradores que existe em cada unidade espacial.

Na unidade espacial MM os entrevistados expuseram que boa parte das residências em sua rua é segunda residência sendo estas ocupadas ocasionalmente pelos veranistas. Contudo, os entrevistados afirmam que são amigos dos veranistas (mapa 15), que sempre ali veraneiam. Diferente do que ocorre nas unidades espaciais BB e MB onde a maior número de moradores fixos, assim há pouca interação entre os moradores e os

veranistas. Esta boa relação de vizinhança nas unidades espaciais contribui para que os moradores se identifiquem (mapa 16) com o local onde moram se reconhecendo nas características do local e com os moradores.

**O sub-componente social Contato** segundo os entrevistados das unidades espaciais a relação de vizinhança apresenta aspectos positivos tais como: moradores educados, interação, privacidade, moradores simpático, sociabilidade, solidariedade (mapa 17).

Na unidade espacial BB percebeu-se que os vizinhos pouco interagem entre si, porém quando um precisa do outro sempre estão dispostos a ajudar, mostrando relações de reciprocidade e de solidariedade. Apesar de esta unidade espacial seja composta em sua maior parte por moradores fixos há pouca interação porque muitos moradores trabalham durante todo o dia e/ou estudam. Além disso, alguns entrevistados relataram que cada um respeita a privacidade do outro. Mesmo havendo pouca interação entre os moradores existem entrevistados conforme visto anteriormente que tem uma relação mais estreita com os vizinhos (mapa 14).

Na unidade espacial MB a maioria dos entrevistados ressaltou que há pouca interação entre os moradores, que não há um estreitamento de laços de amizade. Estes entrevistados pensam que cada um deve ficar em sua casa, mostrando que não há o hábito dos vizinhos freqüentarem a casa do outro, pois gostam de ter privacidade. Alguns entrevistados destacaram que há solidariedade entre os vizinhos.

Na unidade espacial MM segundo os entrevistados há poucos moradores fixos, e há pouca interação entre os vizinhos, pois os moradores preferem a sua privacidade. Alguns entrevistados afirmaram que sempre interagem com outros moradores e procuram maneiras para se sociabilizar. Outros entrevistados destacaram que a relação de vizinhança dos moradores parece com a relação que se dá em pequenas cidades, as pessoas são mais solidárias e simpáticas e educadas.

Quando a relação é entre os moradores e os turistas/veranistas os entrevistados das unidades espaciais dizem que sempre há a preocupação em tratar bem os

turistas/veranistas, sendo receptivos e interagindo com eles. Contudo, de acordo com alguns entrevistados os visitantes nem sempre respeitam os moradores. Na unidade espacial MB e MM alguns entrevistados disseram que tem uma relação de amizade com os veranistas que veraneiam a mais tempo no local onde moram.

**O sub-componente social Atividades** para os entrevistados das unidades espaciais existem áreas de lazer (mapa 18) como praças com quadras para a prática de esportes (basquete, voleibol, futebol) ciclovia, espaço para caminhar e praças para a recreação das crianças, porém estas áreas de lazer não têm uma boa manutenção da iluminação e dos equipamentos (mapa 19).

Os eventos culturais shows, festas, compras (mapa 18), de acordo com os entrevistados, são mais frequentes no verão. A falta de periodicidade (mapa 19) desses eventos e a sua concentração (mapa 19) na Avenida Rio Grande e/ou Avenida Atlântica, influencia na interação entre as pessoas e na diversidade dessas atividades.

**O sub-componente social Acesso e Opções** de acordo com alguns entrevistados o transporte (mapa 20) foi avaliado como positivo (unidades espaciais BB e MB) devido ao transporte circular que interliga outras localidades do Balneário Cassino ao centro deste. E para unidade espacial MM o transporte foi avaliado como positivo, pois há o transporte diferenciado, chamado “seletivo”, transporte com televisão, ar condicionado, e a lotação máxima é o número de assentos.

Contudo, as unidades espaciais apontaram aspectos negativos do transporte (mapa 21). Embora os moradores da unidade espacial MM utilizar o transporte diferenciado durante o verão devido à demanda e ao número pequeno da frota de ônibus e até mesmo restrição de horários alguns moradores usam o transporte coletivo. Para os entrevistados da unidade espacial MB os aspectos negativos incluem os horários do ônibus, isto é, o tempo de espera entre um ônibus e outro. Na unidade espacial BB os horários dos ônibus – horários das linhas dos coletivos; a manutenção dos ônibus (sucateamento), principalmente, da linha circular, coletivos que circulam dentro do Balneário. A

distribuição dos pontos de parada dos ônibus e a superlotação em função da disponibilidade dos horários dos ônibus e no verão em função da demanda maior.

Com relação ao acesso e opções à saúde todas as unidades espaciais a avaliaram negativamente (mapa 22), pois no Balneário Cassino há dois postos de saúde, um na Rua Júlio de Castilhos e outro na Querência. Os entrevistados da unidade espacial MM apontaram que o plantão médico, a ampliação do posto de saúde, os horários de funcionamento; a unidade espacial MB que o plantão médico, os horários de funcionamento, a ampliação do posto de saúde, o aumento da demanda no verão e unidade espacial BB que a ampliação do posto de saúde, o plantão médico, o número de ficha e os horários de funcionamento são aspectos negativos da saúde no Balneário Cassino.

Quanto aos serviços urbanos todas as unidades espaciais avaliaram a coleta de lixo como positiva e os serviços de limpeza urbana - periodicidade e manutenção tiveram avaliação negativa (mapa 23), sendo que na unidade espacial BB os entrevistados afirmaram que estão sem o serviço de limpeza urbana a mais de um ano. De acordo com os entrevistados das unidades espaciais MM e MB disseram que os serviços de limpeza urbana é melhor durante o verão, porém este serviço são centralizados nas Avenidas Rio Grande e Atlântica e em suas imediações.

#### ***4.6.1.4 Sub-Componentes econômicos da qualidade ambiental urbana***

**Os sub-componentes econômicos Oportunidade, Produtividade e Diversidade** somente a unidade espacial MB destacou o componente econômico de oportunidade (aluguel das residências de veraneio) como positivo. Quanto maior oportunidade de negócios, ou seja, aluguel das residências de veraneio maior será diversidade de comércios, influenciando nos preços dos produtos comercializados consequentemente haverá maior movimentação na economia local.

A produtividade foi apontada como positiva nas unidades espaciais BB e MB segundo os entrevistados o preço dos produtos e dos serviços oferecidos não variam muito em

relação aos preços da do centro da cidade de Rio Grande. Embora todas as unidades espaciais tenham apontado a diversidade de serviços de comércios como positiva os entrevistados ressaltaram que é preciso descentralizar estes serviços para que possa atender melhor a população local.

#### ***4.7 Discussão sobre a Análise dos Componentes da Qualidade Ambiental Urbana e suas relações***

A partir da análise dos componentes da qualidade ambiental urbana observou-se que os dados têm relação uns com os outros, pois a pesquisa trata de um ecossistema urbano. De acordo com Capra (1982) “os ecossistemas são sistemas que têm inter-relação e interdependência de todos os fenômenos; nessa estrutura, chama-se sistema a um todo integrado cujas propriedades não podem ser reduzidas às de suas partes”. A seguir é evidenciado a relação existente entre os componentes da qualidade ambiental relacionado ao Balneário Cassino.

O aspecto de tranqüilidade pode ser relacionado ao componente biológico (saúde mental), principalmente no inverno uma vez que aspectos como congestionamento, filas nos comércios são mais freqüentes no verão, época de alta temporada, do Balneário Cassino onde a sua população pode crescer até 10 vezes. A sensação de segurança é relacionada por alguns moradores ao número de moradores permanentes, moradores anuais, apontando aspectos dos componentes sociais ligados a realização pessoal – amizade e a contato – solidariedade mostrando relações de reciprocidade, de parentesco, ou seja, os moradores cuidam uns dos outros, tomando conta da casa um do outro a fim de assegurar a segurança do local.

O ambiente acolhedor é outro aspecto relacionado ao componente social (Apêndice L) evidenciando aspectos de: amizade, afeto, reconhecimento (unidade espacial MM); amizade e reconhecimento (unidade espacial MB) e amizade e afeto (unidade espacial BB) no componente realização pessoal e aspectos de: interação (unidade espacial MB) e interação, privacidade e solidariedade (unidade espacial BB) no componente social contato (Apêndice M).

O contato com a natureza embora seja um aspecto do componente espacial influencia na saúde física (Apêndice K) e mental – componentes biológicos mostrando que os moradores optaram por morar no Balneário Cassino para “fugir” do agito da cidade buscando um ambiente mais bucólico. Outro aspecto que também está relacionado a esta opção é a liberdade ligada aos modos de vida, isto é, os moradores sentem-se livres para poder sentar em frente de casa e tomar um chimarrão, conversar com os amigos afirmam que na cidade, com a correria, estes hábitos são poucos vivenciados.

De acordo com as respostas dos entrevistados sobre a relação entre os turistas/veranistas e o moradores (mapa 5), a falta de liberdade e desordem (componente espacial-Bem-Estar), revela relação existente entre os componentes biológicos da qualidade ambiental urbana – saúde mental e saúde física.

Com relação ao componente espacial acessibilidade do local os aspectos apontados pelos entrevistados (mapa 6 e 8) drenagem urbana, transporte, manutenção das ruas e estradas mostram relação com componentes biológicos de saúde física e segurança. O componente desenho urbano, elementos visuais (tabela 4) tem relação com a componente biológica saúde física.

Os aspectos orientação e identificação das ruas do componente espacial – referenciais (mapa 9) – apontam relação à segurança, saúde mental (componentes biológicos) e acessibilidade referente ao componente espacial. Densidade urbana pela verticalização citado pelos entrevistados (mapa 10), componente de uso e ocupação do solo tem relação com o componente biológico, saúde física – saneamento.

Os componentes biológicos da qualidade ambiental urbana apontados pelos entrevistados sobre saúde física, cuidados com entorno, saneamento (mapa 11) tem ligação com os componentes espaciais, elementos visuais e uso e ocupação do solo. O componente biológico de saúde mental, caos (acesso), níveis de ruído (barulho), congestionamento (mapas 12), relacionam-se aos componentes espacial – acessibilidade – e biológicos – segurança.



Os componentes sociais da qualidade ambiental urbana indicados pelos entrevistados que tem relação com outros componentes da qualidade ambiental urbana foram: realização pessoal, contato, atividades e acesso e opções. A realização pessoal está relacionada a outro componente social - contato como interação e sociabilidade e ao componente espacial – bem-estar como a falta de liberdade e desordem (mapa 5). Alguns entrevistados disseram que a presença dos turistas/veranistas causa alguns transtornos (Apêndice D) aos moradores em virtude dos horários diferentes, das festas, do intenso trânsito à noite. Contudo tiveram entrevistados que evidenciaram aspectos positivos tais como amizade; solidariedade; receptividade e interação.

O componente social de contato tem ligação com a componente social realização pessoal e atividades. Por isso, ao promover maior diversidade de atividades de lazer e eventos culturais maior poderá ser a interação entre os moradores, aumentando as relações de reciprocidade; de parentesco entre os moradores. Também a relação entre os moradores e turistas/veranistas será mais recíproca e os moradores serão mais receptíveis com os turistas/veranistas.

“As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais e acidentais, na vida cotidiana. Revela-se como espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido pelo indivíduo por meio do corpo, pois é com todos os seus sentidos que o habitante usa o espaço, cria/percebe os referenciais, sente os odores dos lugares, dando-lhes sentido. Isto significa que o uso envolve o indivíduo e seus sentidos, seu corpo; é por ele que marca sua presença, é por ele que constrói e se apropria do espaço e do mundo no plano do lugar, no modo como usa o espaço e emprega o tempo da vida cotidiana” (CARLOS apud VITTE et.al., 2009.p.223-224).

A componente social atividade está relacionada ao componente contato, serviços urbanos, ao componente espacial, bem-estar, ao componente econômico. Para promover maior interação entre os moradores é preciso que se tenham a manutenção dos espaços de lazer tanto dos equipamentos quanto da limpeza da área, assim como a boa

iluminação, proporcionando bem-estar aos moradores e visitantes desfrutar de horas de lazer tanto durante o dia como a noite. Além disso, deve ter diversidade, variedade e descentralização de espaços de lazer e eventos culturais (mapa 19) ao proporcionar uma rede maior de atividades de lazer e eventos culturais aumentará os serviços prestados (componentes econômicos oportunidade e diversidade) e conseqüentemente o ganho dos comerciantes em geral.

A precariedade dos serviços urbanos (componentes sociais – acesso e opções) prejudica a acessibilidade das ruas e das calçadas, como no acesso a áreas de lazer, impedindo moradores e visitantes de utilizar estas áreas e de interagir com outras pessoas. A falta manutenção das ruas e das estradas, de iluminação prejudica a segurança (componente biológico). Segundo o Nahas (2009, p. 130) “o indicador taxa de pavimentação de vias expressa também a qualidade habitacional e a oferta dos serviços de infraestrutura básica naquele lugar, bem como a possibilidade de acesso do transporte coletivo e de coleta de lixo. Portanto, diz muito mais sobre o lugar do que a simples existência de pavimentação”. Esta falta de acessibilidade também prejudicada conforme o autor no acesso a certos serviços.

Os componentes econômicos da qualidade ambiental urbana apontados pelos entrevistados das unidades espaciais, oportunidade, produtividade e diversidade, têm relação com outros componentes sociais (atividades, contato) e espacial (bem-estar). De acordo com Carlos apud Carvalho (2009) os pequenos comércios podem ser mais do que pontos de troca de mercadorias eles aproximam os moradores uma vez que são lugares de encontro, reforçando assim a sociabilidade.

## Considerações Finais

Percebe-se que por meio dos estudos de percepção ambiental pode-se revelar a importância da inclusão da dimensão humana para gestão e planejamento ambiental uma vez que as comunidades atingidas pelas transformações ocorridas na paisagem são quem sofrem diretamente o impacto dessas transformações e da tomada de decisão dos gestores. Logo, são as pessoas da comunidade quem devem mostrar as suas demandas e os gestores por meio da equipe técnica devem adotar medidas que melhor atenda essas demandas. Por isso, a pesquisa incluiu a dimensão humana para avaliar a qualidade ambiental urbana a fim de contribuir com o planejamento ambiental do Balneário Cassino.

O balneário foi fundado com a finalidade de ser um espaço de lazer da aristocracia local, passando por várias transformações ao longo do tempo. Atualmente com o estabelecimento do pólo naval novos desafios são apresentados à população local e ao poder público visto que as transformações da paisagem repercutem na qualidade ambiental e de vida da população. Por isso, a importância de se revelar a dimensão humana da qualidade ambiental do Balneário Cassino e o seu comportamento espacial, de maneira que mostre informações sobre os anseios e demandas das unidades espaciais, constituindo subsídio ao planejamento e gestão do Balneário Cassino.

As análises das entrevistas semiestruturadas permitiram identificar as percepções dos moradores do Balneário Cassino. Para cada unidade espacial foram identificadas e espacializadas as avaliações positivas e negativas referentes aos aspectos dos sub-componentes da qualidade ambiental urbana. Enquanto, os gráficos revelaram como os sub-componentes da qualidade ambiental urbana foram avaliados por todos os respondentes do Balneário Cassino.

A espacialização do diagnóstico da qualidade ambiental percebida representa as percepções sobre os aspectos dos sub-componentes da qualidade ambiental urbana para cada unidade espacial, é importante destacar que o ecossistema urbano é composto por sistemas que interagem entre si. Na análise dos dados percebeu-se que alguns itens avaliados pelos entrevistados abrangem mais de um sub-componente da qualidade

ambiental devido à relação entre os sub-componentes uma vez que o ambiente urbano não é um sistema fechado. Por isso, na discussão dos resultados dos sub-componentes da qualidade ambiental urbana foram abordadas as relações estabelecidas entre estes sub-componentes

Constatou-se que os sub-componentes que compõem a qualidade ambiental urbana foram apontados ao menos em uma das unidades espaciais. Somente em alguns casos as unidades espaciais mostraram as mesmas percepções sobre os sub-componentes, o que demonstra tanto satisfação quanto insatisfação em relação às demandas e aos anseios por parte dos entrevistados, como por exemplo, o componente Social – sub-componente Atividades - que apresentaram, em todas as unidades, aspectos positivos.

Dentre todos os aspectos tratados, ressalta-se que a tranquilidade do Balneário Cassino, sub-componente espacial bem-estar, influencia muito na permanência dos entrevistados no local, apesar das dificuldades de acessibilidade, da centralização dos serviços dentre outros aspectos avaliados negativamente. A tranquilidade é muito ressaltada por alguns entrevistados, pois significa ter a liberdade de se sentar na frente de casa para tomar um chimarrão; de viver num ritmo distinto da cidade, menos poluído, e de ter contato com a natureza.

A avaliação dos moradores entrevistados evidencia que as dificuldades encontradas são de acessibilidade seja pela falta de drenagem urbana, de limpeza urbana, buracos seja pela ineficiência do transporte mostrando um descaso por parte das autoridades locais. Além disso, se percebe que há centralização de serviços nas Avenidas Rio Grande e Atlântica o que pode dificultar o acesso a estes serviços dos moradores do interior do Balneário Cassino em virtude da má conservação das ruas.

Por isso, muitos moradores preferem que as ruas sejam calçadas porque o que está em questão é a sua acessibilidade, seu ir e vir aos diversos lugares do bairro e a outros lugares da cidade. Embora a opinião de técnicos seja diferente afirmando que o ideal é as ruas permanecerem sem calçamento para que a água das chuvas infiltre no solo, no entanto se deve considerar a percepção dos moradores os quais convivem com o

problema todos os dias visto que o planejamento deve-se guiar no intuito de atender os anseios e as demandas da comunidade.

O diagnóstico também apontou que é necessário proporcionar aos moradores durante todo o ano maior variedade de lazer e eventos culturais e não somente no período de veraneio, tornando o Balneário um lugar de encontro e interação a fim de estabelecer e fortalecer as relações de vizinhança. No entanto, é preciso adequar os diferentes usos do solo visto que os aspectos que contribuem para a identificação dos moradores com o Balneário são: a tranquilidade, qualidade do ar, a liberdade, privacidade dentre outros e ao incentivar o movimento no período de baixa temporada estar-se-á influenciando no ritmo de vida dos moradores, conseqüentemente na qualidade de vida.

A avaliação apresentada nos gráficos indica que a qualidade ambiental percebida pelos respondentes é positiva nos sub-componentes espaciais Bem-Estar, Desenho Urbano e Referenciais; nos sub-componentes biológicos Saúde Física em relação às residências do balneário e Saúde Mental relacionado ao trânsito. Nos sub-componentes sociais Acesso e Opções referente ao transporte e às escolas, Contato ligado às relações entre os moradores e às relações entre os moradores e turistas/veranistas e Serviços Urbanos relativo à iluminação pública; nos sub-componentes econômicos Diversidade e Produtividade relacionado aos serviços de comércio.

Os sub-componentes apontados nos gráficos como negativos segundo percepção dos entrevistados foram: os espaciais Acessibilidade referente às ruas e ao local; os biológicos Saúde Física e Segurança ambos ligados ao local; os sociais Atividades em relação ao lazer e aos eventos culturais, Acesso e Opções relativo à saúde e Serviços Urbanos ligado à limpeza urbana.

Percebe-se por meio da pesquisa e dos autores discutidos a importância da percepção da comunidade nos planejamentos, ou seja, os planejamentos devem incluir os sujeitos do local, pois estes conhecem o lugar, vivem todos os dias ali, sabem quais são suas prioridades. Então, precisa-se articular a percepção dos moradores com os conhecimentos técnicos a fim de solucionar as demandas das comunidades.

## Referências

ALVES, Teresa. Paisagem – em busca do lugar perdido. In: **Finisterra**, XXXVI, 72. 2001. p.67-74.

AMARAL, Ilídio do. Acerca da paisagem: apontamentos para um debate. In: **Finisterra**, XXXVI, 72. 2001. p.75-81.

BARCELLOS, João. **Cassino História e Ambientes: A Educação e a sua preservação**. In: Revista eletrônica de Mestrado em Educação Ambiental. V. 04, out-dez 2000. Disponível em: < <http://www.remea.furg.br/mea/remea/congress/comunica.htm> > Acesso em: 25 ago 2008

BLEY, Lineu. Morretes: um estudo de paisagem valorizada. RIO, Vicente del; OLIVEIRA, Livia de.(org). **Percepção Ambiental: A experiência Brasileira**. Ed.UFSCar: São Carlos: São Paulo, 1996. P. 121-138

BONAIUTO, Marino et.al. **Indexes of perceived residential environment quality and neighbourhood attachment in urban environments:**a confirmation study on the city of Rome. Elsevier. P.41-52

BRASIL. Ministério das cidades – **Sistema Nacional de Informação das Cidades-SNIC**. Disponível em: < [www.cidades.gov.br](http://www.cidades.gov.br) > acesso em: 10 mar 2010.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital monopolista: A degradação do trabalho no século XX**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CERÓN, Ileana Pradilla. **Kant – Crítica e estética na modernidade**. São Paulo: editora Senac São Paulo, 1999.

DACANAL, Cristiane; GUIMARÃES, Solange T. Lima. Qualidade ambiental percebida por habitantes de condomínios horizontais (Ribeirão Preto/SP). In: **OLAM - Ciência e Tecnologia**. Rio Claro, 2005. v. 5, n. 1, p. 233 - 259.

DOMINGUES, Álvaro. A paisagem revisitada. In: **Finisterra**, XXXVI, 72. 2001. p.55-66.

EMIDIO, Teresa. Meio Ambiente e Paisagem. **São Paulo: Senac São Paulo, 2006**.

ENKE, Rebecca Guimarães. **Balneário Villa Sequeira: a invenção de um novo lazer (1890-1905)**. São Leopoldo: UNISINOS, 2005. 143p. (Dissertação de Mestrado)

FREITAS, H; MOSCAROLA, J. **Análise de dados quantitativos e qualitativos: casos aplicados**. Porto Alegre: Sagra, 2000. 176p.

GASPAR, Jorge. O retorno da paisagem à Geografia: apontamentos místicos. In: **Finisterra**, XXXVI, 72. 2001. p.83-99.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre; SOARES, Beatriz Ribeiro. Reflexões sobre qualidade ambiental urbana. In: **Estudos Geográficos**. Rio Claro, 2004 v.2 n.2: p. 21-30 Disponível em:< [www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm](http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista.htm)> Acesso em: 30 out. 2009.

GUIMARÃES, Marilda Ferreira. **Contribuição metodológica para avaliação da qualidade ambiental urbana sob uma perspectiva cultural**. Salvador: UFB, 2004

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Local: editora, 2008. 311p

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**: 2000. Agência Rio Grande, IBGE – Dados dos setores censitários do distrito 05.

LIMONAD, Ester. LIMA, Ivaldo Gonçalves. Entre a ordem próxima e a ordem distante: contribuições a partir da obra de Henri Lefèbvre. In: **Entre a Ordem Próxima e a Ordem Distante: contribuições a partir do pensamento de Henri Lefèbvre / Ester Limonad (org.)**. ¾ Niterói: UFF/GECCEL, 2003. P.15-33 1. CD-ROM

LOMBARDO, Magda Adelaide. **Ilha de calor nas metrópoles: o exemplo de São Paulo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985. 244 p.

LOPES, Léa Helena Santana. **Estudo sobre a ocupação e organização social do loteamento ABC VIII Balneário Cassino – Rio Grande**. FURG: Rio Grande, 2000 p.48

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. -São Paulo: Martins Fontes, 2006. 227 p.

MACHADO, Lucy Marion.C.P. Paisagem Valorizada: A Serra do Mar como espaço e como lugar. In: RIO, Vicente del; OLIVEIRA, Lívia de.(org). **Percepção Ambiental: A experiência Brasileira**. Ed.UFSCar: São Carlos: São Paulo, 1996. P. 97- 119.

MACIEL, Caio Augusto Amorim. **Morfologia da paisagem e imaginário geográfico: uma encruzilhada onto-gnoseologica**.

MARIN, Andréia Aparecida. **Percepção ambiental e imaginário dos moradores do município de Jardim/MS**. São Carlos/SP, 2003. (Tese em Ecologia e Recursos Naturais)

MARTINS, Solismar Fraga. **A produção do espaço em uma cidade portuária industrial: O caso do município do Rio Grande/RS**. Tese de doutorado em Geografia. Florianópolis: UFSC, 2004. p.25-41

MARTINELLI, Marcello. **Mapas da Geografia e Cartografia Temática**. 3ªed. São Paulo: Contexto, 2006. 110 p.

MAXIMIANO, Liz Abad. **Considerações sobre o conceito de paisagem**. R. RA'EGA, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Editora UFPR

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2010. 29ed. 108 p.

NAHAS, Maria Inês Pedrosa. Indicadores intra-urbanos de gestão de qualidade de vida urbana em grandes cidades: uma discussão teórico-metodológica. IN: VITTE, Claudete de Castro Silva; KEINERT, Tânia Margarete Mezzomo. **Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana: Discussões Teórico-Metodológicas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 123-153

NUCCI, João Carlos. **Qualidade ambiental e adensamento urbano: um estudo de ecologia e planejamento da paisagem aplicado ao distrito de Santa Cecília (MSP)**. Curitiba: Edição do autor, 2008. 150p.

OLIVEIRA, Denise Alves de. **Ecologia e valoração da paisagem do entorno da cidade de Paranaguá**. Curitiba, 2003. (Dissertação)

Organização do sistema viário. São Paulo: Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em:

<<http://www.poli.usp.br/d/ptr2437/Cap%C3%ADtulo2a.pdf>> Acesso em: 2 ago. 2011.

PEREIRA, Célia Maria. **Memórias de um Balneário Cassino: Patrimônio edificado do Cassino**. Rio Grande: Salisgraf, 2005. 94p.

PEREIRA, Júlio Cesar Rodrigues. **Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais**. 3.ed. São Paulo: EdUSP, 2004. 160p.

RAMIRES, Paula Florencio. Transformação da paisagem: percepção ambiental dos idosos do Núcleo Universitário da Terceira Idade do Cassino, Rio Grande-RS. Disponível em:

<[http://www.geo.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/trabalhos\\_completos/eixo11/069.pdf](http://www.geo.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/trabalhos_completos/eixo11/069.pdf)> Acesso em: 30 ago 2010.

RODRIGUEZ, José Manuel Mateo. **Geografía de los paisajes**. 1º parte paisajes naturales. La Habana, 2002. 190p.

ROSSATO, Marivane Vestena. **Qualidade ambiental e qualidade de vida nos municípios do estado do rio grande do sul**. Viçosa: UFV, 2006.

SALVATORI, Elena; et.al. Crescimento horizontal da cidade do Rio Grande. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, 1989. V. 51 n.1p. 27-71.

SANTOS, Rozely Ferreira dos. **Planejamento Ambiental: teoria e prática**. São Paulo: oficina de Textos, 2004.

SCHIER, Raul Alfredo. **Trajetórias do conceito de Paisagem na Geografia**. R. RA'EGA, Curitiba: Editora UFPR. n. 7, p. 79-85, 2003.



SCHMIDT, Edgar. **Avaliação da Qualidade Ambiental Urbana do Bairro de Santa Felicidade, Curitiba/PR.** Curitiba: UFPR, 2009.115p. (Dissertação de Mestrado)

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980. 288p.

UGEDA JÚNIOR, José Carlos. **Qualidade Ambiental e Planejamento da Paisagem na Cidade de Jales-SP.** São Paulo: UNESP, 2007. 244p. (Dissertação de Mestrado)

VARGAS, Heliana Comim; RIBEIRO, Helena. (Orgs) **Novos instrumentos de gestão ambiental urbana.** São Paulo: EdUSP, 2001. 153p.

VIEIRA, Euripedes Falcão; RANGEL, Susana Regina Salum. **Rio Grande:** geografia física, humana e econômica. Porto Alegre: Sagra, 1983. 158p.

\_\_\_\_\_. **Planície costeira do Rio Grande do Sul:** geografia física, vegetação e dinâmica sócio-demográfica. Porto Alegre: Sagra, 1988. 256p.

VITTE, Claudete de Castro Silva. A qualidade de vida urbana e sua dimensão subjetiva: uma contribuição ao debate sobre políticas públicas e sobre a cidade. IN: VITTE, Claudete de Castro Silva; KEINERT, Tânia Margarete Mezzomo. **Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana:** Discussões Teórico- Metodológicas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p. 89- 109

VITTE, Claudete de Castro Silva; et.al. A experiência do projeto observatório da qualidade de vida de Santo André (200-2003). IN: VITTE, Claudete de Castro Silva; KEINERT, Tânia Margarete Mezzomo. **Qualidade de vida, planejamento e gestão urbana:** Discussões Teórico- Metodológicas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p.213-226

# **Anexo A**

**Anexo A– Componentes da Qualidade Ambiental Urbana.**

ESPACIAIS	BIOLÓGICOS	SOCIAIS	ECONÓMICOS
Bem-estar vegetação, espaços abertos, tranquilidade	Saúde Física saneamento, insolação, níveis de ruído, qualidade do ar	Organização comunitária, de classe, associações	Oportunidades emprego, trabalho, negócios
Acessibilidade sistema viário, transporte	Saúde Mental estresse, congestionamentos, filas, solidão, reclamações	Realização Pessoal amizade, afeto, reconhecimento,	Produtividade economia e deseconomias de aglomeração; trânsito, custo de vida; competição, complementaridade
Desenho Urbano elementos visuais, monotonia, desordem, informação	Segurança trânsito, edificações, marginalidade	Contatos encontros, privacidade, solidariedade	Diversidade escolhas
Referenciais orientação, história, marcos		Atividades lazer, recreação, cultura, compras	
Uso e Ocupação do Solo densidades, conflito de usos, facilidades, permeabilidade, segregação		Realização Profissional mobilidade, oportunidades	
		Acesso e Opções moradia, trabalho, serviços urbanos, serviços sociais, transporte	

FONTE: VARGAS, 1999

# Apêndice A

## Termo de Consentimento livre e Esclarecido

**Título da pesquisa:** Avaliação da Qualidade Ambiental Percebida: Balneário Cassino, Rio Grande-RS.

**Pesquisador responsável:** Paula Florencio Ramires

**Instituição:** Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Mestrado em Geografia da FURG.

Prezado (a) Senhor (a):

- Você está sendo convidado (a) a responder às perguntas desta entrevista de forma totalmente **voluntária**.
- Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder à entrevista é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.
- Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decidir a participar.
- Você tem o direito de **desistir** de participar da pesquisa a qualquer momento.

**Objetivo do estudo:** Avaliar a qualidade ambiental do Balneário Cassino.

**Procedimentos.** Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas em responder às perguntas formuladas neste roteiro de entrevista.

**Benefícios.** Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para você.

**Sigilo.** As informações fornecidas por você serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

# Apêndice B

Nome: \_\_\_\_\_  
Escolaridade: \_\_\_\_\_ Cidade de Origem: \_\_\_\_\_  
Profissão: \_\_\_\_\_ Quanto tempo mora no Cassino: \_\_\_\_\_

### **Roteiro de entrevista**

O que você acha desse lugar? Aspectos positivos e negativos? O que é bom no bairro?

1- o que você acha das casas/ edifícios da vizinhança? Como são as residências e os edifícios esteticamente, ou seja, as suas formas, cores? Tem boa circulação de ar, tem boa iluminação do sol?

2- o que você acha das ruas e das calçadas?

Como são as ruas e as calçadas? As ruas tem boa sinalização e identificação?

Como é o acesso das ruas e das calçadas no inverno e no verão?

Como ficam quando chove e depois?

Como é arborização deste local?

E a segurança deste local?

3- Aqui na vizinhança como são as áreas de lazer?

O que você acha das áreas de lazer? Frequenta as áreas de lazer?

Frequenta a praia? Qual o local da praia?

4- o que você acha dos serviços de transporte público, de escola, de saúde no inverno e no verão?

5- o que você acha sobre os serviços de comércio, farmácias, bares, restaurantes, lojas?

5.1- e quanto a sua distribuição, a variedade de produtos, os preços

6- Aqui na vizinhança como são os eventos culturais (música, cinema, dança, teatro no inverno e no verão? O que falta?

7- como são os moradores deste local? Como são os vizinhos?

7.1- como é a relação dos moradores com os vizinhos?

7.2- e com os turistas?

7.3- os moradores cuidam do entorno, dos arredores da sua casa? De que maneira?

8- como é o trânsito de veículos no inverno e no verão?

9- como é o serviço de limpeza no inverno e no verão?

Como é a limpeza do local no inverno e no verão?

10- o que você acha da iluminação pública?

11- como é este lugar no inverno e no verão?

12- o quanto você se identifica com os moradores deste lugar? Por quê?

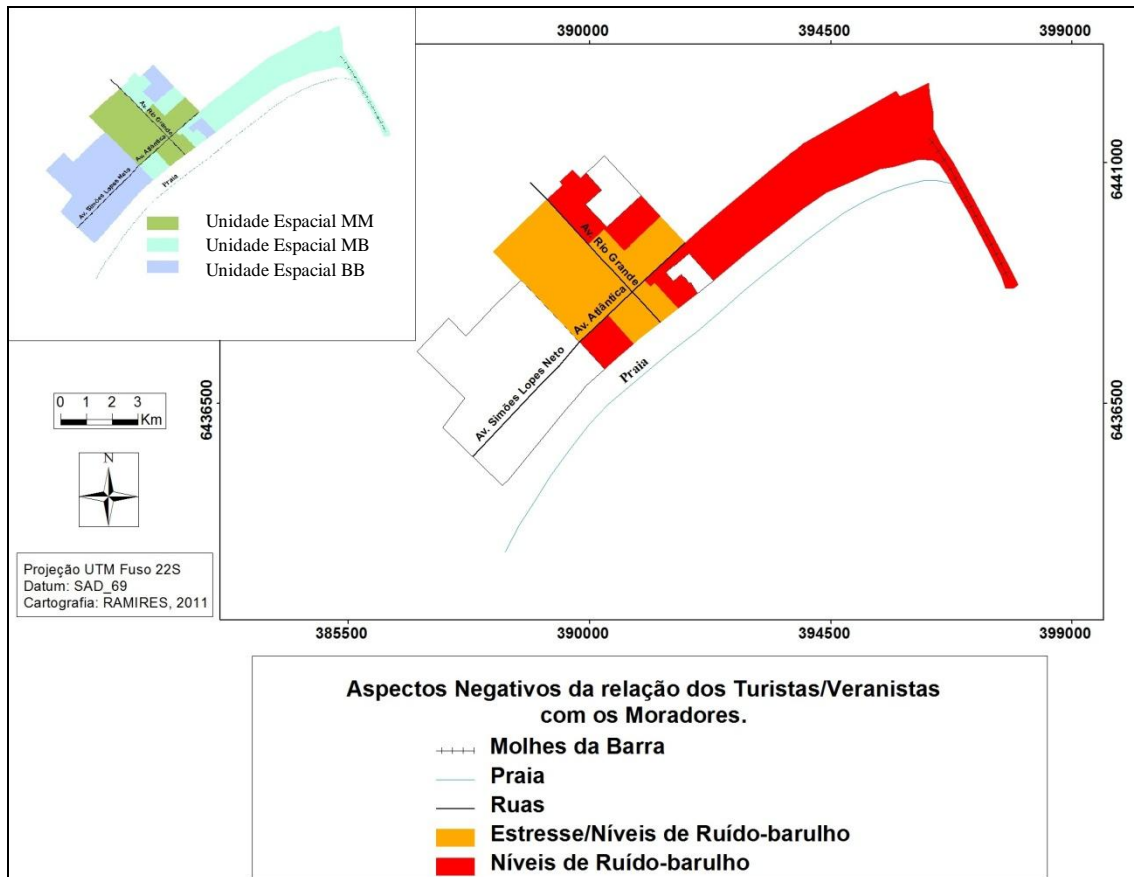
13- o que você acha da vizinhança?

# Apêndice C



UE	Comp.	Sub-componentes	O que acha do local?		Arborização		Casa		Ruas		Lazer/Eventos		Transp.		Serviços Sociais		Serviços Urbanos		Outros Serviços		Moradores		Turistas/Veranistas		Trânsito		Lugar		Identificação		
			P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	P	N	
UNID.ESPACIAL	Espacial	Bem-Estar																													
		Acessibilidade																													
		Desenho Urb.																													
		Referenciais																													
		Uso e Ocup. Solo																													
	Biológico	Saúde Física																													
		Saúde Mental																													
		Segurança																													
	Social	Secretaria																													
		Realiz.Pessoal																													
		Contatos																													
		Atividades																													
	Econômico	Acesso e Opções																													
Oportunidades																															
Produtividade																															
Diversidade																															
UNID.ESPACIAL	Espacial	Bem-Estar																													
		Acessibilidade																													
		Desenho Urb.																													
		Referenciais																													
		Uso e Ocup. Solo																													
	Biológico	Saúde Física																													
		Saúde Mental																													
		Segurança																													
	Social	Secretaria																													
		Realiz.Pessoal																													
		Contatos																													
		Atividades																													
	Econômico	Acesso e Opções																													
Oportunidades																															
Produtividade																															
Diversidade																															
UNID.ESPACIAL	Espacial	Bem-Estar																													
		Acessibilidade																													
		Desenho Urb.																													
		Referenciais																													
		Uso e Ocup. Solo																													
	Biológico	Saúde Física																													
		Saúde Mental																													
		Segurança																													
	Social	Secretaria																													
		Realiz.Pessoal																													
		Contatos																													
		Atividades																													
	Econômico	Acesso e Opções																													
Oportunidades																															
Produtividade																															
Diversidade																															

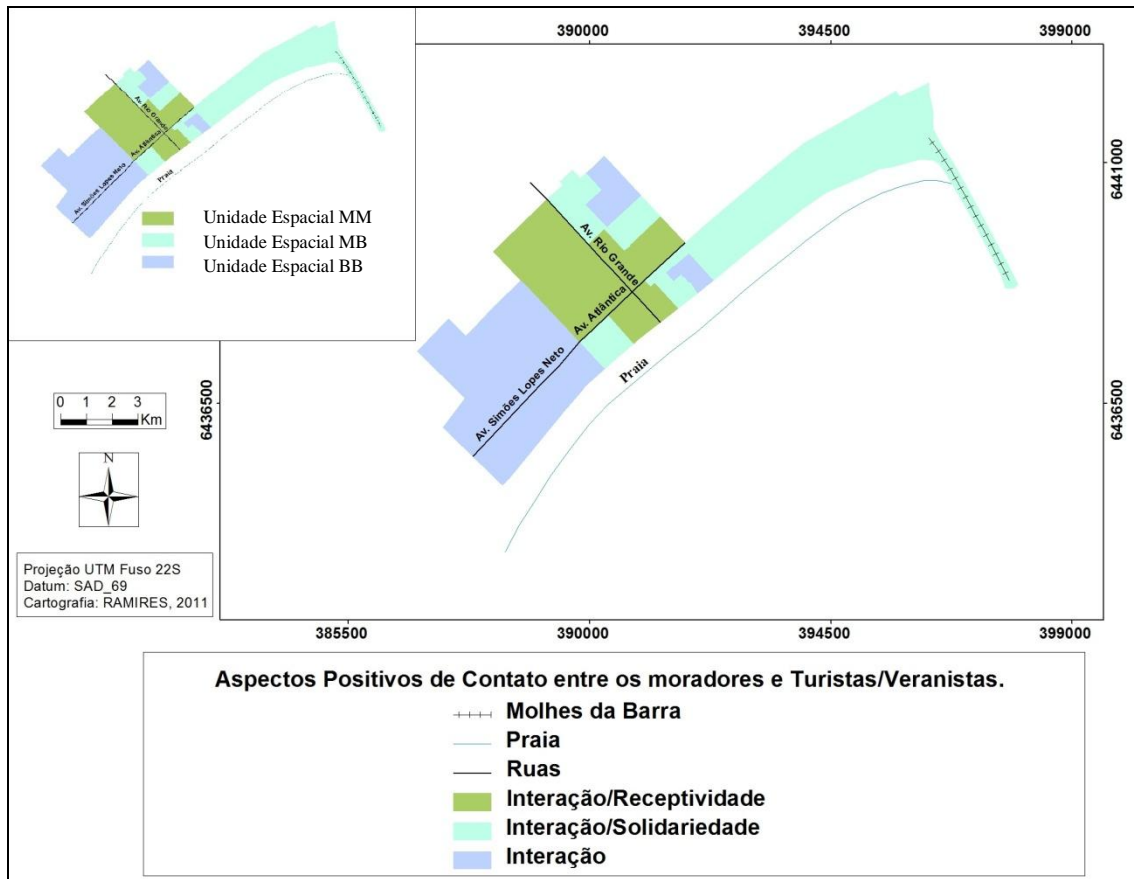
# Apêndice D



**Apêndice D – Componentes Biológicos (Saúde Mental) negativos na percepção dos entrevistados sobre a relação entre os moradores e os turistas/veranistas.**

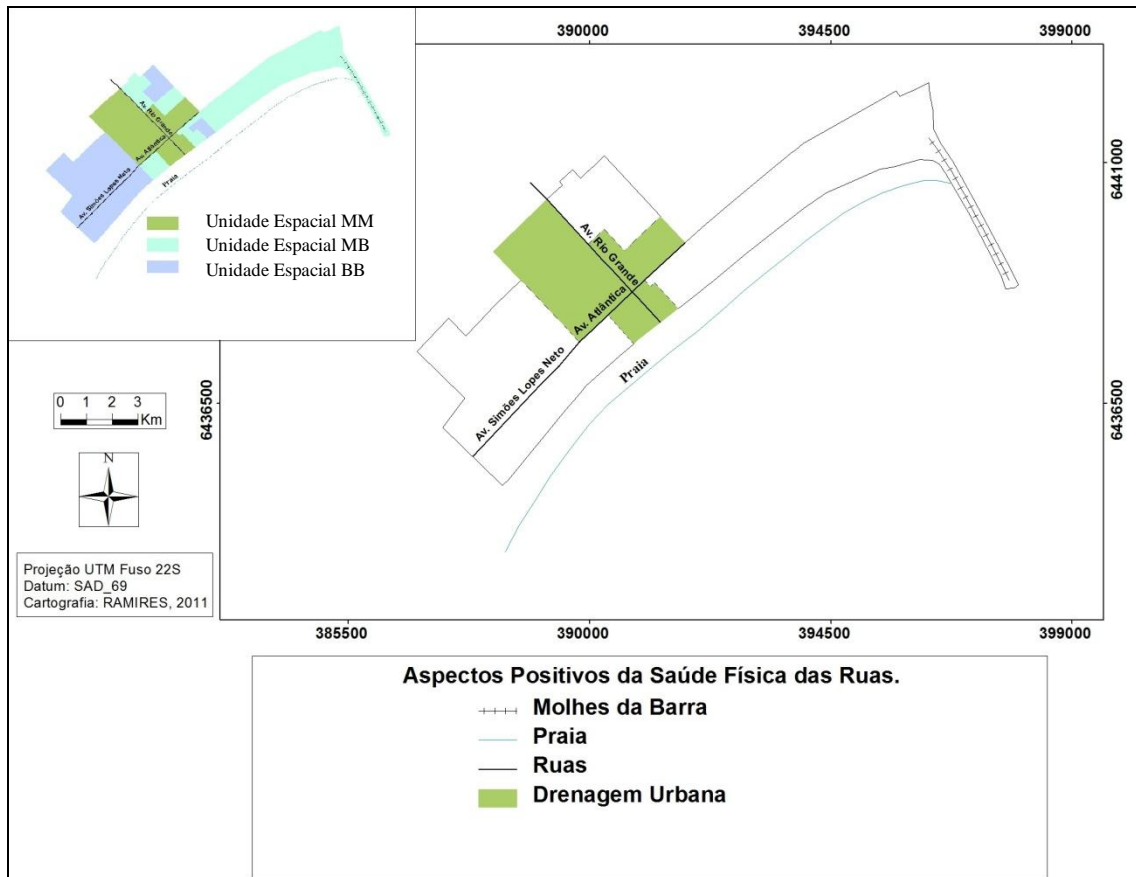
FONTE: RAMIRES, 2010-2011

# Apêndice E



**Apêndice E – Componentes Sociais (Contato) positivos na percepção dos entrevistados sobre a relação dos moradores com turistas/veranistas.**  
 FONTE: RAMIRES, 2010-2011

# Apêndice F

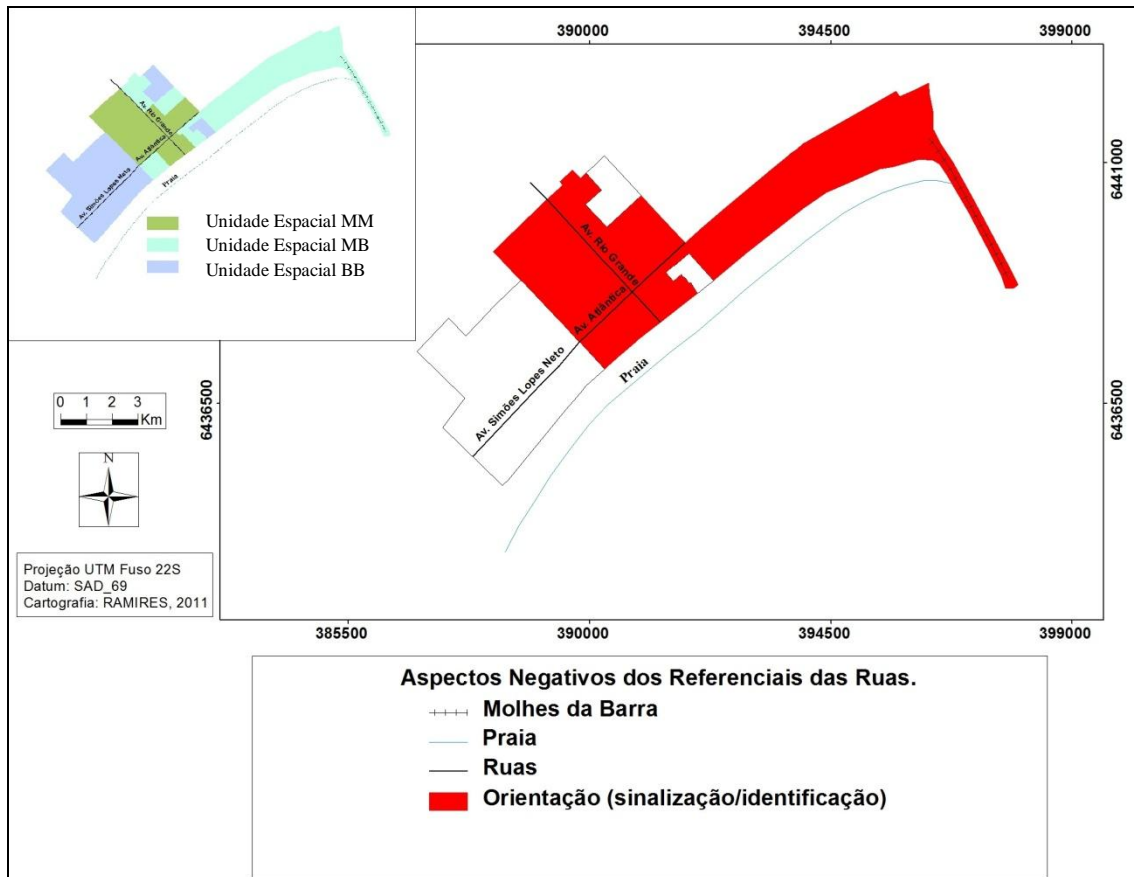


**Apêndice F – Componentes Biológicos (Saúde Física) positivos na percepção dos entrevistados sobre as ruas.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

# Apêndice G

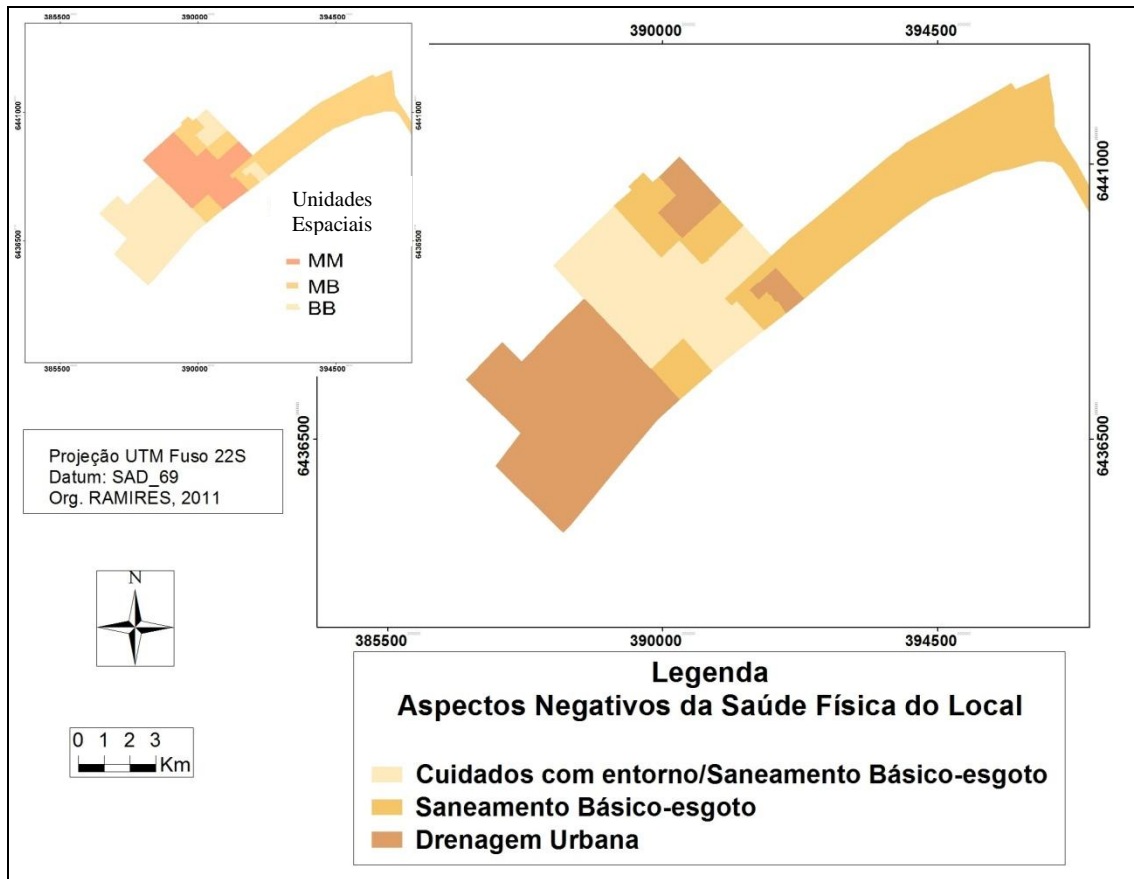




**Apêndice G – Componentes Espaciais (Referenciais) negativos na percepção dos entrevistados sobre as Ruas.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

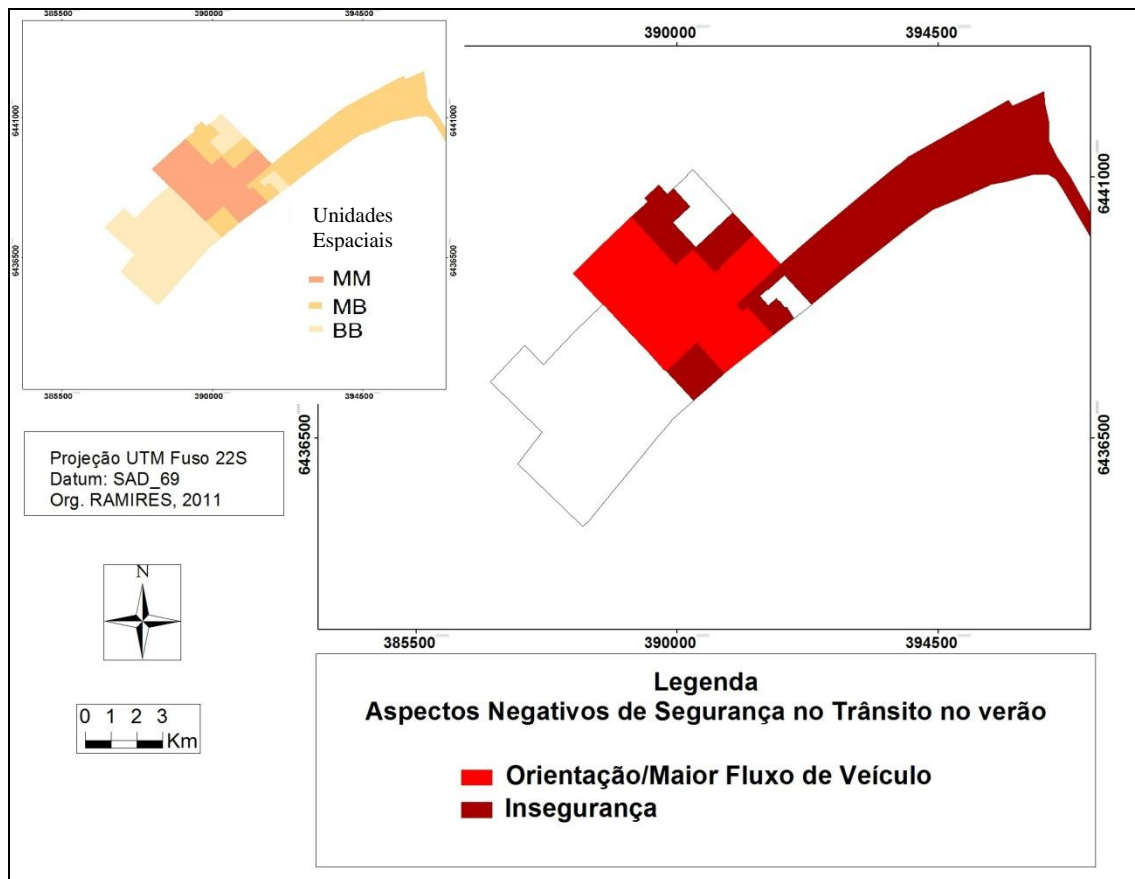
# Apêndice H



**Apêndice H – Componentes Biológicos (Saúde Física) negativos na percepção dos entrevistados sobre o Balneário Cassino.**

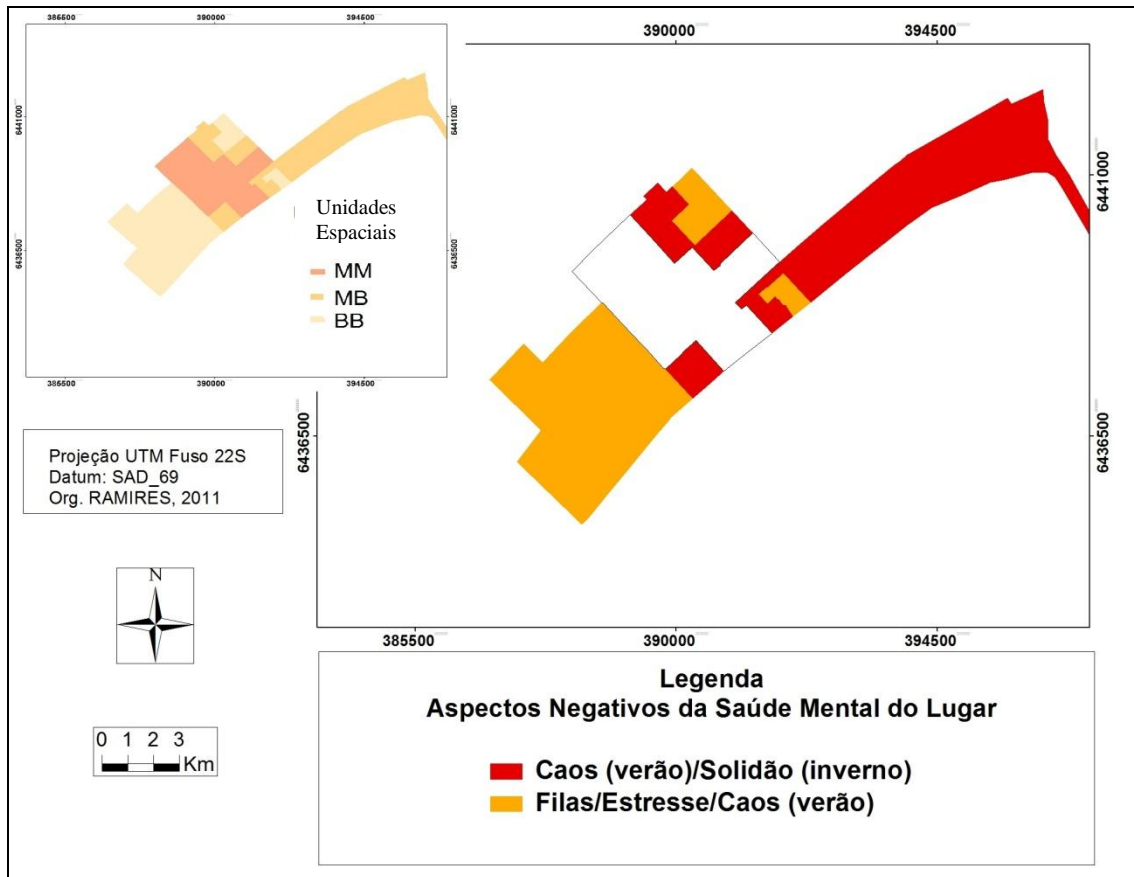
FONTE: RAMIRES, 2010-2011

# Apêndice I



**Apêndice I – Componentes Biológicos (Segurança) negativos na percepção dos entrevistados sobre o trânsito no Bañeário Cassino.**  
 FONTE: RAMIRES, 2010-2011

# Apêndice J

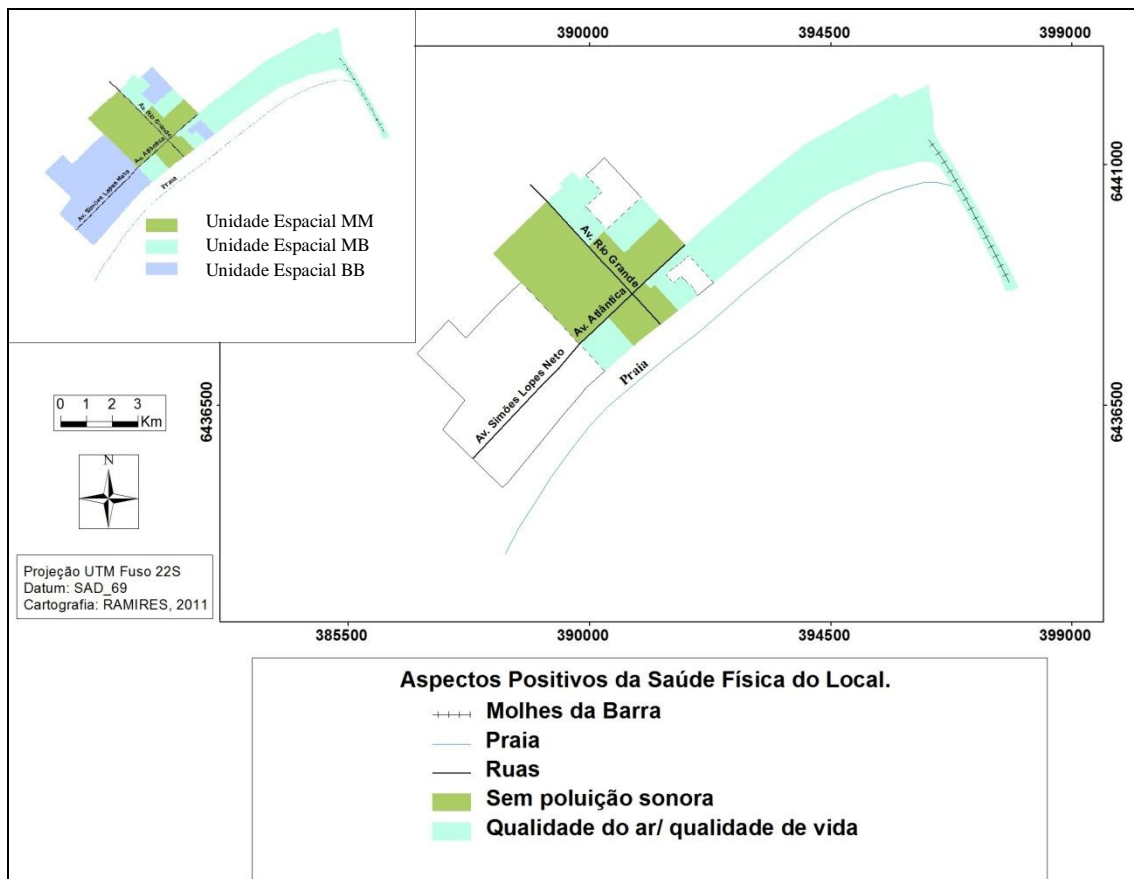


**Apêndice J – Componentes Biológicos (Saúde Mental) negativos na percepção dos entrevistados sobre o lugar.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011

# Apêndice K





**Apêndice K – Componentes Biológicos (Saúde Física) positivos na percepção dos entrevistados sobre o Balneário Cassino.**

FONTE: RAMIRES, 2010-2011